

Universidade Metodista de São Paulo  
Faculdade de Humanidades e Direito  
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

Christina Takatsu Winnischofer

**Casamentos entre Católicos Romanos e Judeus:  
desafios de conviver com diferentes tradições religiosas  
e o de orientar os filhos na sua formação espiritual.**

São Bernardo do Campo

2009.

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Christina Takatsu Winnischofer

**Casamentos entre Católicos Romanos e Judeus:  
desafios de conviver com diferentes tradições religiosas  
e o de orientar os filhos na sua formação espiritual.**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial  
às exigências do programa de Pós-graduação em  
Ciências da Religião para obtenção do grau de  
mestre.

Orientador: Prof. Dr. James R. Farris

São Bernardo do Campo

2009.

A todas as pessoas que ousam  
se perder para se encontrar.

## Agradecimentos

A Deus, meu sustento em todos os momentos de minha vida.

Aos meus pais, que ousaram viver uma relação inter-cultural numa época em que isso não era comum e deram-me a possibilidade de crescer num ambiente multicultural.

Aos meus irmãos Godofredo e Herbert, por serem minha inspiração para enfrentar o desafio de aprender a construir um conhecimento acadêmico.

Ao Prof. James R. Farris, por ter-me acompanhado nesta jornada e ter-me oferecido orientação e apoio.

Aos Professores e colegas, pela partilha.

Aos casais que se dispuseram a colaborar com esta pesquisa e todos que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho fornecendo informações e comentários.

A CAPES e USPG, pelo apoio financeiro sem o qual não seria possível chegar até aqui.

Aos amigos de todas as horas, que estiveram comigo e me incentivaram nos momentos difíceis e celebraram as conquistas ao longo da caminhada.

Página de Aprovação

WINNISCHOFER, Christina Takatsu. **Casamentos entre Católicos Romanos e Judeus: desafios de conviver com diferentes tradições religiosas e o de orientar os filhos na formação espiritual.** São Bernardo do Campo 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo observar o casamento inter-religioso. O encontro de duas culturas religiosas pode e, provavelmente, constituirá fonte de conflito. Os conflitos emergentes podem ocorrer, não por uma visão diferente de mundo, mas essencialmente porque o outro, por ser diferente, ameaça a identidade do indivíduo. Frente à ameaça, é necessário fortalecer a própria identidade.

A partir de entrevistas com seis casais em casamentos inter-religiosos, mais especificamente, entre cristãos e judeus, e com filhos com idade entre zero e cinco anos e entre quatorze e vinte e quatro anos de idade, residentes em São Paulo, Capital, pretendi analisar como os casais lidam com os desafios que surgem quando um cônjuge pertence a uma tradição religiosa diferente da do outro. Dentre os desafios, está o de lidar com a educação religiosa ou a formação espiritual de seus filhos. Utilizando-se como referencial a Terapia Sistêmica Familiar, principalmente o trabalho de Paul Watzlawick sobre a comunicação e o de Murray Bowen sobre o funcionamento humano dentro dos sistemas familiares, além de outros referenciais auxiliares para trabalhar a questão intercultural no casamento, pretendi discutir as implicações para a práxis religiosa e oferecer contribuições à clínica psicológica e às ciências da religião.

A psicologia necessita repensar sua prática, deixando o preconceito em relação à religião de lado e incluindo essa em seus estudos, de modo a aproximar o discurso e a prática do terapeuta, uma vez que pode tomar consciência de seus próprios valores religiosos quando buscar compreender a religião e a espiritualidade de sua clientela.

Por sua vez, as instituições religiosas necessitam refletir sobre sua práxis, de modo a alcançar as famílias que se encontram na periferia das religiões. Famílias que solicitam uma orientação, uma formação religiosa, mas que, sendo inter-religiosas, necessitam ser reconhecidas e respeitadas como tal. Portanto, as igrejas precisam abrir-se, deixar de olhar para dentro de si mesmas e servir ao mundo, mesmo que parte desse mundo nunca venha a se tornar formalmente membro da comunidade.

Palavras chave: religião, cultura religiosa, sistema familiar, psicologia, casamento inter-religioso.

WINNISCHOFER, Christina Takatsu. *Marriage between Roman Catholics and Jews: challenges for living with different religious traditions and how to raise children in different religious and spiritual traditions*. São Bernardo do Campo, 2009. Masters in Religious Sciences. Universidade Metodista de São Paulo.

### ABSTRACT

The objective of this research is to observe inter-religious marriages. The encounter between two religious cultures can be, and generally is, a source of conflict. The emerging conflicts often occur not because of a different world vision, but basically because the other, by being different, threatens the identity of the individual. Facing this threat, it is necessary to strengthen their own identity.

Based on interviews with six couples in inter-religious marriages, and specifically between Christians and Jews, and with children between birth and five years of ages and between thirteen and twenty four years of age, residents of the city of São Paulo, the intention of this research is to analyze how the couples deal with the challenges that arrives when one of the members of the couples belongs to a different religious tradition than the other. One of the principal challenges is how to deal with the religious education and spiritual formation of their children. The primary theoretical reference is Family Systems theory, principally the works of Murray Bowen regarding human behavior within family systems, but the research includes other secondary authorities that deal with the question of inter-cultural marriage. The intention is to discuss the implications of this reality for religious praxis and offer contributions for clinical psychology and the field of religious studies.

Psychology needs to rethink its practice, leaving behind its prejudices in relation to religion and including this experience in its studies in order to inform both theory and therapy. This is fundamental in the process of understanding religious values and understanding the religiosity and spirituality of the client.

On the other hand, religious institutions need to reflect on their praxis in terms of reaching families that are on the fringes of traditional religion, but still, being inter-religious, need to be recognized and respected as they are. As such, churches need to open themselves, reduce their tendency to look only at themselves and their context, and serve the world around them; even if parts of this world will never be formal members of their community.

Key-Words: religion, religious culture, family systems, psychology, inter-religious marriage.



WINNISCHOFER, Christina Takatsu. **Casamientos entre los católicos romanos y judíos: los retos de vivir con las distintas tradiciones religiosas y orientar a sus hijos en la formación espiritual.** São Bernardo do Campo 2009. Disertación (Master en Ciencias de la Religión) – Universidade Metodista de São Paulo.

## ABSTRACTO

El objetivo de esta investigación es observar el casamiento inter-religioso. El encuentro de dos culturas religiosas puede ser una fuente de conflicto. Los conflictos emergentes pueden ocurrir no a causa de una visión de mundo diferente, sino debido a que el otro es, esencialmente, diferente y esto amenaza la identidad del individuo. Ante tal amenaza, es necesario fortalecer la propia identidad.

A partir de las entrevistas realizadas a seis parejas que profesan religiones diferentes, específicamente la judía y la cristiana, con hijos con edades de cero a cinco y de catorce a veinticinco años, residentes en la capital estadual paulista, São Paulo, pretendí analizar cómo los matrimonios lidian con los desafíos que surgen cuando un cónyuge pertenece a una tradición religiosa diferente de la del otro. Entre tales retos está la educación religiosa o la formación espiritual de sus hijos. Tomando como referencia la Terapia Sistémica Familiar, principalmente el trabajo de Paul Watzlawick sobre la comunicación y el de Murray Bowen acerca del funcionamiento humano dentro de los sistemas familiares, además de otras referencias auxiliares para abordar la cuestión inter-cultural en el casamiento, pretendí discutir las implicaciones de tal realidad en la praxis religiosa y ofrecer aportes útiles para el ejercicio de la psicología clínica y para la praxis religiosa.

La psicología necesita repensar su práctica. Debe dejar a un lado los prejuicios relativos a la religión, incluyéndola como materia inherente a sus estudios, para aproximar el discurso y la práctica del terapeuta. Esto posibilitará la toma de conciencia acerca de los valores religiosos y la comprensión de la religión y de la espiritualidad de la clientela.

Por otro lado, las instituciones religiosas necesitan reflexionar sobre su praxis para que puedan ayudar a las familias que se encuentran en la periferia de las religiones. Familias que solicitan una orientación, una formación religiosa, pero que, al ser inter-religiosas, precisan ser reconocidas y respetadas como tal. Por lo tanto, las iglesias deben abrirse. Es menester que dejen de mirar hacia sí mismas y se pongan al servir del mundo, aunque parte de ese mundo nunca vaya a tornarse parte de su comunidad.

Palabras clave: religión, cultura religiosa, sistema familiar, psicología, casamiento inter-religioso.

## SUMÁRIO

Glossário de termos judaicos .....	11
Introdução .....	14
<b>1. FAMÍLIA COMO SISTEMA E CASAMENTO INTER-RELIGIOSO .....</b>	<b>19</b>
1.1 Teoria de Sistemas .....	20
1.2 Sistemas familiares .....	22
1.3 A História da terapia familiar no Brasil.....	25
1.4 O que é família? .....	27
1.5 Família como um sistema comunicativo .....	29
1.6 Contextualizando o casamento inter-religioso .....	33
1.6.1 O contexto urbano .....	33
1.6.2 Cultura e identidade.....	36
1.6.3 O mundo humano é a cultura. ....	39
1.6.4 Religião como produto cultural .....	41
1.6.5 Herança cultural.....	43
1.7 O diálogo inter-religioso e a práxis religiosa.....	45
1.7.1 Casamento inter-religioso entre católicos romanos e judeus.....	48
1.8 Método e metodologia .....	50
1.8.1 Método.....	51
1.8.2 Metodologia.....	51
1.8.3 Participantes.....	54
1.8.4 Local de coleta do material.....	55
1.8.5 Procedimento .....	56
1.8.6 Procedimento ético .....	57
1.8.7 A gravação das entrevistas .....	57
1.8.8 A transcrição das entrevistas .....	58
1.8.9 A análise das entrevistas.....	58
1.9 Considerações .....	59
<b>2. COMPREENDENDO CASAIS EM SEUS CONTEXTOS E CRENÇAS.....</b>	<b>60</b>
2.1 O casal Carlos e Sílvia.....	62
2.1.1 A história de Carlos e Sílvia.....	62

2.1.2 Família extensa e comunidade local.....	63
2.1.3 O subsistema Carlos e Sílvia .....	65
2.2 O casal Maria e Arnaldo.....	69
2.2.1 A história de Maria e Arnaldo .....	69
2.2.2 Família extensa e comunidade local.....	71
2.2.3 O subsistema Maria e Arnaldo .....	72
2.3 O casal Dulce e Roberto .....	77
2.3.1 A história de Dulce e Roberto .....	77
2.3.2 A família extensa e comunidade local.....	78
2.3.3 O subsistema Dulce e Roberto.....	78
2.4 O casal Sônia e Fábio .....	83
2.4.1 A história de Sônia e Fábio.....	83
2.4.2 A família extensa e comunidade local.....	84
2.4.3 O subsistema Sônia e Fábio.....	85
2.5 O casal Marta e Jairo .....	89
2.5.1 A história de Marta e Jairo .....	89
2.5.2 A família extensa e comunidade local.....	90
2.5.3 O subsistema Marta e Jairo.....	92
2.6 O casal Vânia e Jorge .....	95
2.6.1 A história de Vânia e Jorge.....	95
2.6.2 A família extensa e comunidade local.....	96
2.6.3 O subsistema Vânia e Jorge.....	98
3.7 Considerações.....	102
<b>3. IMPLICAÇÕES SISTÊMICAS PARA A PSICOLOGIA E PARA A PRÁXIS</b>	
<b>RELIGIOSA.....</b>	<b>104</b>
3.1 Tendências observadas.....	104
3.2 O senso comum .....	107
3.3 Símbolos religiosos e identidade.....	111
3.4 Implicações para a Psicologia.....	112
3.5 Carl Rogers e uma maneira humanista de relacionar-se.....	115
3.6 Implicações para a práxis religiosa.....	118

3.6.1 Como a igreja protestante lida com o casamento inter-religioso.....	123
3.6.2 Ação pastoral .....	125
3.6.3 Educação cristã – inclusiva, dialogal.....	126
Considerações finais .....	129
Referências .....	133
Apêndices .....	139

## Glossário de termos judaicos

Este glossário foi baseado naquele contido no Guia para o Católico-Judaico da CNBB.

**ASHKENAZÍM** – Nome dado aos israelitas procedentes da Alemanha, Norte da França, Europa Central e Oriental.

**ADONÁÏ** – Um dos nomes de Deus, na Bíblia. Significa "meu Senhor". É plural majestático.

**ANJOS** – A crença em anjos jamais foi considerada básica ou indispensável ao judaísmo. Hoje, os judeus renunciaram, definitivamente, à crença em anjos e voltaram ao ponto de vista racionalista de alguns dos filósofos judeus medievais. Os anjos figuram em sua poesia religiosa e aparecem em algumas das orações, mas eles não constituem assunto de preocupação intelectual ou espiritual.

**B'NAI MITZVÁ** - (filhos do mandamento) é o nome dado à cerimônia que insere o jovem judeu como um membro maduro na comunidade judaica.

**BAR MITZVÁH** - O jovem judeu, ao atingir a idade de 13 anos, contados pelo calendário hebraico, converte-se em *Bar Mitzváh*, ou seja, pela tradução literal, "Sujeito ao Mandamento". Isso significa que, a partir desta data, está "sujeito", isto é, deve participar e praticar todos os 613 mandamentos divinos, sendo ele mesmo responsável por todos os seus atos.

**BAT MITZVÁH** - literalmente "Filha do Mandamento"; termo designado a meninas que completam sua maturidade religiosa aos 12 anos de idade.

**BRIT MILÁ** (em hebraico: literalmente *aliança da circuncisão*), também chamada de **BRIS MILÁ** (na pronúncia askenazi) - Cerimônia religiosa onde o menino varão é circuncidado e incorpora-se à comunidade. Costuma-se realizar o brit em um café da manhã festivo. O prepúcio dos recém-nascidos é cortado ao *oitavo dia* como símbolo da aliança entre Deus e o povo de Israel.

**HANUKÁH** – Festa das Luzes. Significa em hebraico "inauguração". Refere-se, neste caso, à inauguração do Templo de Jerusalém, no ano 168 a.C. Durante oito dias, acende-se, diariamente, uma vela, num candelabro especial (*hanukiyáh*) e celebra-se alegremente esta festa nos lares.

**HUP'ÁH** (Hebr) – Pálio nupcial, sob o qual ficam os noivos durante a cerimônia de casamento.

**JEJUM** – O jejum tem três propósitos distintos na fé judaica: autorrenúncia, luto e súplica. Além do *Yôm Kipur*, diversos jejuns menores são observados pelos ortodoxos, o mais importante dos quais, o Dia das Lamentações, *Tish`áh Be`áb*, o nono (dia) no (mês) *Ab*.

**KASHÊR** – Alimentos permitidos pelas leis judaicas, "apropriado para comer, limpo". Excluiu-se da alimentação judaica a carne de determinados animais cujos parasitas são portadores de enfermidades. Segundo a lei judaica, nenhum animal que haja estado enfermo ou que haja morrido acidentalmente é "*kashêr*".

**KEHILÁ** (Hebr) – Qehilláh – Comunidade coletiva. Congregação.

**KETUBÁH** – Contrato matrimonial judaico, que estabelece as obrigações entre as partes, como também prevê uma penalidade monetária, no caso de divórcio, sendo uma antiga medida para prestigiar os direitos da mulher.

**KIPPÁH** (Hebr) – Solidéu. Cobertura da cabeça. Um costume tradicional exige que os judeus cubram a cabeça em todas as ocasiões, especialmente durante a reza, nas reuniões e durante as refeições. Os judeus liberais dispensam essa atitude, conservando somente esse costume nas sinagogas e durante as cerimônias religiosas.

**MENORÁH** – Candelabro de sete braços. Diz-se que simboliza os arbustos em chamas que Moisés viu no Monte Sinai.

**MEZUZÁH** – Símbolo religioso colocado no lado direito dos umbrais das portas, à entrada. É um pergaminho que contém os dois primeiros parágrafos do *Shemá`*, enrolado e colocado num estojo, que tem uma abertura ou uma saliência na qual se distingue a palavra "*Shadái*", "Todo-poderoso".

**MINYÁN** – Grupo de 10 homens no mínimo, maiores de 13 anos, que a tradição judaica requer para a realização de qualquer ato religioso de caráter público.

**NESSUÍN** (Hebr) – Casamento religioso.

**PÉÇAH**– Nome hebraico da Páscoa. Celebra-se a lembrança da libertação dos israelitas da escravidão do Egito, que ocorreu no dia 14 do mês hebraico *Niçán*, aproximadamente 1280 anos a.C.

**PURÍM** – Festa celebrada no dia 14 de *Adar* ou *Ve-Adar*. Comemora um episódio da vida judaica na Pérsia, e sua heroína é Ester, a esposa do rei *Ahasvêrus*.

**RABI** – Meu mestre. Originariamente o título era aplicado a um doutor da "*Mishnáh*" ou aos amoraítas da Palestina. Mais tarde passou a significar o chefe espiritual de uma comunidade judaica, ou pessoa erudita nas leis judaicas.

**RÔSH HASHANÁH** (Hebr) – Cabeça do ano. Festa do ano judaico, celebrada nos dias 1º e 2 de *Tishri*: dias em que, segundo a tradição, o mundo foi criado. Os outros nomes de *Rôsh Hashanáh* são: *Yôm Hazzikkarôn* (dia da lembrança), *Yôm Terú`a* (dia do toque do *shôfár*), *Yôm Haddín* (dia do julgamento). Festa essencialmente religiosa., celebra-se exclusivamente na sinagoga.

**SÊDER** (Tr) – Ordem. Programa da cerimônia da Festa de *Peçah* no lar, durante as duas primeiras noites.

**SEFARADÍM** – Do hebraico "*sefarád*" (Espanha). Israelitas procedentes da Espanha, Balcãs, Norte da África, etc. e seus descendentes.

**SHABBAT** (Hebr) – Cessação. Sétimo dia da semana na cronologia semanal judaica. Dia santificado. Dia de descanso. Dia dedicado à meditação. O dia da *Shabbat* é, entre as instituições religiosas e sociais, a maior conquista do judaísmo. A *Shabbat* instituiu o princípio segundo o qual o homem tem o direito a seu descanso e à meditação.

**SHALÔM** (Hebr) – Paz. Saudação bíblica empregada entre os israelitas até hoje.

**SHEM`Á** – ou *Qeriať-shem`á*– Principal oração judaica, considerada como a expressão clássica do monoteísmo e a proclamação de fé dos israelitas.

**SINAGOGA** (Gr) – Textualmente: “convocação” ou “assembleia”. Palavra de origem grega. Lugar onde se celebra o culto religioso israelita. Templo. Casa de Deus.

**TORÁH** (Hebr) – Ensino da Lei, especialmente os "Cinco Livros de Moisés". O termo serve frequentemente para toda a lei judaica. Chama-se também em hebraico: *Humásh*, *Hamishá* e *Humashé Torá*.

**YÔM KIPÚR** – Dia do Perdão. Festa máxima dos judeus. Vinte e quatro horas de jejum completo, onde o judeu faz penitência, purifica-se de seus pecados e reza a Deus.

## INTRODUÇÃO

O casamento feliz é e continuará a ser a viagem de descoberta mais importante que o homem jamais poderá empreender.  
Soren Kierkegaard

A migração de pessoas em todas as partes do mundo, em consequência de guerras, perseguições políticas, busca de melhores condições de vida entre outros motivos tem sido intensas. A tecnologia, principalmente através da internet, tem progressivamente aproximado pessoas e culturas.

Pessoas com as mais diversas tradições culturais encontram-se em escolas, universidades e no campo de trabalho. Inevitavelmente, essas pessoas aproximam-se, formando parcerias de trabalho, vínculos de amizade e apaixonam-se. E, em alguns casos, casam-se. Os intercasamentos unem mundos culturais e religiosos.

Embora haja relatos de intercasamentos desde os tempos bíblicos, hoje essa tem sido uma realidade cada vez mais presente, e não é mais uma exclusividade das grandes metrópoles. Os intercasamentos unem mundos culturais e, dentre as produções culturais, está a religião. Para este estudo, tomamos emprestado o conceito sociológico de **religião**, que se refere a “mitos e ritos, a sistemas simbólicos e de crenças, a instituições sociais portadoras de propostas éticas e guardiãs do sagrado, tais como se expressam em contextos socioculturais específicos.” (CARRANZA in Amatuzzi, 2005, p. 73)

Não interessa para este estudo a experiência religiosa, a re-ligação com o transcendente, mas a vinculação das pessoas com uma determinada instituição social com uma tradição religiosa definida. Portanto, usamos o termo **religião** ou **tradição religiosa** para identificar esta realidade culturalmente construída.



Partindo-se da ligação com pessoas com uma determinada religião, e, neste trabalho, trata-se do Judaísmo e do Cristianismo na sua vertente Católica Apostólica Romana, é que se vão investigar e analisar as dinâmicas familiares que surgem a partir das diferenças religiosas. Ou seja, 1) analisar como o casal lida com os desafios e problemas que surgem quando os cônjuges participam de tradições religiosas diferentes; 2) analisar como pais com tradições religiosas diferentes lidam com a formação espiritual de seus filhos; e 3), ainda, se propõe a servir de auxílio para a reflexão da práxis religiosa e clínica, oferecendo-se subsídios para uma discussão de como as comunidades religiosas podem conviver, apoiar e incluir famílias com membros pertencentes a diferentes religiões.

Outro âmbito de interesse desta pesquisa é a preocupação dos pais com a formação espiritual de seus filhos. O termo **espiritual**, ou **da espiritualidade**, é mais apropriado neste contexto porque o interesse dos pais pode ser que o filho ou filha adira a uma religião ou não. Podem também desejar apenas que o filho ou filha tenha uma relação com Deus, ou até entender espiritualidade como uma filosofia de vida regida por princípios éticos. Há casos de pessoas que, mesmo não sendo religiosas, buscam espiritualidade. O fenômeno da privatização da religião reforça as ideias contidas nas palavras **espiritualidade** e **religiosidade**. **Religiosidade**, para Edenio Valle, refere-se à experiência individualizada do transcendente (in Amatuzzi, 2005, p. 93)

Tendo-se em vista esse quadro, fazem-se necessárias referências para o atendimento psicoterapêutico às famílias, bem como para práxis religiosa. Apesar disso, ainda há pouca pesquisa a respeito de relações interculturais no Brasil, principalmente se forem levadas em conta as pesquisas dedicadas mais especificamente ao casamento inter-religioso. Não há ainda produção consistente de literatura a esse respeito neste país.

A sociedade ocidental valoriza o indivíduo e sua individualidade e, neste contexto, a preservação e valorização da tradição cultural e religiosa própria são reforçadas. Assim há de

se ter um respeito de uns para com os outros. Dessa forma, McGoldrick (2003, p. 9) afirma que lidar com o tema da diversidade cultural é uma questão de equilíbrio entre validar as diferenças entre nós e valorizar as forças da nossa humanidade comum.

Este trabalho pretende auxiliar na compreensão da dinâmica familiar e na reflexão das influências da religião e das relações intra e extrafamiliares. Pode, com isso, auxiliar todo e qualquer trabalho de apoio a famílias vivendo situação de um casamento inter-religioso. Minuchin (1994, p. 78, tradução nossa) diz que “[...] ajudando as pessoas a compreender suas conexões, damos a elas poder para assumir a responsabilidade por meio de suas próprias decisões e de sua transformação.”<sup>1</sup>

Os referenciais teóricos principais que vêm da Teoria Familiar Sistêmica são Murray Bowen e Paul Watzlawick. O primeiro, um médico americano com especialização em psiquiatria, iniciou, na década de 50, um projeto de pesquisa com famílias de esquizofrênicos no *National Institute of Mental Health*, em Bethesda. Isso deu origem a sua teoria que descreve funcionamento humano dentro dos sistemas familiares. Paul Watzlawick, de origem austríaca, era filósofo, linguista e psicanalista, formado em psicanálise no Instituto Carl G. Jung, de Zurique. Depois de passar alguns anos lecionando em El Salvador, pretendeu dedicar-se ao estudo da abordagem terapêutica nos Estados Unidos antes de retornar à Europa. Ao descobrir o trabalho da equipe de Bateson, integra a equipe de Palo Alto e desenvolve sua teoria da comunicação. Além desses dois, outros autores servirão de referenciais teóricos secundários, principalmente Esther Perel, Joel Crohn, Joan Laird e Edwin Friedman, que se dedicaram a estudar a cultura, e, de maneira especial, a religião, como definidora e constituidora do *self* e da experiência humana. Carl Rogers e sua visão humanista do ser humano contribuíram para repensar a aproximação de terapeutas e

---

<sup>1</sup> “[...] ayudando a las personas a comprender sus conexiones les damos poder para asumir la responsabilidad por medio de sus propias decisiones y de su cambio.”

aconselheiros com sua clientela e até mesmo de comunidades com aqueles que estão à margem das igrejas. Além desses, Clifford Geertz contribuiu para a perspectiva antropológica, especialmente, a compreensão da transmissão de tradições não formais e da força que essas tradições têm sobre o funcionamento das comunidades religiosas, força maior até que a doutrina da igreja.

Há uma relação dialética entre a pessoa e a religião. A religião como produto cultural tanto é produto humano quanto produz o ser humano. “O homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo. Mais precisamente – ele se produz a si mesmo num mundo” (BERGER, p. 19). E o mundo humano é a cultura.

Este trabalho está dividido em três capítulos que tratarão dos seguintes tópicos: 1. Família como sistema e casamento inter-religioso; 2. As entrevistas com casais judaico-cristãos; e 3. Implicações sistêmicas e para a psicologia e para a práxis religiosa.

O primeiro capítulo tem como foco central a família e a cultura, sendo que será apresentado um breve histórico da teoria geral de sistemas, passando-se para o desenvolvimento histórico da terapia familiar sistêmica na América do Norte e no Brasil e seus principais conceitos. De interesse especial são trabalhos que estudam o contexto cultural como elemento constituinte do *self* e que, portanto, influencia a forma de pensar e sentir dos indivíduos, que se manifesta no comportamento, nas atitudes, resultando implicações para as dinâmicas familiares. Também se discorrerá sobre a religião como construção cultural. Inclusa neste capítulo, uma abordagem teológica do diálogo inter-religioso de maneira mais ampla, que dará suporte para se pensar em uma práxis religiosa que contemple famílias inter-religiosas. Por último, será descrita a metodologia utilizada para a pesquisa com famílias de uniões inter-religiosas.

No segundo capítulo, serão analisadas as entrevistas efetuadas com famílias de união inter-religiosa, apoiadas nos referenciais teóricos da Terapia Familiar Sistêmica, para se

compreender como os casais convivem com diferentes tradições religiosas dentro de seu núcleo familiar e que expectativas em relação à espiritualidade dos filhos existem. Foram entrevistados seis casais. Estas famílias são constituídas de um cônjuge que se reconhece como judeu e outro, como Católico Apostólico Romano. São casais com filhos de zero a cinco anos de idade ou entre treze e vinte e quatro anos. Serão apresentados um breve histórico de suas vidas conjugais e a descrição das relações com suas famílias de origem e com elementos significativos do seu convívio social, isto é, pessoas ou grupos sociais que o entrevistado ou a entrevistada reconhece como exercendo influência sobre sua vida. Em seguida, serão apresentados os desafios e eventuais conflitos que surgem no relacionamento conjugal, decorrentes das diferenças religiosas, analisando-se a comunicação entre o casal e soluções encontradas por eles para lidar com os conflitos, tendo sido incluídas, também, as ideias dos pais concernentes às suas expectativas em relação à educação religiosa dos filhos e como eles comunicam e negociam o encaminhamento dos filhos.

O último capítulo aponta as principais tendências observadas nas famílias em relação à questão religiosa. Primeiramente, são discutidas as implicações das tradições religiosas nos sistemas familiares, oferecendo-se novas perspectivas para a Terapia Familiar Sistêmica. Em seguida, levantar-se-ão questões sobre o contexto religioso em confronto com o contexto religioso-familiar e as expectativas pessoais que poderão oferecer uma luz para a práxis religiosa, isto é, oferecer subsídios para uma discussão sobre como as comunidades religiosas podem conviver, apoiar e incluir famílias com membros pertencentes a diferentes religiões, tanto no convívio diário, quanto, também, no aconselhamento pastoral e educação cristã.

## CAPÍTULO I

### FAMÍLIA COMO SISTEMA E CASAMENTO INTER-RELIGIOSO

Este capítulo é dedicado a apresentar a teoria de sistemas familiares, situando sua origem e seu desenvolvimento no Brasil. Em seguida, são apresentados os principais referenciais teóricos que darão suporte à pesquisa desenvolvida sobre casamentos inter-religiosos, procurando-se esclarecer os conceitos por eles desenvolvidos. São eles: Murray Bowen e Paul Watzlawick.

Murray Bowen (1913 – 1990), formado em medicina, especializou-se em psiquiatria, desenvolveu sua teoria a partir de sua pesquisa com famílias de esquizofrênicos. Os oito conceitos de sua teoria são inter-relacionados; são eles: processo de projeção familiar, processo de transmissão multigeracional, processo emocional da família nuclear, posição entre irmãos, rompimento emocional, processo emocional na sociedade, triângulo e a diferenciação do *self*. Este último é o conceito central de sua teoria.

Paul Watzlawick (1921 – 2007), com formação psicanalítica, ao se deparar com a teoria familiar sistêmica, empenhou-se nesta área e desenvolveu sua teoria da comunicação humana.

Ele apresenta, em sua obra fundamental, os cinco axiomas da comunicação:

- 1) Não se pode não se comunicar.
- 2) Toda a comunicação tem um aspecto de conteúdo e um aspecto de comunicação tais que o segundo classifica o primeiro e é, portanto, uma metacomunicação.
- 3) A natureza de uma relação está dependente da pontuação das seqüências comunicacionais entre os comunicantes.
- 4) Os seres humanos comunicam digital e analógicamente. A linguagem dígitica é uma sintaxe lógica sumamente complexa e poderosa, mas carente de adequada semântica no campo das relações, ao passo que a linguagem analógica possui a semântica, mas não tem uma sintaxe adequada para a definição não-ambígua da natureza das relações
- 5) Todas as permutas comunicacionais ou são simétricas ou complementares, segundo se baseiam na igualdade ou na diferença (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007, p. 47, 50, 54, 61 e 64).

Além dos dois, ainda Esther Perel, Joel Crohn, Joan Laird e Edwin Friedman ajudam a compreender a cultura como elemento de formação da identidade e definidor do *self*. A religião é aqui compreendida no seu aspecto cultural. Esses autores, além de outros mencionados neste capítulo, como Vasconcellos, servem de referenciais teóricos secundários.

Seguindo a proposta da discussão sobre religião na vida das pessoas, vai-se abordar o diálogo inter-religioso como aspecto da práxis religiosa. Dentre os autores que embasam esta discussão, a principal referência é Faustino Teixeira. Para situar o casamento dentro da prática religiosa, vai-se discorrer sobre as orientações da Igreja Católica Romana e do Judaísmo para a questão do casamento inter-religioso. O capítulo apresenta também a metodologia utilizada para a coleta das entrevistas com casais mistos.

## **1.1 Teoria de Sistemas**

Ludwig von Bertalanffy (1901 - 1972) – o biólogo austríaco, autor da Teoria Geral dos Sistemas, unanimemente reconhecido como um dos teóricos pioneiros dos sistemas – considera que se podem distinguir duas recentes tendências básicas na “ciência dos sistemas”- que ele chama de “mecanicista” e “organicista” – as quais distingo como duas vertentes teóricas (Bertalanffy 1967 apud Vasconcelos, 2003) A tendência organicista, destacada por Bertalanffy, está associada à sua Teoria Geral dos Sistemas, enquanto a tendência mecanicista está associada à Teoria Cibernética, do matemático americano Norbert Wiener (1894 – 1964).

Essas teorias não pretendiam descrever a natureza das máquinas ou dos seres vivos. A Teoria Cibernética mesmo nasceu como uma “proposta de construção de sistemas que reproduzissem os mecanismos de funcionamento dos sistemas vivos, ou seja, com a proposta de construção dos chamados autômatos simuladores de vida ou máquinas cibernéticas.” [...]

“Tanto a Cibernética como a Teoria Geral dos Sistemas surgiram pretendendo ser teorias que transcendessem as fronteiras disciplinares” (VASCONCELLOS, 2003, p. 186).

A partir dessas teorias, vários grupos desenvolveram pesquisas que pretendiam não mais conhecer a individualidade da pessoa, como as teorias psicológicas tradicionais, mas a pessoa dentro de seu contexto familiar e cultural.

Os pressupostos da ciência tradicional são três (VASCONCELLOS, 2003):

1) A simplicidade, em que acredita que se pode conhecer o todo pelas partes, decorrendo daí a atitude de análise e a busca das relações causais lineares.

2) A estabilidade, em que se acredita que o mundo é estável, portanto, é possível prever os fenômenos e controlá-los.

3) A objetividade, em que a crença é de que se possa “conhecer objetivamente o mundo tal como ele é na realidade” e a exigência da objetividade como critério de cientificidade. Daí decorrem os esforços para colocar entre parênteses a subjetividade do cientista, para atingir o *uni-verso*, ou versão única do conhecimento.

Vasconcellos, ao discorrer sobre o pensamento sistêmico como “novo paradigma” da ciência, aponta para uma revisão desses três pressupostos da ciência tradicional, que passam a figurar respectivamente como segue:

Quando o observador amplia o seu foco de observação, pode contextualizar o fenômeno e perceber as relações inter- e intra-sistêmicas, portanto, não mais percebe o fenômeno isolado, mas dentro da complexidade de uma teia de inter-relações; então passa a trabalhar com o paradigma da complexidade.

O paradigma seguinte é o da instabilidade. O observador que percebe a dinamicidade das inter-relações presentes no sistema entende que esse está em constante mudança e evolução, de tal forma que ele não pode ser controlado, é instável e imprevisível.

O terceiro paradigma, o da intersubjetividade, diz respeito à relação do observador com o fenômeno observado, isto é, a “realidade” observada é construída a partir daquele que observa. O observador “se inclui verdadeiramente no sistema que distinguiu, com o qual passa a se perceber em acoplamento estrutural, e estará atuando nesse espaço de intersubjetividade que constitui com o sistema com que trabalha (no caso da terapia, o sistema terapêutico, constituído pelo conjunto dos membros da família com os terapeutas)” (VASCONCELLOS, 2003, p. 151).

Para que o fenômeno observado não seja uma realidade particular de quem observa, “a ciência estabelece então critérios de validação da experiência do observador, criando-se espaços consensuais - de inter-subjetividade – onde a ciência possa se desenvolver” (VASCONCELLOS In Macedo, 1994, p. 26).

Em conjunto, esses três pressupostos (da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade) constituem uma visão de mundo sistêmica (Vasconcelos, 2003).

## **1.2 Sistemas familiares**

Em meados do século XX, deu-se início ao trabalho psiquiátrico e psicológico com famílias, fruto do desenvolvimento das teorias de sistemas, cujo início se encontra nos anos trinta. Embora haja estudos que apontem para algumas práticas que já incluíam a família no diagnóstico e no processo terapêutico, não seria apropriado incluí-los no movimento da terapia familiar. Algumas das contribuições que colocaram a família em foco foram: o tratamento do pequeno Hans por Freud em 1909; o atendimento dos assistentes sociais de pessoas no seu próprio ambiente, levando em conta o seu contexto familiar; e ainda o trabalho de aconselhamento de casais desenvolvido a partir dos anos 30, tendo como um dos pioneiros Nathan Ackerman, psiquiatra e psicanalista de Nova Iorque. Murray Bowen afirma que “não



está demonstrado que estes fatores tenham desempenhado algo mais do que um papel indireto em anunciar o movimento familiar” (1989, p. 18, tradução nossa).<sup>2</sup> Ele considera que o movimento familiar teve início com a conexão entre a Teoria Geral de Sistemas e a teoria psiquiátrica.

“Nos Estados Unidos as perspectivas teóricas de Freud e Rogers, consideradas as mais influentes na psicoterapia até meados deste século, reconheciam os problemas das pessoas como provenientes de interações conflituosas nas relações do passado das pessoas. No entanto, a relação terapêutica era mantida na privacidade e longe do contexto conflituoso” (STRECK, p. 53).

A abordagem sistêmica entende a família como uma unidade em que cada um influencia o todo e é influenciado por esse. Assim, a estrutura familiar é formada pelo “padrão de interações organizadas pelas quais uma família interage” (STRECK, 1999, p. 65).

Somente após a Segunda Guerra Mundial é que se impulsionou o trabalho de terapia com famílias, quando alguns terapeutas começaram a ouvir de colegas que estavam trabalhando com toda a família em vez de somente com o paciente, como pregava a terapia tradicional. Alguns desses profissionais pioneiros que começaram um trabalho independente, de observar a influência da família sobre o “doente”, foram Gregory Bateson, Jay Haley, Murray Bowen, Don Jackson, Virginia Satir, Nathan Ackerman, John Bell, entre outros.

Esses profissionais dedicados a aprofundar o trabalho familiar decidiram comunicar-se e reunir-se para trocar experiências. Bowen situa essa emergência repentina do movimento familiar nos anos de 1955-56, sendo que o seu crescimento e sua evolução se deram de maneira veloz a partir daí (BOWEN, p. 18).

Os estudos científicos começaram com a investigação das famílias com pacientes esquizofrênicos. Os psiquiatras passaram a observar os pacientes nas clínicas psiquiátricas

---

<sup>2</sup> No está muy demostrado que estos factores desempeñaran algo más que un papel indirecto en anunciar el movimiento familiar.

juntamente com suas famílias, ao observarem que os pacientes alteravam seu comportamento em decorrência da perturbação que experimentavam quando da visita de seus familiares. Dentre os pesquisadores, destacaram-se Lidz (1965) em Baltimore e New Haven; Jackson (1956) em Palo Alto, Califórnia; Bowen (1960) em Topeka e Bethesda (BOWEN, p. 19).

O grupo de Palo Alto na Califórnia, liderado por Gregory Bateson, foi talvez o mais importante precursor da terapia de famílias. Nos estudos desenvolvidos por Bateson, ele, como antropólogo, tentou relacionar conceitos da cibernética com a antropologia. Em 1952, ele recebeu auxílio financeiro para estudar comunicação humana. Inicialmente, convidou Jay Haley, John Weakland e William Fry para integrar a equipe que iria estudar a comunicação existente entre membros de famílias de esquizofrênicos. Don Jackson passou a fazer parte do grupo em 1954, como consultor e supervisor de psicoterapia. A ênfase na terapia de comunicação popularizou-se por meio do livro *Pragmática da Comunicação Humana*, nos anos 60. (STRECK, 1999, p.56)

O grupo interessado no desenvolvimento de uma teoria da comunicação para explicar o comportamento esquizofrênico tinha a hipótese de que, quando o sistema familiar é perturbado, ele se move em direção ao equilíbrio. Isto é, no sentido de uma autocorreção que preserve os princípios organizativos de sua existência. É muito comum, em terapias com crianças, quando o paciente começa a mudar seu comportamento “problema”, os pais tirarem a criança da terapia. Ao mesmo tempo em que a família deseja que a criança melhore seu comportamento, não quer que a dinâmica familiar se altere. Não há como manter o *status quo*. Quando uma pessoa muda, ela muda sua relação com os demais membros da família. Dessa forma, os pais preferem que a criança continue a ser o “problema” e, assim, manter a família como está.

Muitas vezes, uma família procura a ajuda de um terapeuta em virtude dos problemas de um dos membros da família. A família entende que é aquela pessoa que precisa de ajuda. No

entendimento da Terapia Familiar Sistêmica, este é o “paciente identificado”, isto é, aquela pessoa em que os sintomas do conflito familiar se manifestam. Não é ele o “doente” da família, e, sim, aquele que representa a “doença” da família. Há uma relação entre o surgimento dos sintomas e a posição que a pessoa ocupa no sistema familiar. Dessa forma, o sintoma aparece naquela pessoa que recebe maior pressão dentro do sistema.

Streck (1999, p. 54) aponta que “as pesquisas e observações mostraram que o comportamento do indivíduo pode ser compreendido se se conhece o contexto, o comportamento das pessoas não é mais tão estranho como parecia.” A compreensão de que o comportamento humano é moldado pelo contexto social leva a olhar o paciente identificado como aquela pessoa que denuncia o conflito familiar.

Portanto, o tratamento isolado desse único membro da família com o sintoma não é eficaz para tratar a questão familiar. Assim, conforme Minuchin (1994, p. 48, tradução nossa), “[...] para o terapeuta familiar, a família era uma unidade e quando um ou mais dos membros do sistema apresentavam um problema, era a família o lugar da intervenção.”<sup>3</sup>

### **1.3 A história da terapia familiar no Brasil**

Ao pesquisar os vários estudos que procuraram estabelecer a origem da terapia familiar no Brasil, isto é, onde, quando e como exatamente começou este trabalho em terras brasileiras, verifica-se que, a exemplo do que aconteceu nos Estados Unidos da América, as iniciativas também foram várias e sincrônicas. Também houve uma diversidade na formação dos terapeutas. A abordagem sistêmica assume um espaço importante dentro desse cenário (HINTZ e SOUZA, 2009, p. 96).

---

<sup>3</sup> Minuchin, 1994, p. 48 “[...] para el terapeuta familiar, la familia era una unidad, y cuando uno o más de los miembros del sistema planteaban un problema, era la familia el lugar de la intervención.”

As primeiras experiências de trabalho com famílias podem ser encontradas na década de 60, como, por exemplo, o do Centro de Orientação Juvenil do Rio de Janeiro, que trabalhava com famílias carentes. Esse centro era organizado de forma semelhante aos centros de orientação infantil dos Estados Unidos, onde uma equipe interdisciplinar enfocava o grupo familiar na prática clínica.

Já, na década de 70, os movimentos de vários grupos religiosos, tais como os Encontros de Noivos e Encontros de Casais com Cristo, organizados pela Pastoral da Igreja Católica Romana, despertaram o interesse pela terapia de casal e de família em nosso meio. Hintz e Sousa (2009) afirmam que a lei do divórcio, instituída em 1977, contribuiu para o incremento desses grupos de casais como uma forma de prevenir a dissolução dos casais e famílias. Aos poucos, a família brasileira começou a procurar atendimento para alcançar uma melhor qualidade em suas relações intrafamiliares.

A expansão destes movimentos pelos vários estados do país levou à criação de vários centros e instituições tanto com o propósito de atender as famílias, quanto o de formar profissionais terapeutas. Entre as décadas de 70 e 80, formaram-se os primeiros grupos para atendimento de famílias em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Fortaleza, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre.

Hintz e Souza (2009, p. 97) apontam que “a década de 80 foi significativa para a terapia familiar no Brasil. Surgiu a necessidade de os terapeutas formalizarem um espaço de discussão de idéias e inquietações oriundas de uma prática importante, mas ainda muito precoce no estabelecimento de seus fundamentos entre nós.”

Foi nesta época que surgiram os primeiros cursos de formação oferecidos. Alguns em universidades, como a PUCSP (dois cursos de especialização), Universidade Federal do Rio de Janeiro (dois programas de especialização, um na linha sistêmica e outro na linha psicanalítica), PUCRS em 1988 (Curso de Terapia de Família como curso de Extensão

Universitária na abordagem sistêmica) e Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina, Departamento de Psiquiatria – PROTEF (Curso de Terapia de Família) em 1998.

O primeiro Encontro Nacional de Terapia Familiar, considerado um marco do movimento da terapia familiar, ocorreu em 1982, em São Paulo, organizado pela Psicologia Clínica da PUCSP.

Em 1993, os organizadores do IV Encontro Nacional decidiram transformá-lo no I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, que veio a realizar-se em 1994, em São Paulo. A necessidade de organização do Congresso levou à fundação da Associação Paulista de Terapia Familiar – APTF em 02 de julho de 1993. E, em 31 de julho de 1994, em uma Assembleia realizada no pós-congresso, os sócios fundadores aclamaram a fundação da Associação Brasileira de Terapia Familiar – ABRATEF. As associações regionais deveriam, a partir daí, organizar-se e criar suas próprias associações.

No prefácio dos Anais do I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, Macedo (1995, XVII) escreve que a Terapia Familiar “alcançou um estado de maturidade suficiente para se firmar como campo no Brasil e levar além-fronteiras os resultados desse crescimento, a fim de continuar sua evolução”.

O II Congresso Brasileiro de Terapeutas de Família, ocorrido em 1996, em Gramado, Rio Grande do Sul, reuniu em torno de mil profissionais da área. (HINTZ e SOUZA, 2009, p. 98).

#### **1.4 O que é família?**

Pensar **família** hoje ainda nos remete à família tradicional, aquela formada de um homem, uma mulher e seus filhos, todos vivendo juntos sob o mesmo teto. Esse grupo de

peçoas é considerado a família nuclear. A forma de união dos pais pode ter sido formalizada em cerimônia civil como também em cerimônia religiosa ou podem ter optado por viverem juntos sem formalizar a relação. Espera-se desta família que os pais cuidem da criação dos filhos nascidos da união e que haja apoio emocional mútuo dos cônjuges. Esta concepção de família é relativamente recente. “A família nuclear como a conhecemos tornou-se comum com a urbanização e a industrialização e como consequência da melhora na higiene e nos cuidados clínicos da revolução científica” (MINUCHIN, 2008, p. 36).

O que se percebe é que este segmento de um grupo maior da sociedade vai modificando-se conforme o tempo e a cultura. Essas mudanças trouxeram novos modelos de família. Atualmente nos deparamos com famílias monoparentais, em que as crianças são cuidadas ou pela mãe ou pelo pai, situação essa dada por falecimento ou abandono do cônjuge ou por escolha de uma “produção independente”. Há famílias em que o “posto vago” é assumido por outra pessoa, que pode ainda vir acompanhada de seus próprios filhos. Há ainda famílias com pais do mesmo sexo.

Aqui se pode ampliar a idéia de que toda família é singular, conforme Minuchin (2008). Ele atribui essa singularidade ao discutir as famílias nos seus aspectos socioeconômicos e étnicos. Somam-se a esses, os aspectos de gênero, sexualidade e religião. Todos esses vários aspectos, simultaneamente presentes e com diferentes combinações e presentes nas diferentes formações familiares fazem cada família única e singular. Desse modo, deve-se atentar para o perigo de se observarem as famílias tentando-se enquadrá-las em algum tipo de modelo.

Sendo a família um sistema de relações, os resultados dessas interações podem ser muitos e variados. Dentro da família nuclear, ainda encontramos os subsistemas, formados pelas díades marido-mulher, pai-filho, mãe-filha, pai-filha, mãe-filho, irmão-irmã.

Andolfi (in ELKAÏM, 1998, p. 127) lembra que “em cada casal não existem apenas um homem e uma mulher unidos, mas dois sistemas familiares.” Em seu modelo trigeracional, ele

aponta que, em toda família, existem, pelo menos, três gerações que se influenciam reciprocamente. Portanto, toda história familiar necessita ser compreendida dentro da teia de relações que são estabelecidas com as famílias de origem.

A família é um sistema em constante transformação uma vez que as exigências do ciclo de vida de seus membros provocam uma pressão interna em direção à mudança. Além das pressões internas, as famílias, sendo um sistema aberto, sofrem também pressões externas, provenientes de exigências sociais (ANDOLFI, 1984).

Para atingir a diferenciação – para encontrar o *espaço pessoal*, a própria identidade –, cada pessoa crescerá e se definirá por meio de trocas com outras pessoas (ANDOLFI, 1984, p. 19). Isso trará fases de instabilidade na família; entretanto, se a família for capaz de tolerar a diferenciação de seus membros, ela passará para um novo equilíbrio funcional.

É interessante frisar que “em famílias saudáveis, a diferenciação individual e a coesão grupal são garantidas pelo equilíbrio dinâmico estabelecido entre os mecanismos de diversificação e aqueles de estabilização” (ANDOLFI, 1984, p. 22).

### **1.5 Família como um sistema comunicativo**

O sistema não é a soma de suas partes, mas é um todo constituído de partes que se relacionam entre si, isto é, cada parte influencia e é influenciada pelas demais partes; mais ainda, a mudança numa delas provocará uma mudança no sistema total. O sistema é mais que a soma das partes, porque, na interação entre as partes, emergem qualidades que não surgem no elemento quando está sozinho. Por outro lado, pode ser também menos que a soma das partes, uma vez que algumas qualidades deixam de emergir por ficarem inibidas pelas outras partes. Por exemplo, uma família pode, por um lado, oferecer o contexto necessário, o apoio para a emergência de uma pessoa com habilidades artísticas, ou, por outro lado, pode reprimir

as expressões artísticas dessa pessoa. Ainda, dentro do sistema, existem os subsistemas. Esses são formados pela interação pai-filho, pai-mãe, irmão-irmã e assim por diante.

A relação íntima entre as partes do sistema familiar dá-se pela comunicação. Paul Watzlawick, Janet H. Beavin e Don D. Jackson (2007), ao pesquisarem a comunicação humana, ocuparam-se primordialmente da pragmática, ou seja, do comportamento de comunicar. Seguindo-se o primeiro axioma estabelecido por Watzlawick, Beavin e Jackson (2007) de que *não se pode não comunicar*, entende-se que a mensagem nem sempre é transmitida consciente e intencionalmente e até mesmo o silêncio possui um valor de mensagem. Segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (2007), não há como não se comunicar: mesmo quando a intenção é não se comunicar, está-se comunicando algo, ou seja, não querer comunicar-se. “Assim, a impossibilidade de não comunicar faz com que todas as situações de duas-ou-mais-pessoas sejam *interpessoais*, comunicativas [...]” (WATZLAWICK, BEAVIN e JACKSON, 2007, p.65).

Conforme o segundo axioma, toda comunicação tem um aspecto de conteúdo e um aspecto de ordem que se refere às relações entre os comunicantes. Essa relação é que define como essa comunicação deve ser entendida.

Além disso, os seres humanos comunicam digital e analogicamente, sendo que a primeira comunicação está relacionada ao uso de representações com um significado específico, diz respeito ao uso das palavras. Mas também a linguagem corporal, gestos, expressão facial, inflexão de voz, sequência, ritmo e cadência das próprias palavras, e qualquer outra manifestação não verbal de que o organismo seja capaz, fazem parte da comunicação e problemas podem surgir na tradução entre o modo “digital” e o “analogico”.

O pensamento tradicional da ciência busca sempre uma relação de causalidade, a compreensão de que um fato é causado por um fato anterior. A teoria de sistemas observa que a comunicação não é linear, mas sim circular. **Causalidade circular**, porque os produtos são



os efeitos e os próprios produtores e causadores daquilo que se produz. Aqui também está associado o conceito de **retroalimentação**.

Vasconcellos (2003, p. 116), ao tratar do processo em que há um efeito inflacionário e que ela exemplifica com a representação gráfica de uma espiral, nomeia-o de **causalidade circular recursiva**.

Além das trocas que ocorrem entre os membros de uma família, há também uma troca com o meio que a circunda. Assim, os sistemas podem considerados abertos ou fechados, dependendo de se fazem ou não trocas com o ambiente em que estão inseridos ou com outros sistemas. Os sistemas abertos possuem fronteiras permeáveis, que possibilitam essas trocas que permitam a adaptação do sistema às mudanças do meio.

Existe uma tendência do sistema ao equilíbrio ou autocorreção, a que Jackson denominou “homeostase”. A melhora da pessoa que apresenta sintomas patológicos na família implica a mudança interna da família, gerando um desequilíbrio daquela situação mantida enquanto a patologia estava em curso. As famílias costumam resistir às mudanças e, não raro, optam por sacrificar um de seus membros para manter o *status quo*. Esta relativa estagnação da família em um determinado estágio fez com que Jackson descrevesse a interação familiar como um “sistema de informação fechado em que as variações do produto ou do comportamento são alimentadas para corrigir a resposta do sistema”<sup>4</sup> (JACKSON, 1957 *apud* HOFFMAN, 1992, p. 28, tradução nossa). Aplicado às ciências sociais, o conceito de **homeostase** como um mecanismo regulador que garante a estabilidade do sistema torna-se discutível, uma vez que o crescimento e a mudança dos processos inerentes a todos os sistemas vivos ficam sem explicação. Nesse âmbito, a homeostase implica uma relativa constância, mas não uma paralisação ou estagnação do sistema (SOUZA, 1985).

---

<sup>4</sup> Describió la interacción familiar como un “sistema de información cerrado en que las variaciones del producto o el comportamiento son alimentadas para corregir la respuesta del sistema”.

Um importante conceito que vem da teoria de Murray Bowen é a diferenciação do *self*, e que ajuda a entender a posição da pessoa dentro do sistema familiar. Famílias e grupos sociais têm grande influência sobre as pessoas de maneira que afetam a maneira de elas sentirem, pensarem e se comportarem, porém, a capacidade da pessoa de agir conforme as suas próprias ideias, sem comprometer seus valores e assumindo responsabilidade por seus atos, depende do grau de diferenciação do *self*. Uma pessoa com *self* diferenciado não culpa os outros pelos seus fracassos, nem se intimida pela falta de aprovação dos outros. “As forças diferenciadoras colocam a ênfase no ‘eu’ no momento de definir as características precedentes.” Apesar disso, “Uma pessoa medianamente diferenciada é capaz de preocupar-se genuinamente pelos demais sem esperar algo em troca, mesmo se as forças de união trataram sua diferenciação como egoísta e hostil”<sup>5</sup> (BOWEN, 1989, p. 212, tradução nossa).

Uma família saudável é capaz de suportar a ansiedade causada pelas mudanças decorrentes do processo de diferenciação do *self* de seus membros. Neste contexto relacional, a comunicação do “que eu sou” é confirmada pelo outro.

Watzlawick, Beavin e Jackson (2007, p. 76 - 79) afirmam que “as pessoas, no nível de relação, não comunicam sobre fatos situados fora de suas relações, mas oferecem-se mutuamente definições dessa relação e, por implicação, delas próprias.” A esta comunicação cabem três respostas possíveis:

1) Confirmação, que é a aceitação da “definição de eu” pela outra pessoa. Este é “o maior fator que, por si só, assegura o desenvolvimento e a estabilidade mentais.”

2) Rejeição da “definição do eu” pelo outro. Contudo, “a rejeição, por mais penosa que seja, pressupõe, pelo menos, o reconhecimento limitado do que está sendo rejeitado e, portanto, não nega necessariamente, a realidade do conceito de eu” do comunicante.

---

<sup>5</sup> Las fuerzas diferenciadoras ponen énfasis en el ‘yo’ a la hora de definir las características precedente.” [...] “Una persona medianamente diferenciada es capaz de preocuparse genuinamente por los demás sin esperar algo a cambio, aunque las fuerzas de unión tratarán su diferenciación como egoísta y hostil.

3) Desconfirmação é ignorar o outro. Uma pessoa ser absolutamente ignorada por todos, levaria “a perda do eu”.

A falta de uma comunicação clara e adequada sobre as diferenças culturais leva, sem dúvida, ao desentendimento. Esther Perel (in PAPP, 2002) mostra que padrões culturais influenciam na decisão e na forma de se comunicar. Portanto, as próprias diferenças culturais e também de gênero influenciam na forma como as pessoas se comunicam, tanto o emissor quanto o receptor. Essas influências podem levar a uma comunicação deficiente e, conseqüentemente, ao desentendimento.

## **1.6 Contextualizando o casamento inter-religioso**

### **1.6.1 O contexto urbano**

O Brasil, pela sua própria constituição é uma nação multicultural. Além daqueles que habitavam estas terras há milênios, historicamente, tivemos a vinda de vários povos, inicialmente os portugueses e africanos. E a eles se juntaram imigrantes vindos de todos os confins da terra. Especialmente São Paulo foi privilegiada com a quantidade de imigrantes que se fixaram nesta cidade. Segundo a Agência Brasil, em artigo por ocasião dos 450 anos da cidade, lemos,

dos 5,5 milhões de imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1880 e 1980, 2,5 milhões ficaram em São Paulo, o que transformou a cidade numa vitrine de diversidade racial e cultural. Hoje, estima-se que existam na capital paulista aproximadamente representantes de cerca de 100 diferentes etnias.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Agência Brasil [http://www.radiobras.gov.br/especiais/saopaulo450/sp450\\_mat9\\_2004.htm](http://www.radiobras.gov.br/especiais/saopaulo450/sp450_mat9_2004.htm) Acesso em 12/03/2009

Esta corrente migratória continuou, sendo que, entre 1970 e 1980, a região metropolitana de São Paulo acolheu 3.351.600 imigrantes (SANTOS, 2005). Este constante fluxo de imigrantes e migrantes para São Paulo perfaz atualmente um contingente de 10.886.518 habitantes na cidade em 2007, ocupando uma área de 1.523 Km<sup>2</sup><sup>7</sup>. E 18 milhões na região metropolitana.

Cada pessoa traz a cultura do seu povo e sua religião. Daí que hoje existem o cristianismo (com as várias ramificações), judaísmo, islamismo, budismo, messianismo, religiões afro-brasileiras e muitas outras religiões coexistindo em São Paulo. Tomando o exemplo do judaísmo, embora os judeus tenham todos a mesma religião, podem ter hábitos ou expressões diferentes, dependendo da sua proveniência, formados dentro da cultura em que originalmente estavam inseridos. Assim, também, vemos expressões diferentes entre cristãos de origens diversas.

Nos dias atuais, a migração de pessoas de e para todas as partes do mundo, em conseqüência de guerras, perseguições políticas ou em busca de melhores condições de vida, é tão intensa como nunca antes.

As metrópoles são de uma natureza diferente das pequenas cidades não só quantitativamente, mas qualitativamente (SANTOS, 2005). O ambiente urbano, ao concentrar uma tamanha variedade de pessoas em seu espaço e pela dinamicidade do modo de vida urbano, oferece o ambiente propício para as pessoas com as mais diversas tradições culturais se aproximarem. Há uma grande mobilidade geográfica dentro do espaço urbano bem como nos estratos sociais da sociedade. Todas estas interações que acontecem neste espaço quebram a rigidez das estruturas sociais e a fidelidade a um grupo, quer familiar, quer religioso, quer comunitário. Também é verdade que as ameaças à estabilidade dos grupos, decorrentes dessas interações, pode reforçar a rigidez de alguns grupos.

---

<sup>7</sup> <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em 12/03/2009

As cidades influenciam de tal modo a vida social do ser humano,

“pois a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo (WIRTH in Velho, 1979, p. 90 e 91).

A tecnologia da comunicação, especialmente da informática, transcende os espaços urbanos e tem progressivamente aproximado pessoas e culturas de todo mundo através da internet. Amazonas, Dias e Santos (2009) apontam que vivemos em um mundo globalizado e as distâncias geográficas já não constituem impedimento para as construções dos vínculos afetivos.

Dentro desses contextos, as pessoas se aproximam, apaixonam-se e casam-se. Em 2007, segundo o IBGE<sup>8</sup>, aconteceram oficialmente 62.828 casamentos na cidade de São Paulo. Não há estatísticas sobre a origem étnica ou religiosa dos cônjuges. Diferentemente, nos Estados Unidos da América, esses dados já vêm sendo coletados há vários anos. Joel Crohn (in MCGOLDRICK, 2003, p. 341) faz menção a esses dados ao dizer que “embora o índice de inter-casamentos entre judeus nos Estados Unidos tenha permanecido abaixo de 10% até 1960, atualmente as estimativas nacionais variam entre 41 e 52%.” (COHEN, 1994)

Uma pesquisa da mesma época (1993), na Grã-Bretanha, reportada por Jonathan Romain (1996, p. 12), aponta que 53% dos homens judeus, entre 20 e 35 anos de idade, casaram ou considerariam casar com uma pessoa não judia. Um aumento nos inter-casamentos nos últimos cinquenta anos também é encontrado em outros grupos étnicos.

É possível estimar que similar processo esteja ocorrendo também no Brasil.

---

<sup>8</sup> <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/metodologia.shtm>

### 1.6.2 Cultura e identidade

Hoje, as uniões mistas vão acontecendo com mais frequência, também porque os desejos individuais são mais valorizados que os valores comunitários. Casamentos que antes não eram vistos com bons olhos por certas comunidades religiosas já não pesam na decisão de um casal se unir em matrimônio. O que antes envolvia a escolha das famílias, agora é uma decisão do casal. O ideal do amor prevalece sobre as convenções e os valores da comunidade. Entretanto, menos que no passado tenha havido, como ainda há, dentro das comunidades religiosas, resistência e julgamento moral, algumas delas sentem as uniões inter-religiosas como uma ameaça ao seu grupo. O sentimento é de perda de um de seus membros ou de traição pela infidelidade ao grupo.

O casamento inter-religioso é o encontro de duas culturas religiosas. Cada um traz consigo uma bagagem que se confrontará com a bagagem do seu parceiro. O encontro dessas diferentes culturas religiosas pode constituir, e, provavelmente, constituirá, fonte de conflito. Os conflitos emergentes são, muitas vezes, não por uma visão diferente de mundo, mas essencialmente porque o outro diferente ameaça a identidade do indivíduo, e esse, em reação, precisa fortalecer sua própria posição.

Porém, a tradição religiosa faz parte da identidade da pessoa. Ela pode afastar-se da religião em que foi criada, mas a religião não desaparece de dentro dela.

Kathryn Woodward (2008) explica que a construção de identidade é tanto simbólica, quanto social. Na construção da identidade, ocorre uma classificação do que compõe e do que não compõe a identidade; estabelece-se o que é diferente. A marcação da diferença é, portanto, um componente-chave dos sistemas classificatórios. Estes sistemas de marcação dão-se tanto no interior de sistemas simbólicos, quanto com formas de exclusão social. Estes sistemas dão ordem à vida social, afirmados nas falas e rituais, estabelecem o que é diferente.

A identidade firma-se porque um é diferente do outro. Portanto, a identidade é relacional, isto é, estabelece-se em relação ao outro oposto.

Essa diferença cria um problema, segundo Woodward (2008, p.8), porque a asserção da diferença envolve a negação de que não existem quaisquer similaridades entre os dois grupos. No nível pessoal, entretanto, eles se veem como iguais, e essa “mesmidade” é um produto da experiência vivida e das coisas da vida cotidiana em comum.

Portanto, ao se levantar a questão de que dinâmica é possível se estabelecer em uma família em que diferentes tradições religiosas estão presentes, temos que levar em conta os três níveis constitutivos da identidade propostos por McGoldrick, que são: “1) nossa singularidade enquanto indivíduos; 2) nossas várias identidades de grupo que nos proporcionam uma sensação de ‘lar’ - que definem quem somos em relação aos outros; 3) nossa parceria comum com todo outro ser humano, sem a qual certamente pereceremos” (MCGOLDRICK, 2003, p.8).

Sendo a religião um sistema simbólico, também a formação da identidade religiosa se dá em oposição ao diferente e a marcação exclui o diferente. Então, embora um casal com diferentes tradições religiosas possa se reconhecer diferente de acordo com o contexto social do outro, ainda assim, no nível pessoal, é possível se verem como iguais.

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade. (WOODWARD, 2009, p. 21)

Não em termos de um ou outro, mas como apresentado por Amazonas, Dias e Santos (2009, p. 75): “hoje a família tornou-se um *locus* privilegiado para as lutas entre a tradição e a modernidade”. Ao mesmo tempo em que os indivíduos procuram marcar a sua identidade,

valorizando a tradição à qual pertencem, há um apelo a transcender esses campos sob um discurso de igualdade entre as pessoas, superando qualquer forma de discriminação entre elas.

Em tempos passados, “[...] a prática da religião era inseparável da vida comunitária, porque estava com ela entrelaçada, e não era necessário nem mesmo possível separar a lealdade familiar, identidade cultural e crença religiosa. Cada uma reforçava a outra e todas davam um claro senso de pertencimento e identidade à pessoa”<sup>9</sup> (CROHN, 1995, p. 9, tradução nossa).

Também, em tempos passados, o espaço e lugar em que as pessoas viviam eram o mesmo. Ocupavam um determinado lugar, onde moravam, trabalhavam, conviviam com suas famílias e esse era o mesmo espaço de suas experiências. Em tempos atuais, esses dois conceitos estão cada vez mais dissociados. Como já mencionado anteriormente, hoje o espaço cibernético é, também, aquele onde as pessoas se encontram e vínculos afetivos são formados.

O “lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas [...] os lugares permanecem fixos; é neles que temos “raízes” [...] o espaço pode ser “cruzado” em um piscar de olhos – por avião a jato, por fax ou por satélite (HALL, 1999, p. 72-73 apud. Amazonas et. al, 2009).

Nessa perspectiva da abordagem sistêmica, autores como Monica McGoldrick, Peggy Papp, Joel Crohn, Esther Perel, Celia Falicov entre outros têm pesquisado casamentos mistos, os casamentos interculturais, interétnicos e inter-religiosos. A religião é geralmente considerada um aspecto cultural. Como exemplo, Esther Perel coloca **religião** como item do capítulo “alguns aspectos do casamento inter-cultural” (PEREL *In*: Papp, 2002, p. 203).

### 1.6.3 O mundo humano é a cultura.

---

<sup>9</sup> “The practice of religion was inseparable from the life of community. Because they were so intertwined, it wasn’t necessary or even possible to separate family loyalty, cultural identity, and religious belief. Each reinforced the other, and all were integral in giving each person a clear sense of belonging and identity”.



**Cultura** é um termo com um amplo espectro de sentidos, que contém muitas possibilidades de interpretações, portanto, usaremos a definição de Peter Berger (1985, p. 19) para nortear a nossa compreensão de cultura. Ele afirma que “a cultura consiste na totalidade dos produtos do homem”, sendo que alguns desses produtos são materiais e outros, não. “Há boas razões para pensar que a produção de uma cultura não material foi sempre de par com a atividade do homem de modificar fisicamente o seu ambiente. Seja como for, a sociedade, naturalmente, nada mais é do que parte e parcela da cultura não material. A sociedade é aquele aspecto desta última que estrutura as incessantes relações do homem com os seus semelhantes” (BERGER, 1985, p. 19 e 20).

Esta parcela da cultura não-material é resultado de um fenômeno dialético e fundamental para a continuidade da própria sociedade. O processo se dá, conforme Berger (1985, p.16), em três momentos: primeiro, pela exteriorização, que é a contínua efusão através da atividade física ou mental do ser humano sobre o mundo; segundo, pela objetivação, que se dá quando os produtos da atividade física ou mental se tornam uma realidade exterior e distinta de seus produtores e com eles se defrontam; terceiro, pela retroação, que ocorre quando os produtores se apropriam dessa mesma realidade, transformando-a novamente em estruturas da consciência subjetiva.

É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna um produto *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade (BERGER, 1985, p. 16).

Sendo a cultura um produto da sociedade, do mesmo modo o produto retroage continuamente sobre o produtor. “O homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo. Mais precisamente – ele se produz a si mesmo num mundo” (BERGER, 1985, p. 19).

A experiência humana dá-se dentro deste mundo, cujas categorias dão o contorno de sua identidade. Essas categorias incluem raça, etnia, gênero, sexualidade e classe social e religião (LAIRD In: McGoldrick, 2003, p. 24). Este mundo cultural determina uma maneira de enxergar o mundo, a nós mesmos e ao outro.

Essas categorias não são, porém, fixas e imutáveis. De um lado, elas se reforçam mutuamente, de outro, modificam-se ao longo do tempo e no espaço. Em decorrência disso, não se pode pensar a cultura como uma entidade fixa e imutável. Justamente por ser um produto humano, não tem a estabilidade que as estruturas do mundo animal têm, portanto, suas estruturas são inerentemente frágeis e predestinadas a mudar (BERGER, 1985).

Joan Laird propõe alguns conceitos mais dinâmicos para a cultura. Ao falar sobre as categorias de cultura, ela diz da intersecção dessas categorias na história de vida do indivíduo. Uma pessoa é todas essas ao mesmo tempo, embora, em determinados contextos, uma possa se evidenciar mais que as outras. Ela diz: “nenhuma dessas categorizações é estável ou fixa, e nenhuma história é uma dessas sem ser ao mesmo tempo todas as outras, embora uma história, um *self*, possa estar mais evidente em um contexto e tempo do que em outro” (LAIRD In: McGoldrick, 2003, p. 30).

Cultura é atuada, isto é, o indivíduo dá forma e significado para sua ação conforme o contexto; não são respostas fixas. Laird usa as palavras **representação** e **improvisação** para transmitir essa conotação de que é uma ação pré-formada, mas que acontece influenciada pelo seu histórico e pelo contexto atual. “Cada história representada, é única, e ao mesmo tempo localizada e relacionada a discursos de significado social mais amplo” (LAIRD In: McGoldrick, 2003, p. 28).

Portanto, nós nos modificamos conforme o contexto. Em cada ambiente, somos pessoas diferentes, porque nos portamos diferentemente. Uma mesma pessoa apresenta-se de forma diferente junto da família, no ambiente de trabalho, na igreja ou no restaurante com amigos.

A cultura é definidora e constitutiva do *self*, mas não é passível de generalizações. A identidade cultural de uma pessoa pode ser fortalecida em determinados contextos, principalmente quando se depara com o outro diferente. Embora cada pessoa represente sua história exclusiva, McGoldrick (2003) diz que “a etnia padroniza nossa maneira de pensar, nosso sentimento e nossos comportamentos de maneiras tanto óbvias quanto sutis, desempenhando um papel preponderante na determinação do que comemos, como trabalhamos, como nos relacionamos, como celebramos os dias santos e os rituais, e como nos sentimos sobre a vida, a morte e a doença”. Segundo McGoldrick, embora aprender sobre as práticas e crenças do grupo étnico seja correr o risco do estereótipo, fingir que não há padrões é mistificar e desqualificar a experiência humana e “perpetuar estereótipos negativos.” (LAIRD In: McGoldrick, 2003, p. 25).

Por fim, Laird diz que cultura é política. As pessoas não têm as mesmas oportunidades de expressarem e atuarem dentro de ambiente cultural. Questões de poder e diferenças pessoais dão as possibilidades e os limites da expressão pessoal. Ela diz que “nossas narrativas pessoais e familiares são moldadas e pressionadas por narrativas culturais mais amplas que nos dão as possibilidades a partir das quais podemos escolher os significados” (LAIRD In: McGoldrick, 2003, p. 33).

#### **1.6.4 Religião como produto cultural**

**Religião**, assim como **cultura**, é outro termo de amplo espectro de significados. Crohn (1995), em “Mixed Matches”, busca esclarecer a diferença entre identidade cultural e religiosa, apontando que a religião transcende a cultura. Conforme esse autor, cultura é um produto de um grupo determinado, enquanto que religião é transcultural, tomando como exemplo as grandes religiões que são multi- e transculturais por natureza.

Diz ele: “A crença religiosa oferece uma linguagem para a alma e traz ordem ao caos da vida humana através de códigos morais que regulam os relacionamentos entre maridos e esposas, pais e filhos, empregados e patrões, e entre amigos e inimigos. Seus rituais confortam as pessoas em tempos de perda, santificam e dão sentido nas transições do ciclo da vida, nascimento, casamento e morte”<sup>10</sup> (CROHN, 1995, p. 109, tradução nossa).

Apesar de dizer que se trata de uma linguagem para a alma, ao relatar os casos clínicos, seu trabalho envolve muito mais a relação do casal em relação às práticas e hábitos religiosos.

Apesar de ele estabelecer a diferença entre cultura e religião, reconhece que os próprios casais têm dificuldade em separar o que é cultura e o que é religião. Muitas vezes, fica difícil distinguir religião de cultura na vida de uma pessoa.

A propósito disso, a maioria dos autores sistêmicos da terapia familiar não faz distinção entre religião e cultura, mas, ao contrário, entendem religião como uma categoria de cultura. Essa confusão sobre o conceito de religião deve-se à compreensão de religião enquanto encontro com o transcendente ou de religião enquanto valores, símbolos e práticas de uma comunidade.

Segundo Clifford Geertz,

religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (1989, p. 67)

A religião, culturalmente produzida, objetivada e legitimada, retroage sobre a sociedade mantendo a realidade dessa mesma sociedade. Realidade sentida como um “mundo de origem

---

<sup>10</sup> “Religious faith offers a language for the soul and brings order out of the chaos of human life by creating moral codes that regulate the relationships between husbands and wives, parents and children, workers and employers, and even friends and enemies. Its rituals comfort people through times of loss, and sanctify and give meaning to the life-cycle transitions of birth, marriage, and death.”

[...] que traz consigo responsabilidades e lealdades coletivas diversas” (PEREL *in* Papp, 2003, p. 194).

Pode-se dizer, portanto, que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo. (BERGER, 1985, p. 41)

### **1.6.5 Herança cultural**

A cultura também pode ser definida dentro de níveis, como da família, da comunidade, como escola, igreja, empresa; e da sociedade mais ampla. Assim, o indivíduo ou a família como unidade tem que lidar com esses vários níveis de influência sobre suas histórias.

“Os casais inter-casados freqüentemente descobrem que precisam lutar não apenas com normas comportamentais diferentes, moldadas pela cultura, mas também com a natureza das identidades culturais e religiosas de suas famílias misturadas” (CROHN *In*: McGoldrick, 2003, p. 346). Mesmo quando se abdica da sua confissão religiosa, não se exime totalmente da herança religiosa. Atualmente, muitas são as pessoas que dizem seguir sua religião individual, sem pertencer a nenhuma confissão. Ou ainda aquelas que dizem não crer em nada sobrenatural nem num ser superior.

PEREL afirma que a força das tradições religiosas está no fato de que essas crenças foram inculcadas na infância (*In*: PAPP, 2003, p. 203). São valores, símbolos, experiências que dão significado à vida e aos relacionamentos das pessoas. Cada geração transmite a gerações seguintes esse conhecimento, consciente ou inconscientemente. A geração seguinte não só reproduz aquilo que recebeu, mas também reconstrói esse conhecimento a partir de suas próprias experiências.

Com a valorização do individual, e do respeito ao diferente, do combate ao preconceito, a tendência das pessoas é de valorizar e manter as especificidades que determinam sua identidade. Já não é preciso, ao se casar, aderir à religião do marido ou da esposa. Cada um pode manter sua própria religião.

Lorie A. Sousa (1995), citando os trabalhos de Berman (1968) e de Schneider (1989), mostra uma mudança na visão da sociedade em relação ao casamento inter-religioso, que, no início dos anos 60, via esse tipo de comportamento como um ato de negação de sua herança religiosa. Atualmente, os casais, nessas parcerias, estão mais dispostos a abraçar sua própria fé, bem como a aceitar a fé de seu companheiro. “Ao mesmo tempo em que as barreiras sociais estão cedendo entre judeus e cristãos, há uma forte tendência para os indivíduos manterem suas próprias especificidades étnicas e religiosas.”

Se, de um lado isso, enriquece cada um com a experiência do outro, de outro, isso também pode levantar conflitos. Perel diz que em “[...] situações como essas, os parceiros tendem a retornar ao território familiar de suas culturas e religiões como marcos de referência em busca de orientação nas suas mudanças.”, porque, “Na presença do ‘outro’, sentimo-nos forçados a definir a nós mesmos” (PEREL *in* Papp, 2003, p. 204 e 205).

Crohn (*In*: MCGOLDRICK, 2003, p. 347) diz que “[...] mesmo quando os vínculos com a tradição são corroídos, a necessidade de pertencer a algo não desaparece.” E ainda que “toda esta separação e união de identidades podem gerar muita insegurança. Quando os parceiros de um intercasamento não têm segurança do terreno cultural ou espiritual em que estão pisando, é difícil para eles negociar qualquer acordo significativo.”

## 1.7 O diálogo inter-religioso e a práxis religiosa

A realidade religiosa atual é de um pluralismo religioso, em que novas religiões vão surgindo, abrindo uma verdadeira concorrência religiosa. A concorrência provoca uma reação de fechamento, isto é, de se reafirmar como a única religião verdadeira, portanto, rechaçando todas as outras. Além disso, no mundo globalizado em que vivemos, “os símbolos religiosos transgridem seus confins originários e passam a circular livremente, podendo inclusive ser utilizados por atores religiosos distintos” (TEIXEIRA, 2008, p. 189), tornando ainda mais difícil a relação com outras religiões, pela sensação do esvaziamento ou crise de identidade, uma vez que se perde o parâmetro do outro diferente para reafirmar a sua identidade.

A realidade do pluralismo religioso faz parte inevitável do cenário do século XXI. Há uma presença crescente da diversidade religiosa no panorama mundial. Surgem por todo canto novas religiosidades e diversas tradições dão mostras de grande vitalidade. Trata-se de uma afirmação da alteridade que nem sempre vem acolhida na sua positividade. Deve-se sublinhar também a presença tensa de valores e crenças em viva competitividade, em expansão de uma internalização religiosa sempre ameaçada (TEIXEIRA, 2008, p. 119).

Conforme Elias Wolff, o receio no diálogo com as outras religiões é de que esse possa causar algum dano à afirmação da identidade eclesial (2004, p. 37). A alternativa é a abertura para o diálogo. É na relação com o outro que se constrói a identidade, como já mencionado anteriormente, e é esse contato com a alteridade que leva ao enriquecimento da sua própria identidade ou da tradição religiosa. Ao se deparar com o outro, é desencadeado um processo de revisão da tradição que leva a “*reinterpretá-la* criativamente, adequando-a a situação contemporânea” (TEIXEIRA, p. 190).

O diálogo é parte imprescindível do agir pastoral, uma vez que tem também a responsabilidade de possibilitar o convívio entre todos os que vivem no espaço social onde atuam os representantes das igrejas e religiões. O modo de agir dos ministros religiosos não

pode ser causa de divisão entre as pessoas na sociedade (WOLFF, 2004, p.64). O diálogo, antes, se constrói na relação com o outro. Esse agir pastoral deve ser orientado para uma práxis religiosa. A **Práxis** consiste numa ação criadora e transformadora, conforme definido por Cassiano Floristán (2002). Para ser uma ação criadora e transformadora, a teologia prática deve ser uma teologia com a dimensão política da mensagem cristã, isto é, capaz de fazer crítica ao sistema estabelecido e que tenha uma compreensão prática e operacional da realidade.

Como afirma Floristán, a teologia que não é prática, que não parte da práxis para encaminhar-se a ela de um modo próximo ou distante, é irrelevante. Pelo contrário, toda teologia basicamente referida à práxis transformadora da realidade será, a nosso ver, teologia pastoral ou teologia prática <sup>11</sup> (tradução nossa).

Há mais de trinta anos, o Padre Humberto Porto, que cooficiou inúmeros casamentos inter-religiosos entre pessoas católicas romanas e judias, escreveu sobre os casamentos mistos:

A identidade religiosa de cada um, mesmo latente e envolta sob o manto da indiferença, lateja lá no íntimo, ditando certas palavras e atitudes que de outra forma seriam totalmente inexplicáveis. Ao desvendarem essa realidade no diálogo ficam até surpresos por perceberem que são mais condicionados do que imaginavam, são mais ligados a um substrato de cultura que supunham (material não publicado).

O diálogo deve começar no interior de cada um, criando e favorecendo espaços de hospitalidade. [...] Bons interlocutores para o diálogo são aqueles que estão em paz consigo mesmos, aqueles que vivem a experiência de um coração capaz de acolher formas diversificadas, um coração desobstruído de arrogância e vontade de poder (TEIXEIRA, 2008,

---

<sup>11</sup> la teología que no es práctica, que no parte de la praxis para encaminarse a ella de un modo próximo o remoto, es irrelevante. Por el contrario, toda teología básicamente referida a la praxis transformadora de la realidad será, a nuestro entender, teología pastoral o teología práctica FLORISTÁN, 2002, p. 161.



p. 209). Wolff aponta para a importância da atitude de humildade em relação à verdade (de que não se é possuidor dela), que provém do respeito ao outro, para que haja o diálogo.

Em seu livro, *Pela Estrada da Vida: Prática do diálogo inter-religioso*, Michael Amaladoss apresenta exemplos de pessoas para quem o diálogo com outras religiões transformou sua maneira de estar no mundo. Ao falar sobre Henri Le Saux, monge beneditino que nasceu em 1910 e faleceu em 1973, Amaladoss cita suas atitudes que possibilitaram o diálogo com o hinduísmo. São elas arrojo e audácia, conjugadas com grande humildade, empatia e sensibilidade à alteridade (p. 159).

**Empatia** é a capacidade de o interlocutor se colocar no lugar do outro. Essa é uma disposição necessária para se estabelecer uma comunicação eficiente. Mas, nesse ponto, Sidney Noé questiona as limitações da empatia ao trabalhar a comunicação intercultural. Para ele, é impossível colocar-se no lugar de uma pessoa com um referencial cultural diferente do nosso, porque ser empático requer a capacidade de desnudar-se de seu referencial cultural para vestir-se do referencial cultural do outro, porém, será possível realmente desnudar-se completamente de seu próprio referencial cultural? E como é possível vestir-se da cultura de outra pessoa, algo que é tão complexo e em que a pessoa não tem consciência do todo em que está mergulhada? Como diz o ditado, só o peixe não sabe que aquilo em que vive é o oceano. Portanto, em termos de um diálogo com outras religiões ou de se poder realizar um aconselhamento pastoral dentro dessas condições, qual a possibilidade de se obter êxito nestas empreitadas? Perel também aponta para a incompreensão dada ao se deparar com uma outra cultura. Para ela, é preciso assumir uma visão turística do mundo do outro.

Noé, então, propõe a comunicação em um nível *metaempático*, isto é, a criação de um espaço virtual e dinâmico que não seja refém do universo cultural nem do aconselhado nem do conselheiro (Noé *In*: SANTOS, 2006, p. 101).

A formação para o diálogo é, portanto, muito importante, tanto com a finalidade do diálogo inter-religioso em si, quanto do aconselhamento pastoral de famílias inter-religiosas.

A experiência do pluralismo é, também, um apelo à descoberta e afirmação da identidade de cada um. Se a Igreja não pode mais exigir exclusividade – da salvação, da verdade, da presença e ação do Espírito, etc. – isto não quer dizer que todas as religiões sejam as mesmas. Em consequência da história, cultura, situação pessoal e social que, inevitavelmente condicionam a maneira pela qual Deus manifesta sua Pessoa Divina e a maneira pela qual ele é vivenciado, cada religião possui uma identidade específica. Todavia, como Deus é a origem comum e a finalidade de todos os povos, como o plano divino para o mundo abrange todo o universo, o pluralismo de religiões não é caótico, mas articulado e ordenado numa unidade. Unidade esta que é para ser conquistada. O arquiteto dessa unidade é o Espírito Santo. Mas o diálogo é, decerto, um dos caminhos de conquista da unidade, sem se abolir as diferenças, que são uma dádiva de Deus aos vários povos, mas integrando-as na unidade universal do Reino (AMALADOSS, p. 20).

### **1.7.1 Casamento inter-religioso entre católicos Romanos e judeus**

O Concílio Vaticano II aboliu a proibição aos casamentos mistos, isto é, entre um católico e um não-católico, seja ele batizado em outra denominação cristã ou pertencente a uma outra religião não cristã.

Na carta apostólica *Motu Proprio, Matrimonia Mixta*, de 1 de outubro de 1970, o Papa Paulo VI postula que existem muitas dificuldades no casamento misto, uma vez que esse causa a divisão na igreja e na família cristã. Uma vez que haja diversidade no seio da família, o ensino do Evangelho e a adoração de Cristo tornam-se mais difíceis, bem como, e especialmente, a educação dos filhos.

Entretanto, reconhece que a atual conjuntura social, isto é, as migrações de toda ordem, as urbanizações aproximam pessoas de diversas culturas, e o direito legal de as pessoas se casarem e constituírem família. Com isso, o *Matrimonia Mixta* aboliu as penas estabelecidas no Código de 1917 contra os católicos que tentassem casar num outro rito religioso ou que educassem seus filhos fora do catolicismo.

O Guia para o diálogo Católico-Judaico no Brasil, lançado pela CNBB em 1986, construído por católicos e judeus, em vista do diálogo entre as partes, ao contemplar o tema dos casamentos mistos, apresenta as justificativas pelas quais a Igreja Católica Apostólica Romana é contrária às uniões mistas. Inicia-se o documento explicitando os argumentos apresentados pelo Judaísmo como justificativa ao posicionamento contra casamentos mistos.

São eles:

Existem duas razões. A primeira é mais importante: a probabilidade de insucesso de tais casamentos. Psicólogos, sociólogos e orientadores de casais concordam que quanto mais duas pessoas têm em comum, tanto maior é sua chance de felicidade conjugal; e quanto mais diferem em aspectos socioculturais, tanto menor é a probabilidade de serem felizes como marido e mulher. A segunda razão relaciona-se à sobrevivência judaica. Esta é uma questão na qual não podemos ser transigentes, pois sabemos que os casamentos mistos levarão, em última análise, ao completo desaparecimento do judaísmo e do povo judeu do palco da história.

Ao mesmo tempo em que o documento se solidariza com a condição precária da sobrevivência do judaísmo, demonstra a sua grande preocupação com a educação religiosa dos filhos frutos de casamentos mistos. Os católicos assumem uma posição contrária a esses casamentos, segundo o documento, porque

A família é o melhor meio para perpetuar os valores universais e as tradições religiosas. Acreditamos que todas as religiões são igualmente válidas. Porque Deus é um só. Mas existem caminhos diversos para se chegar a ele. E é preciso manter-se num deles, seja lá qual for, a fim de não se perder. Nunca atingiremos o universal obliterando nossas diferenças. Cabe à família judaica preservar o judaísmo, e à família cristã preservar o cristianismo. [...] Assumindo uma posição contra os casamentos mistos, estamos não só fortalecendo nossos respectivos credos, como também revigorando a instituição da família em nossos dias.

Da parte do judaísmo, os rabinos não são autorizados pelas comunidades a efetuar casamentos mistos. Mas um casamento judeu, como qualquer ritual judaico, não necessariamente depende da presença do rabino, mas sim da presença de dez homens judeus.

Pe. Humberto Porto afirma que os fundamentalismos, tanto judaicos, como católicos, que absolutizam uma situação do passado, erigindo-a como verdade imutável, não admitem casamento inter-religiosos. Mas, por natureza, eles fazem questão de se mostrar refratários a quaisquer entendimentos interculturais e inter-religiosos (material não publicado).

Enfocou-se aqui catolicismo romano, uma vez que, dentre os cristãos, as pessoas desta tradição religiosa é que compuseram o grupo das pessoas entrevistadas. Na busca de casais para as entrevistas, todas da parte cristã são católicos romanos. Esse fato provavelmente se dá em virtude da prevalência de católicos romanos na população brasileira, e não como consequência (tirando repetição) de evangélicos ou pentecostais não se casarem com pessoas judias.

No terceiro capítulo, retomaremos essa discussão e serão incluídas as reações das Igrejas Protestantes com relação ao tema aqui abordado.

## **1.8 Método e metodologia**

Esta é uma pesquisa exploratória, visto que não foram encontradas pesquisas no Brasil sobre o tema estudado. Conforme classificação de Antonio Carlos Gil, que define pesquisas exploratórias como sendo aquelas

desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (2007, p. 43).

### 1.8.1 Método

E, pela natureza desta pesquisa, o método a ser utilizado é o Método Estruturalista, que Eva Lakatos define como aquele que

parte da investigação de um fenômeno concreto, eleva-se a seguir ao nível abstrato, por intermédio da constituição de um modelo que represente o objeto de estudo retornando por fim ao concreto, dessa vez como uma realidade estruturada e relacionada com a experiência do sujeito social. Considera que uma linguagem abstrata deve ser indispensável para assegurar a possibilidade de comparar experiências à primeira vista irreduzíveis que, se assim permanecessem, nada poderiam ensinar; em outras palavras, não poderiam ser estudadas. Dessa forma, o método estruturalista caminha do concreto para o abstrato e vice-versa, dispondo, na segunda etapa, de um modelo para analisar a realidade concreta dos diversos fenômenos (LAKATOS, 2007, p. 111).

Compreendendo-se a singularidade das famílias conforme aponta Minuchin (2008), a pesquisa não pretende apontar índices qualitativos ou demonstrar uma prevalência no comportamento dos casais, mas, sim, apresentar a diversidade de experiências.

### 1.8.2 Metodologia

A pesquisa bibliográfica enfocou a terapia familiar sistêmica, que serviu de referencial teórico. Especificamente, o pensamento de Murray Bowen e de Paul Watzlawick, e de outros autores que os complementam, será a base para compreender as dinâmicas dos casais pesquisados.

Murray Bowen nasceu em 1913, no Tennessee, formou-se pela Faculdade de Medicina da *University of Tennessee* em 1937. Após o período de residência, ele serviu cinco anos no Exército, durante a Segunda Guerra Mundial, chegando a Major. A experiência da guerra fez com que Bowen mudasse a sua área de interesse, de cirurgia para psiquiatria. Em 1946, ele

começa seu treinamento em psiquiatria na *Menninger Foundation* no Kansas. A partir de então, ele iniciou um projeto de pesquisa com famílias de esquizofrênicos no *National Institute of Mental Health* em Bethesda, Maryland. Em 1959, ele se tornou professor da *Georgetown University Medical Center* e, em 1975, fundou o *Georgetown Family Center*, do qual foi diretor até seu falecimento, em 1990. A teoria de Bowen forneceu os conceitos para descrever funcionamento humano dentro dos sistemas familiares. Os oito conceitos de sua teoria são: processo de projeção familiar, processo de transmissão multigeracional, processo emocional da família nuclear, posição entre irmãos, rompimento emocional, processo emocional na sociedade, triângulo e diferenciação do *self*. A diferenciação do *self*, o mais central deles, já foi mencionada anteriormente e refere-se à autonomia que uma pessoa tem de funcionar intelectual e emocionalmente. Numa escala de diferenciação do *self*, pessoas com pouca diferenciação necessitam da aprovação e aceitação dos outros e conformam seu comportamento às expectativas dos outros ou pressionam os outros a se conformarem a ele. À medida que se sobe na escala, vai-se ampliando o grau de autonomia. A escala de diferenciação do *self* desenvolvida por Bowen “compreende os princípios que estimam o grau de fusão entre o intelecto e as emoções” (BOWEN, 1978, p. 37, tradução nossa)<sup>12</sup>, entretanto, “é impossível fazer uma estimativa de uma diferenciação do *self* a menos que se estude ao longo de vários anos ou todo o segmento de uma vida” (BOWEN, 1978, p. 155, tradução nossa).<sup>13</sup>

Inter-relacionados a esse estão os outros conceitos. Papero explica que “o processo de projeção familiar diz respeito ao modo pelo qual o grau de diferenciação atingido pelos pais se transmite aos filhos de maneira não uniforme” E que os modos pelos quais esses processos

---

<sup>12</sup> Comprende unos principios que estiman el grado de fusión existente entre el intelecto y las emociones. (BOWEN, 1978, p. 37)

<sup>13</sup> “Es imposible hacer una estimación de una diferenciación de *self* a menos que se estudie a lo largo de varios años o todo un segmento de una vida.” (BOWEN,1978, p. 155)

de projeção familiar, “repetidos de geração em geração durante longos períodos de tempo, levam diferentes ramos de uma família a alcançar níveis mais baixos ou mais altos de diferenciação” formando o processo de transmissão multigeracional (*in* Elkaïm, 1998, p. 87) O comportamento de cada irmão e a forma como ele vai lidar com as situações de ansiedade estão relacionadas à posição que ele ocupa entre irmãos. Não há uma posição mais privilegiada que a outra. Cada posição tem suas vantagens e desvantagens.

Bowen (1978) observou que, no processo emocional da família nuclear, o grau de diferenciação do *self* é fundamental para a determinação da intensidade com que serão tratadas as pautas emocionais, ou seja, as questões com que a família terá que lidar, como, por exemplo, as relações com as famílias de origem, as questões relacionadas ao ciclo da vida.

A triangulação acontece quando a ansiedade e o desconforto entre duas pessoas são tais, que uma delas convoca um terceiro para participar do sistema e com ela formar uma díade para falar do outro e aliviar a tensão (MARTINS, RABINOVICH e SILVA, 2008).

Quando o grau de ansiedade torna o relacionamento insustentável, ocorre um rompimento emocional. Isto é, a distância emocional cria-se para evitar o contato com outro. Essa distância pode ter um caráter físico, quando as pessoas vivem geograficamente distantes umas das outras ou pode dar-se internamente, quando a pessoa se isola fazendo uso de mecanismos intrapsíquicos e, mesmo, fisiológicos (PAPERIO, 1998).

E, por fim, o processo emocional na sociedade diz respeito à reação emocional apresentada pela sociedade e que dá forma ao ambiente ao qual todas as famílias devem se ajustar (Paperio In:ELKAÏM, 1998, p. 92).

Paul Watzlawick nasceu na Áustria, em 1921, diplomou-se em línguas modernas pela Universidade de Veneza em 1949, formou-se psicanalista pelo Instituto C. G. Jung de Zurique e exerceu atividade de docente, de 1957 a 1960, na Universidade de San Salvador, em El Salvador. No retorno à Europa, pensou em dedicar-se ao estudo da abordagem terapêutica nos

Estados Unidos. Na Filadélfia, conheceu Albert Scheflen, que o levou a descobrir o trabalho da equipe de Bateson. A convite de Don Jackson, Watzlawick radicou-se, em 1960, em Palo Alto e empreendeu seu trabalho no Instituto de Pesquisa Mental, onde desenvolveu sua teoria da comunicação humana. A partir de 1967, foi também professor da Universidade de Stanford (EUA). Ele faleceu em 2007, em Palo Alto. Junto com Janet H. Bevin e Don D. Jackson, escreveu "Pragmática da Comunicação Humana", publicado em 1969, e considerada sua obra fundamental. Nele, os autores apresentam os cinco axiomas da comunicação conforme já apresentado no primeiro capítulo deste trabalho.

A teoria da comunicação de Watzlawick ajudou a compreender os padrões comunicacionais estabelecidos nos sistemas conjugais estudados.

Em relação à religião e à cultura, buscaram-se aqueles autores sistêmicos que se dedicaram a estudar a cultura como definidora e constituidora do *self* e da experiência humana. Destacam-se neste campo Esther Perel, Joel Crohn, Joan Laird e Edwin Friedman.

A segunda parte do trabalho constituiu-se de observação direta intensiva. Conforme Lakatos (2007, p. 192), a observação direta intensiva é realizada por meio de duas técnicas: observação e entrevista.

### **1.8.2.1 Participantes**

Neste estudo, consideramos a família nuclear como aquela formada de pai, mãe e filhos vivendo juntos, não importando a forma de união que constituiu a família, se o casamento foi no civil, no religioso ou se apenas optaram por viverem juntos sem formalizar a relação.

Inicialmente, pretendeu-se entrevistar seis casais que congregassem tradições religiosas diferentes, isto é, um deles cristão e outro, judeu, com filhos entre zero e cinco anos. Sendo esta população uma parcela pequena da sociedade dentro da área geográfica abrangida nesta



pesquisa e difícil o acesso a essas pessoas, foi necessária uma mudança, ampliando-se a abrangência da idade dos filhos. Acrescentou-se ao perfil dos casais aqueles com filhos de até treze a vinte e quatro anos de idade.

Ao se buscarem casais para entrevista, primeiramente, foi contatado o Padre Católico Romano que tem sido a referência para casamentos inter-religiosos na cidade de São Paulo, mais precisamente, no bairro de Higienópolis. Porém, ele não apresentou nenhum casal para entrevista. Indicou, entretanto, como contato desses casais, a Sra. Marília Freidenson. Embora sua família tenha cooficiado tais casamentos, eles não possuem registro desses casais, mantendo contato com apenas um número bastante reduzido deles. A partir daí, buscaram-se, por meio de contatos, vários casais para a pesquisa. Dentre os casais contatados e que estavam dentro do perfil, três já se haviam divorciado, dois não puderam participar por contingências familiares relativas a problemas de saúde, um não disponibilizou um horário para a entrevista e seis efetivamente participaram do procedimento. Esses casais moram em diferentes regiões da cidade de São Paulo.

Para garantir o sigilo, todos os nomes dos entrevistados foram mudados, bem como dados pessoais que poderiam identificá-los. As entrevistas foram conduzidas pela própria pesquisadora.

#### **1.8.2.2 Local de coleta do material**

Os entrevistados designaram o local da entrevista. Cinco casais preferiram que o encontro se desse em sua própria residência; um escolheu o escritório em que ambos trabalham. Nesse último caso, ambos são profissionais liberais e são proprietários do seu espaço de trabalho, o que garantiu a privacidade do encontro.

### 1.8.2.3 Procedimento

As entrevistas semiestruturadas tiveram caráter qualitativo, buscando-se clarificar a influência das religiões na dinâmica familiar, com o objetivo de demonstrar como os casais comunicam e percebem as diferenças religiosas e como lidam ou planejam a educação religiosa de seus filhos. Lakatos (2007) ainda divide a entrevista semiestruturada em três modalidades. Dentre elas, a entrevista não dirigida, na qual “há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimento. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder” (LAKATOS, 2007, p. 199).

Gil explora de outra forma as possibilidades de entrevista e elaborou níveis de estruturação em que a entrevista por pautas tem o caráter semiestruturado. Nesta modalidade, o “entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira sutil, para preservar a espontaneidade do processo (Gil, 2007, p.120).”

As perguntas são divididas em duas categorias. A primeira, mais relacionada ao casal e a segunda, com enfoque na educação ou formação religiosa dos filhos.

As questões iniciais são para identificação das pessoas, em que se levantam:

idade, escolaridade, profissão, religião a que pertence, e tempo em que pertence a essa religião.

A pauta seguiu o seguinte roteiro:

1) Qual o lugar da religião na sua família?

2) Qual a importância da religião para cada um? Há algo que não é essencial para sua vida (ritos, valores, símbolos)?

3) Quais desafios o casal tem encontrado com relação às diferenças religiosas?

4) Como o casal tem lidado com esses desafios?

5a) Como planejam (para casais com filhos entre 0 e 5 anos) a educação religiosa de seus filhos e quais os desafios encontrados? Ou

5b) Como planejaram (para os casais com filhos entre 13 e 24 anos) a educação religiosa de seus filhos e quais os desafios encontrados?

6) O que mudou ao longo do processo?

A partir das entrevistas, procurou-se analisar as histórias familiares levantadas.

#### **1.8.2.4 Procedimento ético**

Para participar desta pesquisa, os entrevistados assinaram um termo consentindo participar desta pesquisa (ver anexo).

O projeto desta pesquisa seguiu os trâmites de qualificação e posteriormente foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Metodista de São Paulo e aprovado em ambos os processos

#### **1.8.2.5 A gravação das entrevistas**

Com o recurso tecnológico do mp3, foi possível gravar as entrevistas, gravação esta autorizada pelo casal na apresentação da proposta da pesquisa e esclarecimentos sobre o procedimento. Este procedimento pretendeu garantir a integralidade das informações dadas ao entrevistador, além de permitir que a pesquisadora pudesse observar melhor o casal.

Entretanto, nem sempre o equipamento funcionou de forma adequada, sendo que, em uma das entrevistas, o equipamento não funcionou e, em outra, deixou de funcionar em meio à entrevista. Também ruídos externos, como carros passando e gritos do bebê, tornaram alguns trechos inaudíveis. As gravações serão mantidas em sigilo, nos arquivos da pesquisadora, durante cinco anos.

#### **1.8.2.6 A transcrição das entrevistas**

O material colhido na gravação foi posteriormente transcrito em papel. A transcrição procurou manter a integridade da fala dos participantes, inclusive, mantendo a linguagem utilizada pelas pessoas. Foram eliminadas apenas as repetições. Também há lacunas nos trechos onde houve problemas na gravação devido a ruídos externos ou falha na gravação.

#### **1.8.2.7 A análise das entrevistas**

A análise do material foi feita tanto sobre o documento transcrito, quanto sobre o material de áudio. Também há a própria observação do entrevistador, durante a entrevista, sobre o comportamento dos entrevistados. A análise reflete o referencial teórico da pesquisa, isto é, a análise foi efetuada à luz da Teoria Familiar Sistêmica, a partir dos trabalhos dos autores já mencionados anteriormente. A religião foi a todo tempo compreendida e analisada como fenômeno cultural.

## 1.9 Considerações

As tradições religiosas estão presentes na vida das pessoas e são transmitidas de uma geração a outra. Mesmo que uma pessoa renuncie à tradição religiosa original, essa faz parte da constituição de sua identidade. O casamento é o início de uma família nuclear, é o *locus* do encontro de dois sistemas familiares e de suas culturas religiosas. A religião, principalmente quando envolve os filhos, deve fazer parte da agenda do casal. Não somente deve, mas efetivamente faz parte dela. Mesmo quando os cônjuges optam por não dialogar sobre o tema, a comunicação continua a acontecer. A teoria da comunicação introduzida neste capítulo indica que a comunicação não cessa, quer seja verbal, quer não verbal. Também a teoria da diferenciação do *self* aponta para o grau de autonomia da pessoa para que ela se coloque dentro dessa díade de modo auxiliar no crescimento do casal.

Esses conceitos até aqui apresentados vão auxiliar-nos na compreensão dos casais que congregam as tradições judaica e cristã. A discussão, neste primeiro capítulo, fornece-nos as lentes e a moldura para ver e compreender de que forma a religião dos cônjuges está presente na vida familiar e como isso influencia a dinâmica familiar ou é por ela influenciada.

## CAPÍTULO II

### COMPREENDENDO CASAIS EM SEUS CONTEXTOS E CRENÇAS

Este capítulo se dedicará a descrever os casais entrevistados e apresentará uma análise da entrevista. Inicialmente esta pesquisa havia determinado como público casais com filhos entre zero e cinco anos de idade. Sendo que o universo dos casais mistos de cristãos e judeus é pequeno e o acesso a esses casais é difícil, o objeto foi alterado para casais com filhos entre zero e cinco anos e entre treze e vinte e quatro anos de idade. Seis casais foram entrevistados, sendo que três deles com filhos entre zero e cinco anos e outros três com filhos entre treze e vinte e quatro anos. Os casais entrevistados não têm, na sua maioria, inserção nas suas respectivas tradições religiosas, isto é, não são membros ativos de comunidades religiosas. Apenas um marido, que chamei de Jorge, é membro ativo da Igreja Católica Apostólica Romana.

Como mencionado acima, o primeiro contato para tentar viabilizar as entrevistas, foi feito com o Padre Católico Romano do bairro Higienópolis na cidade de São Paulo. Esse é um bairro que tem uma predominância de moradores de origem judaica e a igreja do bairro é uma referência para casamentos inter-religiosos. Ele indicou como contato desses casais a Sra. Marília Freidenson. O Sr. Jayme Freidenson, falecido esposo da Sra. Marília, e que não era rabino, cocelebrou um casamento inter-religioso de um amigo na década de 80. Muitos outros seguiram-se a esse. Nesse campo, ele trabalhou juntamente com o Padre Humberto Porto. O Pe. Humberto Porto foi um dos grandes incentivadores do diálogo católico-judaico no Brasil (BIZON, 2005, p.121). Após o falecimento do Sr. Jayme, seus três filhos continuam a cooficializar casamentos inter-religiosos. Embora sua família tenha cooficiado tais casamentos (eles estimam cerca de três mil casamentos em trinta anos), eles não possuem

registro desses casais, mantendo contato com apenas um número bastante reduzido deles. Além dos casais indicados pela família Freidenson, encontrei outros casais para a entrevista por meio de outros conhecidos.

Dentre os casais contatados e que estavam dentro do perfil, três já se haviam divorciado, três não puderam participar por contingências familiares relativas a problemas de saúde, um não disponibilizou um horário para a entrevista e seis efetivamente participaram do procedimento.

As entrevistas deram-se na casa dos casais, exceto por um casal que preferiu que se realizasse em seu escritório.

A seguir, será apresentado um breve histórico da vida do casal, uma descrição das inter-relações com a família extensa e com demais pessoas do seu contexto social, ou seja, amigos, parentes, comunidade religiosa e outros grupos. Também, descrição da relação do casal em si, incluindo aqui os filhos. Uma vez que a entrevista seguiu uma pauta, e não um questionário fechado, buscar-se-á explicitar o funcionamento do casal. Este material vai oferecer subsídios para uma análise mais detalhada no terceiro capítulo.

A família nuclear com que se está trabalhando é composta de um casal e seu filho ou filhos. Mas sendo o enfoque desta pesquisa o casal, analisar-se-á o subsistema formado pelo marido e pela esposa. Entretanto, em alguns momentos, vai-se usar o termo **família** para designar o casal, para dar o sentido, naquele contexto, de que os filhos não podem ser excluídos da percepção do casal.

## **2.1 O casal Carlos e Silvia**

### **2.1.1 A história de Carlos e Silvia**

Carlos e Sílvia conheceram-se na época de faculdade, por intermédio de uma prima de Carlos, que estudava com Sílvia. Carlos é médico, 50 anos, católico romano. Sílvia é advogada, 49 anos, judia. Estão casados há dezoito anos e têm dois filhos, de quinze e treze anos.

Por ocasião do casamento, optaram por uma cerimônia no civil somente. Pensaram assim evitar qualquer discussão em torno da questão religião. Ninguém da família ou amigos cobraria uma atitude ou outra, certa forma de manifestação ou outra por parte do casal.

O casal lembra que, na época de namoro, quando o relacionamento começou a ficar mais estável, surgiram algumas inquietações com respeito a diferenças religiosas. Mas, como não conseguiam chegar a nenhuma conclusão, deixaram que a vida seguisse sem terem que discutir o assunto ou decidir-se por alguma forma de agir.

Ambos dizem que nunca tiveram nenhum conflito em relação a questões religiosas entre si. Sempre trataram o outro com respeito. Para o casal, o amor e o respeito são os valores mais importantes.

Da parte dela, o pai anunciou ao genro que “O único problema é que você não é judeu”, mas, com o tempo, isso deixou de ser um problema. Hoje ele convida Carlos para atividades de que normalmente somente judeus participam, o que, muitas vezes, é visto com reserva pelas outras pessoas, mas que também, aos poucos, vão acostumando-se com sua presença e participação.

O pai de Carlos tentou fazer com que Sílvia se convertesse ao catolicismo romano, mas ela não viu sentido nisso, uma vez que não acredita na doutrina cristã.



Frente às expectativas dos familiares, o casal se apoia mutuamente para que cada um mantenha a sua identidade religiosa. Eles procuraram apresentar as duas tradições religiosas para os filhos, o que se deu mais pela participação nas festas cristãs e judaicas, e deixar que eles decidissem que caminho seguir. Recentemente optaram por seguir uma religião. O filho optou por ser batizado e crismado na igreja católica romana e a filha optou por seguir o judaísmo. Os filhos não foram batizados quando ainda eram bebês, nem foi feito o *bris* para o filho.

Atualmente o casal não participa de nenhuma comunidade religiosa com regularidade. As tradições religiosas de ambos são vividas nas celebrações festivas, como Natal, Pécãh e outras datas importantes do cristianismo e judaísmo. O casal se orgulha de possuir um círculo de amigos que contempla uma diversidade de raças e crenças. Acreditam que isso é importante porque vivem num mundo de diversidade.

A convivência harmoniosa entre o casal é também fonte de orgulho por sentirem que servem de exemplo para as outras pessoas. Eles mencionam que pessoas que teriam tido restrições ao casamento deles pela disparidade religiosa hoje têm uma atitude diferente, inclusive, tentando uma reaproximação com o casal.

Eles sentem que têm provocado mudanças no contexto em que vivem.

### **2.1.2 Família extensa e comunidade local**

Apesar de Carlos e Silvia apresentarem uma aparente situação de convivência familiar bastante harmoniosa, tanto entre o casal quanto com a família extensa, no que diz respeito à religião, vemos que houve uma resistência da família e da comunidade em que estão inseridos e uma pressão para que se conformassem às respectivas tradições religiosas.

No início de seu relacionamento, Carlos e Sílvia lidaram com a resistência de suas famílias extensas, mais notadamente do lado da família de Sílvia. O primeiro evento que vem à memória do casal e que tem um impacto forte vem do pai de Sílvia. Ele disse ao futuro genro: “O único problema é que você não é judeu”. Aqui o sogro faz uma colocação que estabelece uma diferença de identidade.

Sílvia sente-se grata por o pai não ter exigido a conversão de Carlos ao judaísmo, mas recorda que o sogro lhe fez esta proposta, ao dizer, após alguns anos de casada: “agora sim, já se firmaram, você já podia passar “pro” lado dele, né?”

A isso, Sílvia responde que “não podia, porque a gente já conversou, e eu não vou fazer uma coisa que eu não estou convencida; se eu um dia me convencer, pode ser.”

Carlos reconhece que sua mãe e sua irmã, e, de alguma maneira, seu irmão, tiveram dificuldades com o seu relacionamento com Sílvia, mas defende seu pai, dizendo que ele era “cabeça aberta.”, como não querendo admitir que ele tivesse feito tal proposta a Sílvia.

Ao pai, Carlos tem grande admiração, a quem diz ter sido um homem que tinha grande respeito e convivia com todo tipo de pessoa e cujo modelo Carlos quer seguir.

Vemos a pressão familiar sobre o casal em momentos como os relatados por Carlos e Sílvia. Diante da primeira gravidez de Sílvia, seu irmão chamou-a para uma conversa e disse “bom, e aí, se for menino vai fazer lá, a circuncisão?” A pergunta teve um tom de cobrança do casal em relação a que encaminhamento seria dado para a criança. Carlos, que já esperava essa situação, coloca-se contrário, afirmando que “ninguém mexe nos meus filhos, só mexe se tiver uma necessidade médica”. Posição apoiada por Sílvia.

Além da família, a comunidade em que estão inseridos também se manifestou em relação ao casamento de Carlos e Sílvia. Sílvia conta que “tem pessoas que se sentiram incomodadas com o nosso casamento. Tem pessoas que não aceitavam, na época que a gente casou. Ficavam de orelha virada.” Ao longo do tempo, o casal acredita que, ao demonstrarem

que seu casamento tem superado os obstáculos e o seu amor os mantém unidos, a atitude das pessoas tem mudado e várias daquelas pessoas que não aceitavam o seu casamento “agora estão tentando se aproximar.”

### **2.1.3 O subsistema Carlos e Sílvia**

O casal diz que a religião não é a coisa mais importante de suas vidas, e que eles valorizam a sua individualidade e seu desejo pessoal. Apesar disso, o contexto familiar tem forte influência no comportamento de seus membros. O relato de Sílvia demonstra isso quando ela fala de sua própria resistência ao relacionamento com Carlos. Ela disse: “Quando a gente se conheceu eu relutei um pouco, apesar de não me entender bem com os garotos judeus, eu não me aproximava...”

Carlos lembra que “na medida em que o relacionamento se tornou um pouco mais regular, um pouco mais estável, isso gerou algumas inquietações, acho que momentâneas, conversamos algumas vezes a respeito, mas, mesmo assim, tínhamos uma posição clara que, se estávamos juntos, é porque um gostava do outro e não por conta da religião.” Embora possa não ter requerido uma preocupação maior com as questões relativas a diferenças religiosas, fica evidente que a religião faz parte de suas vidas e pode ser motivo de tensão.

Carlos reconhece esta possibilidade ao dizer “talvez em alguns momentos muito iniciais da nossa vida conjugal, quando a gente não estava habituado ainda com esse conceito, e talvez estivesse ainda carregando algum tipo de insegurança ou preconceito nosso mesmo, isso pode, talvez, em alguma situação, bem no início da vida conjugal... mas quanto mais acho que a gente tem convivido e envelhecido juntos... isso... Nossa! isso... não vai tendo a menor sombra de chance de se aproximar, a gente já rechaça logo...”

No sistema Carlos e Sílvia, apesar da aparente mutualidade, as decisões de Carlos parecem prevalecer sobre as de Sílvia, denotando aqui uma relação de poder do homem sobre a mulher. Sílvia tem uma tendência a aceitar as decisões de Carlos. Isso se evidencia em questões como o sepultamento do primeiro bebê. Sílvia, embora justifique toda a situação, dizendo que, na época, ela não tinha condições de decidir sobre o assunto e que a solução de Carlos, de sepultá-lo no jazigo de sua família em um cemitério cristão, foi uma decisão prática e economicamente mais viável. A sua expressão facial torna-se melancólica e um tanto desamparada. Ela continua a justificar que “agora todo mundo acho que segue isso, sei lá, não sei...”. Embora ela diga que isso não diz nada para ela, a sua expressão, ao mencionar o assunto, é que isso tem um componente emocional que não está somente no fato da perda da criança.

Outra lembrança que Sílvia traz juntamente com essa mencionada e que ela coloca lado a lado, como também não tendo nenhum significado, é a primeira comunhão do filho. O próprio filho quis fazer. Ela tentou convencer os filhos a que fizessem um curso preparatório tanto no catolicismo, quanto no judaísmo, mas não conseguiu. Ela comenta que disse aos filhos “Eu acho que vocês têm que fazer um curso, de um e de outro, e depois optar.” Mas o filho estava decidido e ela acrescenta, apontando para o marido “Ele decidiu com ele, fez tudo com ele.”

Já a filha, diz Sílvia, decidiu ser judia. Sílvia tenta firmar esta posição quando conta que “ela se sente..., ela põe a ‘estrela’, ela põe o *Hay*. [...] E ele deu uma cruz, e ela põe a cruz, e às vezes tira a cruz, e ela não sabe o que quer, não quer desagradar, mas também não quer usar.” Carlos imediatamente acrescenta “Não, mas a verdade é assim, não precisa usar um, pode usar junto. São minhocas na cabeça dela, entendeu? Não há problema.”

Sobre o sonho da filha de ter o *B'nai Mitzvá*, Sílvia diz que procurou mais uma vez convencê-la a fazer um curso preparatório. Sílvia diz que a filha detesta estudar, por isso não fez o curso, mas, no meio da sua fala, diz “ah, o pai não quer” (que faça o curso).

Sobre isso, Carlos diz que fizeram um *B'nai Mitzvá* simbólico. Simbólico no sentido de que não seguiu os preceitos da comunidade religiosa. Então vemos que, por um lado, o filho teve batizado e primeira comunhão dentro do sistema religioso católico, por outro lado, a filha teve um *B'nai Mitzvá* simbólico, isto é, não foi um *B'nai Mitzvá* reconhecido pela comunidade judaica, portanto, sem o mesmo valor. Foi uma grande e linda festa conforme descrito pelo casal. Mas, o evento não só comemorou o aniversário da filha e simbolicamente o *B'nai Mitzvá*, como também se comemorou o aniversário do pai. Portanto, um ritual que contemplou dois motivos diferentes, diminuindo assim a força simbólica do *B'nai Mitzvá*.

Há, conforme Watzlawick, Beavin e Jackson (2007) duas maneiras de interação. Ou a interação é simétrica, “caracterizada pela igualdade e a minimização da diferença” ou é complementar, baseada na “maximização da diferença”. O discurso é de uma igualdade entre eles. Em relação à vivência religiosa do casal, dizem que se respeitam mutuamente e que ambos têm o mesmo direito a viver a sua fé como lhes convém. Entretanto, quando se trata da formação religiosa dos filhos, fica nítida a prevalência da vontade do homem sobre a da mulher. Sílvia conforma-se, constituindo assim uma interação complementar.

É interessante pontuar que “um parceiro não impõe uma relação complementar ao outro, mas, antes, comporta-se de maneira que pressupõe o comportamento do outro, enquanto que, ao mesmo tempo, fornece razões para tal comportamento” (WATZLAWICK, BEAVIN e JACKSON, 2007, p. 63).

Esta prevalência dos desejos, das vontades do homem sobre os da mulher é a reprodução do padrão tradicional de família patriarcal, em que o poder está com o homem, cabendo à

mulher a submissão. Esse padrão relacional pode ser compreendido a partir da categoria de gênero.

Gênero é uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado. O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [...], é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT *apud* Macedo *in* Osorio, 2009, p. 60).

Macedo (*in* OSORIO, 2009) aponta que “gênero é um conceito de sexo social”, isto é, as qualidades masculinas atribuídas aos homens e as qualidades femininas atribuídas às mulheres não são naturalmente decorrentes da sua constituição anatômica, mas sim constituídas socialmente. O modo de agir vai sendo redefinido por grupos sociais, que vão sofrendo transformações ao longo do tempo. Assim, a categoria de gênero é dinâmica, uma vez que deve ser compreendida dentro das relações e do contexto.

Ao mesmo tempo em que, dentro da relação do casal, haja uma reprodução dos modelos mais tradicionais do papel de marido e mulher socialmente impostos, o casal apresenta uma capacidade de agir conforme suas próprias idéias. Ao assumirem um casamento que não estava em acordo com os desejos da família e do grupo social a que pertencem, e agirem apesar de sua influência, apresentam um elevado grau de diferenciação do *self*.

Como todo elemento de um sistema, é afetado por este, mas também é capaz de afetar o sistema, Carlos e Sílvia percebem que têm provocado mudanças no seu meio social.

*Carlos*: É, nós temos quebrado alguns paradigmas incríveis, e é uma coisa nossa! Eu nunca imaginei um dia estar nessa condição.

Carlos demonstra, de um lado, orgulho por fazer parte de um casal que quebra paradigmas, por ser modelo de uma relação bem sucedida; por outro lado, apresenta um sentimento de solidão, de não pertencimento. Ao final da entrevista, ele diz que gostaria de ter acesso a esta pesquisa, principalmente diz que: “para que meus filhos saibam que não estão sozinhos”.

## 2.2 O casal Maria e Arnaldo

### 2.2.1 A história de Maria e Arnaldo

Maria, psicóloga, 49 anos e Arnaldo, químico, 50 anos estão casados há 26 anos e têm 29 de relacionamento. Maria cresceu numa família católica romana, estudou em colégio de freiras, mas não era praticante. Arnaldo, de família judia, foi criado dentro de toda a tradição judaica. Ele conta que foi criado como judeu, que sua família não costumava frequentar a sinagoga, nem obrigava os filhos a frequentarem, mas praticava todos os rituais de todas as festividades em casa, semanalmente observavam o *Chabat*.

Eles se casaram em uma cerimônia inter-religiosa, cooficializada por um padre e um senhor judeu.

A mãe de Arnaldo gostaria que ele se casasse com uma moça judia, porém, quando Arnaldo e Maria decidiram se casar, ela resolveu aceitar a situação e ajudou a encontrar o representante judeu para oficializar o casamento. Esse foi o único obstáculo que os dois enfrentaram antes de se casar. O pai de Arnaldo já era falecido naquela época e a família de Maria não apresentou nenhuma objeção à união.

Nem Maria e nem Arnaldo têm qualquer problema em relação à religião do outro, dizem que têm muito respeito um pelo outro. Atualmente, a vida religiosa se dá com a participação em festas, tais como Natal, Páscoa, Péçah, Rosh Hashaná, etc.

Maria conta que sua família comemora somente o Natal e esse é mais comercial do que religioso; é do lado judaico que vem a maior parte das festividades. Essas são celebradas, apesar de serem eventos familiares, com os amigos. Uma vez que os pais de Arnaldo já são falecidos, eles se unem a outros amigos que também já perderam seus pais e celebram juntos.

Maria e Arnaldo têm um casal de filhos, de 24 e 22 anos. Quando bebês, foram batizados e o menino foi circuncidado. O casal pensou que os filhos deveriam ser integrados nas duas tradições religiosas e, assim, quando viessem a se decidir por qualquer uma das religiões, já teriam seu registro nelas.

Depois disso, Arnaldo começou a se interessar pelo kardecismo. Maria o acompanhou por algum tempo. Quando as crianças ainda eram pequenas estudavam o evangelho (segundo o espiritismo). Mas à medida que as crianças não se interessavam mais, isso foi deixado de lado.

Apesar do envolvimento com o kardecismo, Arnaldo considera-se judeu. Maria, mesmo com a incursão no kardecismo e mesmo não praticando, apresenta-se como católica.

Maria rezava com as crianças quando elas eram pequenas, mas Arnaldo acha que não mantiveram a disciplina suficiente para que os filhos tivessem uma formação religiosa. Sentem que faltou uma base religiosa mais sólida para os filhos, porque deixaram muito pela vontade dos filhos, mas deveriam ter imposto mais.

Arnaldo esperava que os filhos seguissem seu exemplo, mas lamenta que não esteja conseguindo. Para ele, o importante é que se passem valores como o respeito e a compaixão pelos outros. Principalmente nos dias de hoje, quando há tanta informação, os filhos deveriam ter uma formação que os ajudasse a viver nesse contexto. Ele faz orações diárias e tem a preocupação de ajudar as pessoas necessitadas. Nesse ponto, ele acredita que o kardecismo tem uma efetiva preocupação com pessoas necessitadas porque seus seguidores têm uma ação efetiva nesse campo; não é só discurso.

Arnaldo também aprecia o fato de que, no centro espírita que frequenta, todos são voluntários e não há uma cobrança de um compromisso financeiro com a instituição. Essa é uma das críticas que ele faz tanto à igreja, quanto à sinagoga, o fato de que tudo é cobrado e bem cobrado.



Esta é a razão por que a circuncisão do filho não foi feita na sinagoga: era muito caro. Esse foi o outro episódio que trouxe uma tensão para a família. Maria não tinha convivido com aquele ritual. Apesar de terem combinado durante a gravidez, não aconteceu como o previsto, pela questão financeira (tanto o rabino, quanto o cirurgião eram muito caros). Mas, por insistência da sogra, ela trouxe o rabino que fez a circuncisão em casa. Maria diz que “o bebê chorava cada vez que fazia xixi e ela ficou muito mal com aquilo”

Com o “relaxamento” em relação à participação dos filhos na religião, para que eles decidissem quando e como quisessem, não foram feitos nem a primeira comunhão, nem o *B'nai Mitzvá*, evento que foi cobrado pelos amigos judeus.

Atualmente o filho se diz ateu, embora os pais acreditem que seja uma rebeldia da idade. A filha já acredita em Deus e, de vez em quando, faz suas orações.

## **2.2 Família extensa e comunidade local**

A família de Maria é católica romana, mas não participativa ou mesmo pertencente a uma comunidade específica. Aparentemente, para eles o fato de Arnaldo não ser cristão não tem nenhuma importância .

O pai de Arnaldo já era falecido quando ele e Maria começaram a namorar. A mãe de Arnaldo, porém, quis que Maria se convertesse. Maria, por sua vez, não quis. Sua posição era de não se converter. Ela diz “eu não quis me converter porque eu já não seguia o catolicismo do qual tinha sido criada, né? E... e não conhecia nada do judaísmo. Então eu falava: ‘eu vou me converter a uma coisa que eu não conheço e que eu não vou seguir?’ ”

Diante da atitude de Maria, sua sogra deixou de pressioná-la e, como ela mesma contou, até ajudou a encontrar o rabino (na verdade, trata-se de uma pessoa leiga) para fazer o casamento inter-religioso.

O incidente que marcou significativamente Maria foi a circuncisão do filho. Apesar de já ter sido combinado entre o casal, antes do nascimento do filho, que isso seria feito, Maria disse que ficou muito mal. Maria conta “eu também nunca tinha convivido com aquilo. E a minha sogra fez questão de fazer, não teve festa nem nada, mas ela trouxe um rabino aqui e fez aqui mesmo. E... eu fiquei muito mal com aquilo.” Ao relatar esse acontecimento, transmite uma sensação de solidão, de ter passado esse mal-estar sozinha.

Arnaldo é agora órfão, portanto, não há mais nenhuma interferência familiar. Seu círculo de amigos mais próximos constitui-se de casais em que ambos são judeus. A maioria desses também já perdeu seus respectivos pais. E é com eles que o casal celebra as festividades judaicas, como Pécãh e Rosh Hashaná. Festividades essas que são, na maioria, eventos familiares. Os amigos ocupam, assim, o lugar da família.

Quando da época do *B'nai Mitzvá* de seus filhos, os amigos cobraram de Arnaldo o ritual. Ele se surpreendeu com a atitude de cobrança de seus amigos: embora esses estejam mais envolvidos com a tradição judaica, Arnaldo esperava deles uma atitude similar à sua, isto é, mais relaxada em relação ao judaísmo.

### **2.3 O subsistema Maria e Arnaldo**

O casal diz viver em harmonia, cada um respeitando o outro com sua religião. Arnaldo coloca a sua posição da seguinte forma “se ela quiser ir a uma missa, eu nunca botei nenhum obstáculo, nenhuma objeção contra isso [...] e se for o caso, até acompanho.”

Uma missa de sétimo dia é o exemplo que Maria dá de um evento cristão a que Arnaldo possa acompanhá-la.

O que se percebe é que a experiência religiosa se dá de maneira privada e desinstitucionalizada. Tanto Maria quanto Arnaldo não estão comprometidos com nenhuma

comunidade religiosa. Arnaldo frequenta uma instituição kardecista, mas ele mesmo explica que ali não há necessidade de contribuição financeira, o que, de maneira objetiva, é um vínculo de compromisso. Além disso, ele coloca que é um local para desenvolvimento pessoal. Cada um vai lá para aprender a se desenvolver como pessoa. Em momento algum, ele se refere a uma comunidade kardecista ou demonstra algum sentimento de pertencimento a esse grupo.

Arnaldo diz que não gosta de rituais; sente-se até mesmo incomodado por eles. Acredita que todas as religiões sejam boas e o importante é a religação com Deus. Essa busca pelo espiritual é muito importante para ele e independente de qualquer instituição religiosa. O importante para ele são os valores refletidos no seu agir. Esse deve servir de exemplo para os filhos.

Maria diz também sentir-se incomodada com os rituais das igrejas e também tem uma prática individualizada. Por algum tempo, procurou acompanhar Arnaldo no kardecismo, inclusive promovendo estudos do evangelho em sua casa quando as crianças ainda eram pequenas. Na medida em que os filhos cresceram e desinteressaram-se do estudo, Maria deixou essa prática e também se afastou do kardecismo.

De qualquer forma, o kardecismo nunca foi assumido como uma religião pelo casal, visto que o filho, quando ainda estava na escola fundamental, ao ser indagado de sua religião, respondia “sou *jucólico*”. É interessante observar como o filho tentou sincretizar as tradições religiosas de seus pais e criar uma nova identidade que congregasse a diversidade de suas experiências, e criar uma identidade própria.

Ao indagar Arnaldo sobre seu envolvimento com o kardecismo e como ele compreendia isso em relação a sua identidade judaica, ele responde que não vê conflito entre ser judeu e buscar práticas kardecistas. Para ele, o kardecismo é um meio de se desenvolver como pessoa.

Ele responde que Jesus Cristo foi um profeta e que ele acredita nas histórias sobre ele que estão na bíblia, mas que não tem o mesmo sentimento que os cristãos em relação a sua figura.

*Arnaldo:* eu não adoro Cristo como os cristãos... É isso, eu acredito, mas não adoro.

Ao se propor a questão de como Arnaldo compreendia seu envolvimento com o kardecismo, sendo ele um homem judeu, Maria diz “é uma coisa que eu sempre quis saber.” Fica evidenciado o quanto a vivência religiosa é individualizada e há um distanciamento entre o casal. A falta de diálogo sobre o assunto levanta a questão do nível de ansiedade que este assunto elicia. Arnaldo frequenta o centro kardecista há vinte anos e Maria ainda desconhecia o ponto de vista de Arnaldo. E, ao ouvir a resposta de Arnaldo, ela demonstra insatisfação, de modo que essa não fez sentido para ela.

Ao pensar o fenômeno do trânsito religioso, Souza (2001) propõe uma tipologia para facilitar a aproximação ao objeto em estudo, mas que não deve ser usada como uma “camisa-de-força”. São três os tipos:

1) *Trânsito de pertença* designa “o sujeito que muda de confissão religiosa adotando dogmas e doutrinas de sua nova religião. Essa adoção não está imune às hibridações, apesar de supostamente excludente de outros sistemas simbólicos, de acordo com as orientações da instituição religiosa a qual esse sujeito passa a pertencer” (Souza, 2001, p. 160).

2) *Trânsito pertencente* designa “o sujeito que apesar de admitir uma pertença religiosa específica, o sujeito de fé admite ‘visitar’ outras expressões religiosas” (Souza, 2001, p. 161). Apesar de o sujeito estar vinculado a uma expressão religiosa, há sempre uma hibridação dos elementos das várias expressões que experiencia.

3) *Trânsito sem pertença* designa o sujeito que admite pertencer a qualquer expressão religiosa, mas “entende a si mesmo como um ‘buscador’ incessante” (Souza, 2001, p. 161).

Fazendo uso da tipologia de Souza, pode-se identificar Arnaldo como o sujeito de *trânsito pertencente*. Arnaldo sente-se fiel à tradição herdada, mas, ao mesmo tempo, vai à busca de outras experiências que supram a sua demanda, que ele coloca como de autodesenvolvimento espiritual.

Uma preocupação do casal é a formação espiritual dos filhos. Para eles, a religião como instituição é menos importante, mas o casal está de acordo que a base de valores que a religião dá e que orienta a vida e o agir da pessoa é muito importante. Esse é o sentido de espiritualidade que o casal entende. Para Arnaldo, mais do que pertencer a uma religião, essa formação dos filhos ocorreria por meio do exemplo dos pais. Mas agora questiona se isso é suficiente e conclui que não é.

Arnaldo comenta que “apesar da gente ter sido criado mais austeramente pelos nossos pais, nos direcionando, impondo determinados limites à coisa” também viveu uma “época onde a gente podia se permitir dar mais liberdade para nossos filhos, para os nossos pensamentos...”

Essa liberdade dada aos filhos e a si mesmo redundou em uma falta de direcionamento dos filhos. O que é preocupante, uma vez que “hoje há uma quantidade de informação,” diz Arnaldo, “e isso vem acontecendo cada vez mais, eu acho que precisa existir, acho não, tenho certeza que precisa existir, entre os relacionamentos, não digo uma obrigação de uma religião, mas...”

Arnaldo e Maria vão tentando completar a frase do que faltou para os filhos. Maria diz: uma formação. Arnaldo diz método, Maria propõe disciplina e Arnaldo então fecha, dizendo: “você tem que ter disciplina e tem que ser sistemático.”

Ambos sentem que não conseguiram dar uma formação suficiente para os filhos. Maria diz “a gente tentou, mas não conseguiu. [...] e eu acho que faz falta na vida de uma pessoa alguma formação.” Ela atribui esse fracasso a não haver uma prática religiosa única na

família. Ela diz: “não tinha aquela coisa muito forte. E eu acho que o que mais pega, mesmo, é essa coisa de você não ter uma prática única.”

Não fica claro se a adesão de Maria ao kardecismo foi uma tentativa de estabelecer uma prática única na família. Como já mencionado anteriormente, o kardecismo parece não ter nunca figurado como uma religião para a família.

Os pais transmitem um sentimento de terem falhado com os filhos. Maria diz que o filho não acredita em Deus. Arnaldo procura amenizar a situação dizendo que é uma postura rebelde da idade, mas, que nas suas atitudes, ele demonstra ser um crente. A filha não segue nenhuma religião e não fala sobre o assunto, mas a mãe percebe que, em momentos de necessidade, ela recorre à oração. A preocupação dos pais é como os filhos enfrentarão as dificuldades da vida hoje sem a fé ou sem o contato com o divino.

Arnaldo vê como única possibilidade ainda de orientar os filhos dar o exemplo nas suas práticas. Ele criou um ritual próprio, como ele mesmo conta, em que reza todos os dias de manhã antes de sair para trabalhar e procura fazer o bem às pessoas. Arnaldo diz que faz assim, e que ela (Maria) faz também. Maria não faz qualquer comentário sobre isso, reforçando a idéia de que cada um tem uma prática, não só diferente, mas uma postura diferente para lidar com os filhos. Enquanto Arnaldo ainda espera que eles sigam o seu exemplo, Maria diz que “daqui para frente, cada um (dos filhos) vai traçar o seu destino [...] e agora a gente só está aqui de porto seguro.”

### 3 O casal Dulce e Roberto

#### 3.1 A história de Dulce e Roberto

Esta é a segunda união de Dulce, 40 anos, e Roberto, 45 anos. Eles estão juntos há quinze anos e têm um filho de cinco anos. Dulce é arquiteta, de origem judaica e Roberto, administrador de empresas, vem de uma família católica romana. Eles não são casados nem civil nem religiosamente, o que tem dificultado encontrar um padre para batizar o filho.

Roberto, de família católica romana, foi educado nos primeiros anos em colégio de freiras. Dulce, de origem judaica, foi educada em um colégio sem vinculação religiosa. O pai de Dulce sofreu com a segunda guerra mundial e veio ainda jovem para o Brasil. Traumatizado com a guerra, não queria que seus filhos pudessem, um dia, viver a mesma situação. Acreditava ser importante conviver com toda a diversidade de pessoas que compõe a sociedade paulista e assumir a cultura brasileira, incluindo a religião. Dulce frequentava missas quando menina, levada por uma tia. Ele gostaria mesmo que ela se casasse com alguém que não tivesse um sobrenome judeu.

Roberto não acredita que necessite de intermediários para sua conexão com Deus, não acredita nas instituições.

O casal diz concordar que o filho deve ter liberdade de escolha com relação a sua religiosidade e que ele deve conhecer tanto a tradição cristã, quanto a judaica. Quando pequeno, o filho passou pelo *Bris*, porém, o casal lamenta ainda não ter conseguido batizar o filho porque os dois ainda não encontraram um padre que se tenha disposto a batizar a criança.

O filho estuda em uma escola que era dirigida por freiras. Hoje a escola é laica, mas há catequese para as famílias que desejarem, como um curso extracurricular.

Ao final da entrevista, o casal mostra os símbolos religiosos que possuem dentro de casa, tanto cristãos, quanto judaicos; entre esses: anjos, santos, a bíblia, a *menorah*, *mezuzah*, cruzeiros e a estrela de Davi.

### **3.2 A família extensa e comunidade local**

Tanto Dulce, como Roberto já têm pais falecidos. A família extensa é bem pequena. Dulce tem um irmão e Roberto, dois.

A família de Roberto, apesar de católica, não interfere na vida ou na decisão de seus membros. A família de Dulce, como já mencionado anteriormente, particularmente, seu pai, desejava que a família se inculturasse e se mesclasse ao povo brasileiro, incluindo nisso a religião predominante no país, ou seja, o catolicismo romano.

Uma posição diferente da família dos tios. Dulce conta que dos primos foi exigido que casassem com pessoas de origem judaica.

O casal mantém uma relação distante com os respectivos irmãos e com a mãe de Roberto.

### **3.3 O subsistema Dulce e Roberto**

Roberto já ia falando sobre o tema da entrevista antes mesmo que a entrevistadora prestasse os devidos esclarecimentos e orientações para a entrevista. Logo em seguida, seguiu-se o seguinte diálogo:

*Roberto:* Porque a gente descobriu...

*Dulce:* Pai.

*Roberto:* Pára, só vou falar pra ela...



*Dulce:* Não, mas deixa ela fazer as perguntas antes...

O “Pai” dito por Dulce foi em tom de reprovação. Roberto aparenta ser uma pessoa ansiosa e bastante ativa, mas, após a interferência da esposa, ele passa a falar menos durante toda a entrevista e também parece perder parte de sua vitalidade. Em vários momentos, ele se senta de lado na poltrona, com as costas voltadas para Dulce. Conforme Watzlawick, Beavin e Jackson (2007, p. 76 e 77), “as pessoas, no nível de relação, não comunicam sobre fatos situados fora de suas relações, mas oferecem-se mutuamente definições dessa relação e, por implicação, delas próprias.” O eu oferecido por Roberto é rejeitado por Dulce. A rejeição é uma das respostas possíveis para a definição de eu apresentada. Esta é uma relação complementar em que Roberto necessita conformar o seu eu de modo a complementar e apoiar o eu de Dulce.

O discurso do casal é de um respeito mútuo em todos os aspectos, bem como na questão das origens religiosas diferentes. Dulce acredita que a convivência se torna mais fácil pelo fato de ela ter tido uma convivência com o cristianismo já desde a sua infância, quando frequentava missas católicas romanas com uma tia.

Ao receber ensinamentos judaicos, bem como ao frequentar missas na igreja católica romana, Dulce absorveu práticas tanto da tradição judaica, quanto da cristã. Em seu quarto, ela tem tanto símbolos judaicos, quanto cristãos sobre a cômoda. Ela também conta que, todos os dias, reza o Pai Nosso e reza o Shemá Israel. Ela diz “*Eu, todo dia, rezo os dois porque eu acho que está tudo(?) junto.*”

*Roberto:* ela vai aos cultos também, reza também... é engraçado... ela é eclética.

Apesar do “ecletismo” de Dulce, ela afirma sua identidade como judia ao dizer sobre si mesma, “*o que acho é o seguinte: se você é judeu, você fica sendo o resto da vida*”.

Nesse aspecto, Dulce enfatiza a descendência do filho. Ela é taxativa e a sua inflexão de sua voz é imperativa ao dizer:

*Dulce:* Eu sou judia. Então, quer dizer, “teoricamente” meu filho, querendo ou não, é judeu.

No decorrer da entrevista, Dulce repete a frase dizendo: “*querendo ou não, ele é judeu e vai ser sempre*”.

Estas falas de Dulce contradizem o discurso inicial sobre a formação religiosa do filho, em que ambos afirmam que pretendem apresentar as duas tradições religiosas a ele.. E ainda que ele vai poder fazer suas escolhas mais tarde.

Também é demonstrado o desejo de Dulce em relação ao filho pela preocupação dela sobre a escola em que o filho foi matriculado. Ela conta que sua reação inicial à opção proposta foi “*putz, vou pôr justo no colégio católico!*” Ela só ficou tranquila depois que resolveu alguns pontos. Primeiro, ela conversou com o rabino que disse a ela que a educação judaica ela daria em casa. Depois, ela descobriu que o fundador do colégio havia sido um judeu e que atualmente o ensino é laico, além de o filho ter coleguinhas judeus na escola.

Sobre o ensino da religião, Roberto conta que o catecismo é extracurricular, pago a parte, inclusive. Dulce, sobre isso, comenta que, a partir do próximo ano, o filho já teria a possibilidade de frequentar as aulas de religião. Nesse ponto, segue-se o seguinte diálogo:

*Dulce:* A partir do ano que vem, ele terá aula de religião, se eu quiser. Porque aí é voltado ao catecismo. É isso?

*Roberto:* Mas ele... é no currículo, né?

*Dulce:* Não, não é no currículo, é extraoficial, se eu quiser.

*Roberto:* Extraoficial, é isso que eu “tô” falando. Se você quiser.

Dulce enfatiza a expressão “*se eu quiser*”, usando um tom de voz mais alto, e Roberto conforma-se e sustenta que é ela quem vai definir o caminho do filho.

Roberto, em outro momento, demonstra um descontentamento com essa atitude da esposa e diz:

*Roberto:* Eu só divirjo da posição dela em relação a ele (o filho), porque eu acho que ela tem a obrigação de fazer com ele o que o pai dela fez com ela. Deixar a livre escolha. O livre-arbítrio é dele.

Essa sua insatisfação é enfatizada com sua postura, sentando-se de lado e com as costas viradas em direção a Dulce.

Há discordância sobre a condução da formação religiosa do filho, disfarçada sob um discurso de igualdade na introdução das tradições religiosas ao filho. Como símbolo dessa convivência harmoniosa do casal, eles mostram com satisfação a coleção de símbolos cristãos e judaicos que possuem.

Os símbolos que estão dispostos nos vários cômodos da casa também se contrapõem à falta de diálogo do casal sobre o tema religião. A esposa comenta, antes de nos despedirmos, que não conversam muito sobre religião porque sabem que têm ideias divergentes que podem levar à discórdia.

*Dulce:* A gente não fala muito sobre isso porque a gente sabe que tem pontos de vista diferentes e, se a gente começar a falar, pode dar briga.

O primeiro axioma proposto por Watzlawick, Beavin e Jackson é de que não há possibilidade de não se comunicar. O casal propositalmente procura evitar dialogar sobre religião com o intuito de manter a harmonia do casamento. Isso não implica que o problema deixe de existir. Nem mesmo minimizar a importância da religião em suas vidas ajuda a lidar com seu desejo, principalmente, em relação à formação dos filhos.

A comunicação dos desejos, expectativas e idéias não ocorrem somente no modo digital, isto é, com o uso de palavras, mas também analogicamente. A comunicação pode ser até exclusivamente analógica, que corresponde a toda comunicação não verbal, ou seja, através de gestos, expressões, postura, bem como inflexão da voz e outras manifestações físicas do comunicador.

Na perspectiva de Bowen, a ansiedade gerada por um determinado assunto faz com que se passe a evitá-lo. O casal cria um distanciamento emocional, isto é, evita o assunto, evitando o confronto entre si. Esse artifício, entretanto, não aplaca a ansiedade e o contato do casal vai diminuindo à medida que aumenta a ansiedade (ELKAÏM, 1998).

Watzlawick, Beavin e Jackson também trazem o conceito de pontuação da sequência comunicacional, em que o comportamento de uma pessoa é reação ao comportamento do outro, e este provoca outra reação no comportamento do primeiro. Não é possível estabelecer um comportamento que seja o causador primeiro da série que se forma, mas como essa pontuação se dá vai determinar a natureza da relação do casal.

## **4 O casal Sônia e Fábio**

### **4.1 A história de Sônia e Fábio**

Sônia e Fábio estão casados há oito anos e têm um bebê de um ano. Sônia tem 35 anos de idade e é formada em Relações Exteriores e Fábio tem 33 anos e é formado em Administração de Empresas. Eles se conheceram quando estagiavam na mesma empresa. Após seis anos de namoro, casaram-se numa cerimônia inter-religiosa.

Sônia é judia, e seu contato com a cultura e religião judaica se deu mais no âmbito familiar. Ela não teve muitos amigos judeus na sua infância e adolescência; ao contrário, a maioria era de cristãos católicos romanos. Ele frequentava o clube Hebraica, mas não tinha um círculo de amizades lá e frequentou por pouco tempo a escola Renascença, que é uma escola dirigida e frequentada por judeus. De lá, não tem uma boa recordação, pois, como sua entrada na escola deu-se já na adolescência, ela se sentiu discriminada e rejeitada pelas colegas que já estavam juntas desde os primeiros anos escolares. Da infância, lembra que sentia falta de comemorar o Natal, como seus amigos cristãos. Na época, ela não entendia o porquê da sua família não poder vivenciar essa festa também. Hoje, ela pretende que não falte na vida de seu filho. Quando Sônia decidiu se casar com Fábio, o pai dela não ficou satisfeito, mas aceitou na medida em que percebeu que ela estava feliz.

Fábio vem de uma família católica romana, e sua mãe teve um papel importante na sua formação religiosa. Ele diz que ela é uma pessoa de muita fé. Sendo seus pais comerciantes, eles têm pouco tempo para se dedicar a participar de alguma igreja. Fábio conta que não foi crismado na igreja católica romana, mas tem a convicção de que seguiu a religião. Embora não frequente uma igreja, a religiosidade de Fábio inclui fazer promessas para Nossa Senhora

de Aparecida, o que é respeitado por Sônia, que o acompanha até Aparecida para pagar a promessa feita.

Para o casal, mais importante que a formação religiosa é a formação acadêmica do filho, o que vai garantir o seu futuro no mercado de trabalho. Eles buscam dar condições de vida melhores que a que eles tiveram em termos de educação e conforto. Entretanto, querem garantir que o filho tenha vivência com as tradições religiosas das duas famílias de origem e vão deixá-lo decidir que caminho seguir quando tiver maturidade para discernir.

O casal Sônia e Fábio recebeu-me no salão do prédio onde moram e, após os esclarecimentos sobre os procedimentos da entrevista e do uso do material, demonstraram grande preocupação com o sigilo das informações tanto por segurança, quanto também de que não fossem identificados. Sônia tem uma voz suave e fala baixo; seu marido parece mais energético do que ela. A entrevista dá-se com a presença do filho. O pai havia acabado de chegar do serviço. A mãe passa o filho para ele e ele cuida do bebê até o final de nosso encontro.

#### **4.2 A família extensa e comunidade local**

As famílias, tanto de Sônia, quanto de Fábio, aparentemente não exercem uma influência significativa na vida do casal. Da parte de Fábio, os pais comerciantes estão muito ocupados com o trabalho, o que diminui o tempo de convivência entre eles.

Da parte de Sônia, os pais aparentemente se conformaram com a escolha da filha quanto ao marido. O grau de aceitação da família em relação à tradição religiosa diferente na vida da filha e do neto aparentemente também aumentou. Sônia conta que sua mãe se emocionou na festa da escolinha, quando o pequeno Rafael fez o papel de menino Jesus.

*Sônia:* Sabe, ele foi até o menino Jesus na escolinha!

*Fábio:* É.

*Sônia:* Quer dizer, minha mãe assistiu, se emocionou até, respeitou. Por causa da gente, ele não deixou de ser o menino Jesus aí fora...

*Fábio:* Por causa da religião.

*Sônia:* ... por causa... é, por eu ser judia. Não! É uma coisa que ela (se referindo a própria mãe) vai guardar pra sempre.

*Fábio:* É, foi emocionante pra a família. Então, a família dela também participou...

Sônia e Fábio apresentam um *self* suficientemente diferenciado para não depender da aceitação e aprovação dos pais o do grupo social a que pertencem.

### 4.3 O subsistema Sônia e Fábio

Sônia e Fábio apresentam-se como pessoas muito tranquilas e com uma relação bastante harmoniosa. O casal apresenta uma interação simétrica, isto é, caracterizada pela igualdade. O casal afirma que o principal valor que mantém o relacionamento é o respeito. O respeito coloca-os em igualdade de condições. Isso quer dizer que a tradição religiosa de cada um merece a mesma consideração, o mesmo respeito de um para com o outro.

*Sônia:* Sempre a gente ficou junto. Ele não quis se converter, eu nunca exigi isso dele, ele também nunca exigiu que eu me convertesse. A gente respeitou tudo, né?

O respeito que o casal apresenta em relação às manifestações da religiosidade de um e de outro significa a confirmação, isto é, aceitação do eu do outro. Porque, conforme Watzlawick, Beavin e Jackson, todo aquele que comunica, comunica algo de si próprio.

A aceitação também implica que o outro e o modo de vida do outro causa estranhamento porque lhe é diferente. Frente à cultura religiosa de Sônia, Fábio apresenta a atitude proposta por Perel, que seja a de uma visão turística. Reconhecer o outro diferente requer que cada um olhe o outro com um olhar sem pressuposições, com um olhar de quem não tem qualquer pré-conhecimento, um olhar de quem está aprendendo. Esther Perel (*in* PAPP, 2002) chama esse

olhar de uma “visão turística” do casamento. Uma visão que permite que as pessoas sejam “sensíveis a reações mútuas”.

Fábio usa a mesma metáfora de Perel para exprimir seu modo de ver o outro.

*Sônia:* Você mais estranhou porque não estava acostumado com aquilo.

*Fábio:* É, mas é tudo como se você fizesse uma viagem pro exterior, é cultura. Então, é diferente. É diferente porque no catolicismo você vê sempre o casal unido, sempre junto e na religião judaica você tem os dois lados, bem separados. Então, eu entendi, normal, pra gente encarar isso numa boa.

A demonstração dessa aceitação também se dá pela participação nas celebrações e eventos das tradições judaicas e cristãs. E também em relação a manifestações mais individuais da religiosidade. Como exemplo, Fábio aprecia Sônia tê-lo acompanhado a Aparecida para que ele pagasse uma promessa.

*Fábio:* É, ela já me acompanhou em alguma viagem que a gente fez. Eu tinha feito uma promessa e queria ir a Aparecida do Norte.

*Entrevistador:* Pagar promessa?

*Fábio:* E ela, em nenhum momento, se absteve, inclusive, foi junto. Acho que foram algumas conquistas que eu pude ter e nós fomos lá, vimos a Nossa Senhora Aparecida, então... Teve meu momento de fé e, em nenhum momento, isso impediu ela de entrar numa igreja, de participar, de ver um pouquinho. Sentamos lá pra assistir uma missa.

O casal concentra-se na educação do filho, em que a preparação para o mercado de trabalho é sua principal preocupação. Maior preocupação com formação acadêmica e menor com formação religiosa. Além de concluir que ele tem a liberdade de escolher e que não só o ambiente familiar é que vai definir sua escolha, mas também outros ambientes que ele vier a frequentar.

*Sônia:* [...] Vamos fazer mais tarde e aí já faz os dois (referindo-se ao batizado e ao *bris*). [...] E aí ele ficaria dos dois lados, né?



*Fábio:* Faz o batismo, por causa do judaísmo, convidando meu irmão e a irmã dela... meu irmão e a irmã dela pra que eles possam fazer parte da cerimônia católica e, também, depois, se tiver autorização do pediatra, a gente pode fazer, no caso, a cerimônia para o Rafael.

*Sônia:* A gente vai deixar os dois, né? Pra poder mostrar, assim, pra mostrar pra ele que ele tem os dois lados.

*Entrevistador:* Ele vai estar iniciado nos dois lados.

*Sônia:* É. Porque pela religião hebraica, se a mãe é judia, ele é judeu, né?

*Entrevistador:* Sim.

*Sônia:* Pela tradição é, mas a gente vai deixar ele optar pelo que ele quiser. A gente não sabe o meio; de repente, o ambiente que ele vai seguir Deus. A gente não sabe, né? Daqui a uns anos como é que vai estar.

Sônia e Fábio têm um bom nível de diferenciação. O nascimento de um filho geralmente aumenta o stress das pessoas, mas ambos têm demonstrado que podem lidar bem com a situação e a ansiedade.

Pessoas em que o *self* está pouco diferenciado dependem da aprovação dos outros; não é o caso de Sônia e Fábio. Não há sinais de que o nível de ansiedade afete a sua relação.

O casamento é a união de dois sistemas culturais, mas, se o estilo cultural do outro não é reconhecido como tal, isso pode gerar conflitos. Sobre isto, Whitaker e Bumberry escrevem que “um casamento saudável realmente é uma mistura de duas culturas estrangeiras. É um esforço para fundir estas duas culturas em uma cultura nova, que é ao mesmo tempo similar e distinta de cada um dos clãs contribuintes” (1990, p. 139).

Quando o casal reconhece as diferenças, os cônjuges podem ajustar aquelas que sejam complementares, isto é, traços que se ajustam mutuamente. Goldbeter-Merienfeld (*in* ELKAÏM, 1998, p. 240) aponta que “em uma família que funciona bem, a complementaridade traduzir-se-á por um bom trabalho de equipe.” Isso amplia as possibilidades deo casal lidar com seus conflitos.

Se o casal tende a competir para tentar reproduzir a sua família de origem, a família que se está formando perde com isso. Perel sugere que, no encontro de dois sistemas culturais, o casal deva criar uma “terceira realidade”. A terceira realidade não é uma mistura dos dois estilos de vida, mas uma alternativa original. Esta nova família pode incluir aspectos de uma e de outra família que valham a pena para si. Os compromissos firmados nessa realidade transcultural não são necessariamente simétricos, ou seja, às vezes um dos cônjuges necessitará fazer o sacrifício de ceder de sua parte. Para Perel, “aquele que se adapta ao outro se investe de grande poder, já que foi quem sustentou o relacionamento” (*in* PAPP, 2007, p. 205).

## **5 O casal Marta e Jairo**

### **5.1 A história de Marta e Jairo**

Marta e Jairo conheceram-se na universidade e estão juntos há vinte e seis anos, dos quais quinze de casamento. Ambos têm 49 anos de idade e um casal de filhos com quinze e quatorze anos de idade.

Marta é católica romana, formada em direito, trabalha na empresa familiar. Jairo é judeu, não completou a faculdade e é empresário.

Nenhuma das famílias de origem tentou ou expressou a vontade de que o cônjuge de seu filho ou de sua filha se convertesse à religião a qual pertencem. Jairo tem muita admiração pelo seu pai. Ele era uma pessoa que respeitava as outras religiões e acreditava que uma pessoa não deveria se converter a outra religião a não ser que fosse por convicção de crença. Jairo acredita que grande parte das dificuldades que surgiram entre o casal pela diferença de culturas religiosas foi solucionada durante o período de namoro. Portanto, o casamento transcorre sem que o casal perceba dificuldades no relacionamento, decorrente das diferenças religiosas. Jairo teve um namoro anterior ao namoro com Marta, em que ele experienciou preconceito pelo fato de ser judeu. Essa experiência fez com que ele sentisse ansiedade ao início do relacionamento com Marta no sentido de se repetir a mesma situação.

Jairo e Marta têm buscado aprender sobre as tradições religiosas do outro e percebem que isso aumenta o respeito de um pelo outro. O casal entende que o mais importante no relacionamento em que se encontram dois sistemas familiares com tradições religiosas diferentes é o respeito.

Tanto Jairo, quanto Marta não são participantes de nenhuma comunidade religiosa, mas ambos afirmam sua identidade religiosa.

Também explicitam aqui que, apesar da pouca frequência ao ambiente religioso, eles mantêm o contato com Deus, especialmente por meio de orações.

Os filhos do casal, que estudam em um colégio católico romano, optaram por seguir o judaísmo e solicitam uma maior frequência à sinagoga. O casal diz que também gostaria de aumentar a frequência aos respectivos ambientes religiosos, porém, tem tido pouco tempo, pela grande demanda de trabalho.

## 5.2 A família extensa e comunidade local

Catarina, a mãe de Jairo, assim como o pai, não teve restrições em relação aos filhos se casarem com moças cristãs. Porém, quando chegou a época de batizar o neto, Catarina foi tomada de ansiedade, relacionada ao medo da perda do neto. Ela se remeteu a uma história ocorrida na Itália no início do século XX, quando um casal de judeus fez uma viagem e deixou o filho aos cuidados da babá, que era católica romana. A babá levava o menino para a igreja e esse foi batizado pelo padre. Ao retornarem de viagem, o bispo retirou o menino da família e levou-o para viver em um mosteiro, porque agora ele era cristão. Os pais, mesmo apelando aos juízes e outras autoridades, não conseguiram reaver o filho.

Catarina, porém, não atuou para impedir o batizado, mas, sim, foi em busca de encontrar uma solução. Marta conta:

*Marta:* [...] Então, a Catarina ficou apavorada, até que ela foi conversar com o padre Humberto, que é quem fazia os casamentos inter-religiosos e fez o nosso casamento. Aí, o padre Humberto disse: “Catarina... pelo amor de Deus, quê que é isso?” Então ele deu várias explicações e aí ficou tudo resolvido.

Por seu lado, Catarina pressionou para fazer o *bris*, situação que trouxe ansiedade para Marta, principalmente pela atitude pouco sensível do rabino trazido por Catarina. Jairo reconhece que a atitude de sua mãe pode ter assustado Marta, mas ele comenta:

*Jairo:* Talvez na hora ela não fez por mal. De fazer o *bris*.. Mas o que importou foi isso, a gente ignorou a minha mãe e a mãe dela e... vamos... Se tu imagina: eu com a Marta, e minha mãe vem encher minha paciência, e eu vou dar razão pra minha mãe. Pronto, já “tô” brigando com ela. Então... é nesse aspecto que a gente coloca.

*Marta:* Por isso que eu falo, nós estávamos bem de acordo um com o outro. [...] O filho é nosso, então nós é que temos que resolver.

O casal privilegia o seu relacionamento, não formando relações triangulares que possam interferir no relacionamento do casal.

Marta tem um relacionamento com a sogra em que ela tanto busca aprender mais sobre a religião judaica, quanto busca orientação para lidar e superar conflitos com o marido.

O pai de Jairo achava que os filhos não poderiam crescer alheios à cultura local, inclusive, à cultura religiosa. Uma vez que o Brasil é de maioria católica romana, os filhos tinham amigos católicos romanos. Assim, na época de Natal, eles também montavam em casa uma árvore de Natal.

O pai de Jairo era uma pessoa que ele admirava muito, especialmente o seu respeito por outras religiões.

A família de Marta também não demonstra qualquer restrição a Jairo, inclusive, aceitando que ele conduzisse a cerimônia de casamento da irmã de Marta no papel de celebrante, gerando surpresa entre os convidados da família de Marta.

*Marta:* Admiração...ficou todo mundo super admirado. Todos perguntando para a noiva: mas... e o seu pai, a sua mãe, católicos, não se incomodaram? Ela falou: “não, ninguém”

Há uma confusão sobre a questão da celebração, mas foi esclarecido que Jairo entende que ele não estava fazendo o papel de padre, mas que ele conduziu a celebração com o entendimento de que os noivos é que são os protagonistas do ritual, isto é, eles é que invocam a benção de Deus. Apenas o ritual foi com forma católica. De qualquer forma, gerou confusão

para os convidados, que, apesar disso, demonstraram uma admiração pela atitude inclusiva da família de Marta.

### 5.3 O subsistema Marta e Jairo

Marta e Jairo demonstram muita descontração durante a entrevista. O casal, que não é de frequentar ambientes religiosos com regularidade, acredita na importância da religião na vida das pessoas e da sociedade.

*Jairo:* Agora quem busca uma bênção religiosa e que mantenha a tradição das religiões, isso é louvável! Quer dizer...hoje em dia você ver pessoas que querem buscar essa bênção nessa união, é uma coisa bem legal, é sinal que o mundo não está perdido, porque tem gente que ainda acredita que a bênção é uma coisa importante...é, porque hoje está tudo muito descartável, está tudo muito superficial, muito fácil, qualquer coisa.

O casal também faz uma colocação sobre a religião na família.

*Marta:* Porque eu fico imaginando um casal de religiões diferentes, se não se entende na religião, ah, não vai se entender em nada, né?

*Entrevistador:* Vocês acreditam que seja assim.

*Jairo:* É, é um problema muito sério isso.

*Entrevistador:* É um aspecto da vida, não é? Então...

*Marta:* E assim, com os filhos também...

O casal diz que não tem conflitos pelas diferentes tradições religiosas presentes na família.

*Marta:* E o respeito também, né? A gente se respeita muito nesse sentido de religião, ele sempre me respeitou e eu também.

Além da *mezuzah* na entrada da casa, não há outros símbolos judaicos visíveis na sala da casa. Marta diz que a cozinha é o seu espaço e é nele que ficam os santos para quem ela acende velas. Apesar do aparente confinamento das expressões religiosas de Marta no espaço da cozinha, ela diz que há uma convivência das tradições religiosas. A isso Jairo conta que:

*Jairo:* É, e eu passei a entender também o significado dos santinhos com os católicos, coisa que para os judeus é estranha, porque nós não temos imagens. Então, por isso que eu te falo, essa coisa de você manter a tradição religiosa, também tem um lado que complementa, que é você também participar da tradição do outro, tipo, “pô”, já fiz um monte de coisa para ela, que se contar, “pô”, é brincadeira um judeu fazer, mas eu faço, porque de repente é do gosto dela, e assim como ela faz para mim também.

Como exemplo de coisas que Jairo faz para Marta, está pendurar faixas em postes e outros lugares públicos, em ação de graças por preces atendidas.

Marta também procura aprender sobre a tradição judaica com a família do marido, especialmente com a sogra, que parece ser uma pessoa com bastante conhecimento.

O casal procura entender a religiosidade do outro, aprender sobre o outro, mas os cônjuges não participam de suas respectivas comunidades religiosas. Para eles, isso não interfere com o seu sentimento de identidade religiosa. Jairo faz a seguinte colocação:

*Jairo:* É tudo bem que a gente tem uma tradição. A gente não é religioso no sentido de frequentar, é bem *light*. Ela tem orgulho de ser católica e eu tenho orgulho de ser judeu, quer dizer, isso não é abalado por frequentar ou não frequentar; isso continua igual, mas é uma coisa pra gente.

Sobre a formação religiosa dos filhos, Marta expõe o plano do casal:

*Marta:* Eu acho que ele olha por todos, independente de ser judeu, católico ou protestante ou evangélico, eu acho que Deus é o mesmo. Agora, eu acho que a base mesmo para um relacionamento de religiões diferentes dar certo é o respeito, né? E assim, nós resolvemos que, quando a gente tivesse filhos, os nossos filhos, nós explicaríamos as duas religiões, a católica e a judaica e eles seguiriam o que eles quisessem. E os dois se converteram e são judeus.

Ambos demonstram tranquilidade ao falar da escolha dos filhos. Jairo diz que está orgulhoso por eles fazerem sua própria escolha.

*Jairo:* ... mas eles acabaram, optando assim... Sabe, isso é uma coisa que nos orgulha, assim... a gente... Pra mim, é assim, é um orgulho ser judeu, tal, beleza, mas também, se não fosse, não ia fazer diferença porque eu nunca tive a pretensão de dar esse caminho. Então, pra

mim, o orgulho é esse, é não ter feito nada, e eles terem optado por isso, isso é uma coisa legal, quer dizer... em nenhum momento, “pô”, você... não nada, nem eu nem ela, e não existe um papo, assim, de querer agradar a gente, foi uma coisa que eles fizeram...é, espontâneo e pensado...

Os filhos fizeram o curso preparatório para o *B'nai Mitzvá*, que tem duração de dois anos, com um encontro de quatro horas. Os pais entendem que é uma demanda grande para um pré-adolescente. Jairo faz questão de esclarecer que ele não influenciou a decisão dos filhos.

Marta lembra uma situação que gerou muita ansiedade, que foi a circuncisão do filho. A falta de sensibilidade do rabino em lidar com a situação traumatizou Marta, conforme ela conta, com a concordância de Jairo, que também se sentiu indignado com o comportamento do rabino.

*Marta:* Na época da circuncisão, quando o Mauricinho nasceu, eu não sou judia, então eu não estava acostumada. [...]. Pra mim foi difícil...[...] Mesmo porque a gente teve uma experiência não muito legal com um rabino. [...] Ele apareceu na minha casa, assim, já querendo ver meu filho, já foi tirando a... e eu fiquei assustadíssima, o Jairo não estava em casa.

*Jairo:* É, eu não aceito isso aí.

*Marta:* É, eu fiquei assustada.

*Jairo:* O cara foi mal, o cara fez tudo errado...

*Marta:* É, é, foi mal.

*Jairo:* ... não tinha jeito pra coisa.

*Marta:* E eu fiquei meia traumatizada, né? Aí... Mas tudo... quando a gente se entende, é nesse ponto que eu quero chegar, tudo dá certo, né?

Apesar de o casal ressaltar a harmonia da relação, com respeito mútuo, ambos demonstram ficar incomodados ao serem indagados sobre possíveis conflitos decorrentes das diferenças de tradições religiosas no casamento. As situações acima lembradas aparecem com relutância. O casal busca mostrar que tem um casamento bem sucedido, sem conflitos.



## **6 O casal Vânia e Jorge**

### **6.1 A história de Vânia e Jorge**

Vânia e Jorge receberam-me em sua casa. Eles estão casados há cinco anos e têm uma filha de quatro anos e outro bebê a caminho. Ela, judia, e ele, de família católica romana. Vânia, de 38 anos, e Jorge, de 32 anos, conheceram-se pela internet, em um site de relacionamentos. A celebração de seu casamento foi inter-religiosa. Eles lembram que foi uma celebração muito bonita. Nenhuma das famílias exigiu que a celebração fosse numa sinagoga ou, então, numa igreja. O casal decidiu que seria num buffet para ser um lugar neutro. Duas semanas antes do casamento, ainda não haviam conseguido um padre que fosse realizar o casamento, pois os padres não aceitavam realizar a cerimônia fora da igreja. Os pais do noivo e ele próprio ficaram muito decepcionados com o padre da igreja que frequentam há trinta anos, por essa sua indisponibilidade.

Procuraram então vários padres e todos eles se recusaram a fazer o casamento. Um padre que poderia realizar a cerimônia foi então indicado para eles, porém, ao entrar em contato com este padre, descobriram que ele era da Igreja Católica Brasileira. Isso não foi aceito por Jorge.

Por fim, a mãe de Jorge vai procurar o padre da igreja em que foi batizada e onde se casou. O padre daquela igreja foi muito receptivo e prontamente se dispôs a realizar o casamento. Por falta de tempo para um encontro entre o padre e o representante judaico, os dois encontraram-se momentos antes da cerimônia para combinar a liturgia.

Os noivos dizem que os convidados ficaram muito admirados com um casamento tão original, que combinou o rito católico com o rito judaico.

Jorge vem de uma família católica romana muito tradicional. Ele, desde cedo, participou de várias atividades da igreja, como, por exemplo, os encontros de jovens. Ele gosta muito do ambiente da igreja, mas isso nunca foi empecilho para se relacionar com pessoas de outros ambientes, isto é, de outras religiões ou sem religião. Diz que olha de forma tranquila para o outro diferente. Entende que Deus não impõe qual religião deva ser seguida, mas religião deve proporcionar conforto e amparo.

Jorge costuma frequentar as missas e participa na organização do curso de noivos. O casal já recebeu convite para dar palestra no curso de noivos. Ele tem o desejo de participar, no futuro, do “Encontro de Casais”. Esse é um assunto em que não há consenso. Vânia não concorda em participar.

A filha do casal foi batizada e o casal de padrinhos é ecumênico. Vânia explica que não foi intencional, mas que escolheram um membro da família dela e outro da família de Jorge para comporem o casal de padrinhos. Portanto, a criança tem um padrinho judeu e uma madrinha católica romana. Apesar de não ter sido uma escolha intencional, Vânia e Jorge gostaram da idéia e vão repetir essa mesma composição para os padrinhos do filho que está a caminho. Novamente será uma pessoa da família de Vânia e outra da família de Jorge, compondo um casal judeu-cristão.

O casal acredita que deve apresentar as duas tradições religiosas aos filhos, e que eles decidirão o caminho a seguir.

## **6.2 A família extensa e comunidade local**

Tanto a família de Vânia quanto a de Jorge aceitaram o casamento deles. Inclusive, os pais de Jorge participaram ativamente na procura de um padre que fizesse o casamento.

O padre da comunidade de que os componentes da família de Jorge são membros não apresentou uma atitude flexível para acolher a necessidade do casal.

*Jorge:* minha mãe participa ativamente da igreja e, mesmo assim, o padre não se dispôs a fazer o casamento, alegando que não era permitido fazer fora da igreja.

Essa experiência repetiu-se com outros padres, até encontrar-se um que se dispusesse a atender a necessidade do casal.

Se, de um lado, os padres não foram, em sua maioria, receptivos ao casamento de Vânia e Jorge, de outro, a comunidade em si tem-se demonstrado receptiva, talvez, curiosa.

Jorge participa na organização do curso de noivos em sua paróquia, e o casal já recebeu convite para dar palestra no curso de noivos. Nisto há um indicativo de que a comunidade reconhece o casal como um exemplo de conciliação das diferenças.

Vânia diz que, na infância e adolescência, a maioria dos amigos de rua eram católicos. Ela lamenta que, na Páscoa, ela não pudesse comer chocolate por causa do jejum judaico. Ela diz que se consolava dizendo que a “Páscoa cristã é muito triste, só fala de crucifixão, de morte... Ao contrário, a Páscoa judaica é alegre, é uma festa.” Compensava não comer chocolate com a festa judaica. Ela comenta o quanto era chato ter que explicar por que não comemorava as festas cristãs para as outras crianças.

Há, porém, da parte de familiares e amigos, um desejo, mesmo que inconsciente, de estimular a menina, presenteando-a com símbolos cristãos, que são imagens de anjos, arcanjos, a figura de uma santa e de Nossa Senhora de Aparecida (esta última é uma figura benzida). Vânia acha que possuir imagens é uma ideia um pouco estranha, mas respeita a intenção de quem as presenteou. Intenção que ela entende seja de proteger a menina. Ela mantém todas as figuras no quarto da filha.

### 6.3 O subsistema Vânia e Jorge

Jorge traz um forte engajamento com a Igreja Católica Romana. Ele participa ativamente da comunidade a que pertence. E seu sentimento de pertença não permite que ele aceite situações como a possibilidade de um padre da Igreja Católica Brasileira realizar seu casamento. Jorge usa a seguinte expressão:

*Jorge:* Então não me serve de nada.

Vânia é judia, mas frequenta o kardecismo. O kardecismo para ela não é uma religião, é uma filosofia de vida. Assim como os sujeitos na pesquisa conduzida por Souza (2001, p. 160) na Universidade Católica de Goiás não consideram incompatível a assistência paralela a várias expressões religiosas, Vânia tem a mesma percepção.

*Vânia:* Eu não vejo mal algum em ser judia e frequentar o centro espírita. Para mim, o espiritismo não é religião, mas é uma filosofia de vida. Jesus Cristo não é o filho de Deus, mas é um mentor espiritual que escolheu vir pra terra para ensinar os outros.

Seguindo a tipologia de Souza (2001), pode-se identificar Vânia como sendo de *trânsito pertencente*, isto é, “o sujeito que apesar de admitir uma pertença religiosa específica, o sujeito de fé admite ‘visitar’ outras expressões religiosas” (Souza, 2001, p. 161). Apesar de o sujeito estar vinculado a uma expressão religiosa, há sempre uma hibridação dos elementos das várias expressões que experiencia

Ela diz que o espiritismo a ajudou a entender o catolicismo. Ressalta essa importância, porque, antes de começar a estudar o espiritismo, não tinha contato com nenhuma religião cristã; sempre estudou em colégio judaico, não havia ninguém na família casado com alguém

que não fosse judeu e diz que para ela seria muito difícil relacionar-se amorosamente com alguém que não fosse judeu.

Ela conta também que o casal tentou estudar o evangelho, comparando o evangelho que consta na bíblia e o evangelho segundo o espiritismo. Essa tentativa não durou muito. Jorge não se interessou pelo espiritismo. Vânia explica que é difícil aceitar a parte científica do espiritismo. Jorge concorda que não acredita em mediunidade e outros fenômenos.

Estudar os evangelhos juntos foi uma tentativa de o casal encontrar um campo comum onde se pudesse firmar um acordo, porém sem sucesso. No conteúdo não será possível encontrar concordância, além do mais que o conflito não se dá no nível do conteúdo, mas da relação.

Vânia e Jorge cometem o mesmo equívoco do casal analisado por Watzlawick, Beavin e Jackson. E o mesmo diagnóstico serve para Vânia e Jorge: “Na tentativa de resolver o desacordo, esse casal cometeu um equívoco muito comum em sua comunicação: discordava no nível metacomunicacional (relação) mas tentou resolver o desacordo no nível de conteúdo, onde não existia, o que os levou a pseudodesacordos”( WATZLAWICK, BEAVIN E JACKSON, 2007, p. 74).

Há entre Vânia e Jorge um impasse. Ele tem um forte desejo de participar do “Encontro de Casais” porque entende que isso é muito importante para fortalecer a família. Ele menciona esse desejo no início da entrevista e depois insiste no assunto mais tarde. Nos dois momentos, Vânia não aceita participar.

*Jorge:* Eu queria muito participar do “Encontro de Casais”, mas eu ainda não consegui fazer ela entender por-que é interessante participar. Eu acho que é muito importante no sentido de nos fortalecer como família.

*Vânia:* Eu não peço para que ele vá a nenhum evento judaico, porque acho que vai ser muito chato para ele. E da mesma forma não quero ir.

*Jorge:* É, eu ainda não consegui convencê-la.

*Vânia:* Eu não quero ser doutrinada. Se o encontro fosse apenas social, isso estaria bem, mas acredito que o encontro leva muito para a tradição católica, entende? E eu não quero participar.

Apesar de Vânia transitar por outras expressões religiosas e de se sentir mais próxima do catolicismo romano pela experiência do kardecismo, há um limite que ela não ultrapassa. Há uma barreira que ela impõe. Mais adiante na entrevista, Jorge retoma o assunto, momento em que Vânia expõe sua visão sobre a igreja católica romana.

*Jorge:* Cabe a você participar de forma receptiva.

*Vânia:* A igreja é política. Ela tem um interesse histórico e social contra judeus. Os judeus também têm costumes ultrapassados. Deus quer que as pessoas se relacionem, se queiram bem, sem discriminação. Agir corretamente. Não julgar pela religião, mas pela ação.

Vânia tenta racionalizar, procura ser equânime ao levantar dificuldades do judaísmo também, mas percebe a Igreja Católica Romana como uma ameaça ao povo judeu e a ela. Ela sofre de ansiedade, que Bowen (*in* ELKAÏM, 1998) definiu como sendo o medo diante de uma ameaça real ou imaginária. À medida que a ansiedade aumenta, pode haver uma redução no contato entre os cônjuges.

Em outro momento, Vânia retoma sua posição em relação às instituições religiosas, posição essa bastante negativa.

*Vânia:* A igreja católica é uma instituição muito política e monetária. O judaísmo também é. O importante é assimilar o que é bom, são só maneiras diferentes de ver as coisas. Todas as religiões são boas, a parte filosófica. Não a parte da estrutura.

Vânia aparentemente está mais preocupada com um desenvolvimento espiritual, independente de qualquer religião.

*Vânia:* A religião é importante, mas não vem em primeiro lugar. Respeito pela fé do outro é mais importante.

Mas Vânia reconhece a tradição religiosa como um porto seguro, um lugar de pertencimento que serve de referência para sua vida.

*Vânia:* É importante manter a tradição. É sempre bom voltar para a tradição em que a gente foi criada.

De outro lado, Jorge sente-se muito à vontade para aprender com outras religiões.

*Jorge:* A religião é muito importante e a possibilidade de se assistir a outras celebrações, ver outros ritos... a gente deve procurar absorver tudo. Eu acho que isto engrandece e aumenta minha cultura.

Em relação aos filhos, tanto a menina quanto o bebê que vai nascer, o casal decidiu que eles devem participar das duas religiões, judaica e cristã. Acreditam que isso não vai dar confusão, que a criança é capaz de assimilar as duas religiões e que, mais tarde, ela vai poder discernir o que fazer com isso.

A menina foi batizada na Igreja Católica Romana e tem como padrinhos uma pessoa da família de Vânia, portanto, judia e outra da família de Jorge, portanto, católica romana. No judaísmo não há um ritual para as meninas como há o *bris* para os meninos. Somente se registra o nome da criança em hebraico na sinagoga, o que foi feito.

A menina recebeu muitas imagens religiosas de presente. Vânia acha que possuir imagens é uma ideia um pouco estranha, mas respeita a intenção de quem presenteou e o motivo pelo qual elas têm significado para os católicos romanos e as mantém no quarto da filha.

Vânia ora com a filha todas as noites o Pai Nosso, que ela aprendeu. Ela também procura conciliar as doutrinas judaica e cristã nos ensinamentos que passa para a filha.

*Vânia:* Eu digo para ela que existe Deus, que cuida de todas as pessoas, independente de quem são. Que Jesus é filho de Deus. E que Jesus também cuida de todo mundo.

Jorge fica satisfeito de perceber o despertar da religiosidade na filha.

*Jorge:* Ela sente falta de ter contato com Deus, com a religião.

*Entrevistador:* Como você percebe que ela sente falta?

*Jorge:* Ela pede para rezar...e não é nada forçado.

## 2.7 Considerações

Whitaker e Bumberry (1990, p. 140) definem o casamento como a região do “nós”, que é o local de intersecção e de integração das culturas que cada um traz consigo. “Achar um equilíbrio que funcione é realmente o problema.” Essa integração, para que ocorra, requer muito trabalho, mas o encontro dessas culturas enriquece a família e a ajuda a transpor as dificuldades do dia-a-dia.

A construção do “nós” é a partir do “ele” e do “ela”. O que acontece quando se busca uma terceira realidade para ocupar esse lugar?

Criar o “nós” não implica a perda do eu, ao contrário, é necessário que um aceite o outro. Para Watzlawick, Beavin e Jackson (2007, p. 79), aceitar é *confirmar* como o outro se define e este fator seria responsável pelo desenvolvimento da pessoa. Inversamente, a *rejeição* é o não aceite da definição do “eu” do outro. A *desconfirmação* acontece quando uma pessoa ignora a definição do “eu” do outro.

A confirmação do “eu” não implica a manutenção ou fixação desse “eu”. Ao contrário, como já dito acima, leva ao desenvolvimento. A atual valorização da individualidade pode levar a essa confusão, isto é, entre a valorização do “eu” e a sacralização desse “eu” (Watzlawick; Beavin; Jackson, 2007).

A partir dos casais entrevistados, pode-se observar que, independentemente do grau de compromisso que a pessoa tenha com a tradição religiosa herdada, essa faz parte de sua identidade e, como tal, necessita ser reconhecida e aceita pelo outro. Entretanto, as demandas



variáveis do sujeito de fé, conforme Souza (2001), não impedem que ele faça uma combinação com outras expressões religiosas.

Em dois casais, o diálogo sobre questões religiosas aparentemente ocorrem com maior fluidez. Nos outros, essas questões são ansiogênicas, sendo que dois desses casais evitam falar sobre o assunto entre o casal.

Durante ou ao término das entrevistas, três dos entrevistados expressaram desejar conhecer os resultados desta pesquisa. As mensagens foram: “gostaria de saber como os outros casais estão fazendo com seus filhos”, “quero que meus filhos saibam que não são os únicos” e “gostaria de saber como são os outros casais; acho que a gente sai do padrão”.

Essas expressões demonstram a autopercepção desses casais de serem diferentes, gerando um sentimento de estarem sozinhos e sem modelos para se orientarem. Mesmo tendo conhecimento de que não são os únicos, ainda assim, há um receio de estarem fora de qualquer grupo: “acho que a gente é fora do padrão”. Assim, buscam pertencer a um grupo “quero que eles saibam que não são os únicos”.

A análise do sistema familiar dos casais acima e a necessidade do reconhecimento e aceitação do casal de tradições religiosas diferentes nortearão a discussão do próximo capítulo.

## CAPÍTULO III

### IMPLICAÇÕES SISTÊMICAS E PARA A PRÁXIS RELIGIOSA

A partir da teoria apresentada no Capítulo I e das experiências de vida apresentadas no Capítulo II, chegamos a este presente capítulo, em que se pretende refletir sobre as necessidades e implicações para o trabalho psicoterapêutico e para a práxis religiosa. A práxis religiosa inclui tanto o trabalho de aconselhamento pastoral, quanto a educação cristã. Discutir-se-á tanto o trabalho do sacerdote quanto o comportamento da comunidade religiosa. As atitudes das comunidades religiosas são pautadas tanto pelas doutrinas da religião, quanto pelo senso comum, que mesmo não estando formalizada tem grande poder sobre a comunidade. Além da teoria sistêmica, se fará uso do trabalho de Carl R. Rogers, especialmente no âmbito do terapeuta e do aconselhador inseridos numa relação de ajuda.

#### **3.1 Tendências observadas.**

Nas entrevistas efetuadas, foi observada a tendência de as pessoas não participarem ativamente de uma comunidade religiosa. As exceções foram Arnaldo e o casal Vânia e Jorge. Arnaldo, apesar de judeu, frequenta o centro kardecista. Ele não se considera membro da comunidade, mas é importante participar das atividades voltadas às obras sociais da entidade que frequenta. Vânia, que também é judia e frequenta o centro kardecista, não considera o kardecismo como uma religião, mas uma filosofia de vida. Somente Jorge é membro ativo da Igreja Católica Romana

Apesar de não serem membros ativos de uma comunidade religiosa, todos afirmam sua identidade religiosa e consideram a religião como um aspecto importante de suas vidas. Os casais também consideram a religião importante na vida dos filhos, principalmente no que diz respeito à formação de valores. Os casais com filhos que têm cinco anos ou menos afirmaram que pretendem apresentar ambas as tradições religiosas aos filhos.

Dos três casais com filhos entre quatorze e vinte e quatro anos, dois dos filhos optaram pela religião de um dos pais. Os filhos do casal Arnaldo e Maria tiveram, enquanto crianças, uma educação mais ligada ao kardecismo do que ao judaísmo ou cristianismo. Apesar disso, o filho do casal criou o termo “jucólico” para expressar sua identidade religiosa. Hoje ele diz não pertencer a nenhuma religião. E a filha, dizem os pais, também não optou por nenhuma religião; apenas recorre a orações em momentos de crise.

A partir das entrevistas apresentadas, poder-se ia admitir que, na educação religiosa da família contemporânea, percebe-se uma tendência a buscar desenvolver nos filhos, uma espiritualidade, e não necessariamente, uma religiosidade identitária. Para Geertz (1989, p. 70), “ser devoto não é estar praticando algum ato de devoção, mas ser capaz de praticá-lo”. Alguns dos entrevistados contaram sobre como manifestam sua religiosidade, como, por exemplo, o hábito de fazer orações diárias, de acender velas para o santo, de fazer promessa. Os “não-praticantes” seriam aqueles para os quais a religião não é uma prioridade em suas vidas, conseqüentemente, de suas identidades. Nesse último grupo estariam presentes, Sônia, Roberto e Maria. Essas três pessoas foram aquelas que menos contato tiveram com suas respectivas tradições religiosas e que não relataram atividades de devoção ou manifestações de sua religiosidade. Embora Sônia queira que o filho vivencie o Natal e Roberto discorde da esposa por ela estar induzindo a formação judaica do filho, e ainda Maria sinta que tenha faltado uma formação religiosa para os filhos, a tradição religiosa, ou mesmo a formação espiritual, aparentemente tem uma importância menor para essas pessoas. Nesse quadro,

Fábio, esposo de Sônia, também pode ser incluído. Embora ele afirme que sua família tem muita fé e que só não participam da igreja devido a sua atividade profissional (possuem um estabelecimento comercial), e ele mesmo seja devoto de Nossa Senhora Aparecida, ao falar sobre o futuro do filho, considera a formação acadêmica dele como de maior importância.

Os casais pretendem apresentar uma relação em perfeita harmonia, em que não há conflitos em virtude de questões religiosas, porém, no decorrer das entrevistas, fica claro que há conflitos. A reação dos casais, de negação ou demonstração de desconforto com a pergunta sobre possíveis conflitos por questões relativas às diferentes tradições religiosas, apontam para uma tendência à idealização da relação. Ao imaginarem sua relação como ideal, distanciam-se do real e dos conflitos. O distanciamento dos conflitos não os elimina ou minimiza, somente posterga o seu enfrentamento. Os afetos não elaborados podem ser comunicados de forma não explícita, mas fomentando uma sequência comunicacional cuja pontuação seja uma troca de hostilidades abrangendo, inclusive, outras áreas da vida do casal.

Os casais também demonstraram sentir-se diferentes e sozinhos. Há um certo orgulho pela sua condição especial de unicidade, por um lado. Há a menção principalmente ao rito do casamento, em que casais dizem o quanto os convidados apreciaram a beleza da união de suas tradições religiosas. Por outro lado, há um sentimento de solidão, exatamente por sentirem-se excluídos tanto de uma, quanto de outra comunidade religiosa ou de não pertencerem a nenhum grupo configurado, ou seja, o grupo dos casais inter-religiosos. Explicitamente dois mencionaram querer conhecer as histórias de outros casais iguais a eles. Um pai, Carlos, disse: “quero que meus filhos saibam que não são os únicos”.

### 3.2 O Senso comum

Pertencer a uma comunidade religiosa pode não ser tão fácil se uma pessoa é casada com outra não pertencente à mesma tradição religiosa. As comunidades tendem a reforçar a idéia de que todos os que compõem a família devem ser membros da mesma tradição religiosa. Há uma rejeição aos casais mistos, uma rejeição não explícita, que pode ser, ou é, muitas vezes, inconsciente. Esta é uma forma de preservar a própria cultura.

É importante, ao se falar de religião, distinguirem-se as duas entidades presentes no termo: a instituição religiosa, com sua estrutura organizacional e doutrinas; outro aspecto ou nível da religião é a comunidade religiosa, com suas tradições informais. As tradições informais não são sistematizadas, mas são transmitidas de geração em geração e podem ser mais poderosas que as tradições formais.

Para entendermos essa **tradição informal**, vamos recorrer a Clifford Geertz (2009), o qual discorre sobre o senso comum como aquele conhecimento empírico e não sistemático, passado lentamente de uma geração a outra. O autor considera também que o senso comum é compreendido como um sistema cultural pela sua forma, e não pelo conteúdo. O conteúdo do senso comum é heterogêneo, isto é, pode variar de sociedade para sociedade, podendo também variar dentro de uma mesma sociedade. Mas o que distingue o senso comum são os “sons e os vários tons geralmente reconhecidos como pertencentes ao senso comum” (GEERTZ, 2009, p. 140).

Como sistemas culturais, o bom senso enreda o indivíduo na teia de premissas do grupo social a que pertence, premissas essas que pretendem direcionar a vida do sujeito e, nesse sentido, podem ser tão autoritárias quanto qualquer outro sistema cultural formal, como as ciências, por exemplo. “O senso comum tem a pretensão de ir além da ilusão para chegar à

verdade, ou, como costumamos dizer, chegar às coisas como elas *realmente são*” (GEERTZ, 2009, p. 128).

Para entendermos que tons são esses que nos fazem reconhecer o bom senso, Geertz os chamou de “quase-qualidades”, uma vez que ele reconhece não serem os melhores termos para qualificar o senso comum, mas que nos ajudarão a nos acercar desse conceito. As quase-qualidades são a naturalidade, a praticabilidade, a leveza, a não metodicidade e a acessibilidade. Geertz também reconhece que as qualidades atribuídas ao senso comum não têm nenhuma relação com a questão em si, mas com aquilo que se atribui a ela. Ou seja, quando se atribui naturalidade a um tema eleito pelo senso comum, dá-se a ele um “ar de ‘isto é óbvio’, um jeito de ‘isto faz sentido’” (GEERTZ, 2009, p. 129); é assim que as coisas são. Este atributo da naturalidade não é intrínseco da questão em si, mas é depositado nela. Portanto, aquilo que é determinado pelo senso comum em um determinado contexto social pode apresentar-se de outra forma em outro contexto. Como exemplo deste ponto, Geertz descreve como três sociedades lidam de forma diferente com a questão da intersexualidade, e cada qual considera natural a forma de ver a questão. Os norte-americanos vêm com horror os intersexuais, os navajo os valorizam e os pokot os consideram de forma bastante causal(?). Assim também, em nossa sociedade é natural que pessoas se casem com outras da mesma cultura, ou, dito de outra forma, não é natural que pessoas se casem com pessoas de cultura diferente. “O bom senso não é aquilo que uma mente livre de artificialismo apreende espontaneamente; é aquilo que uma mente repleta de pressuposições [...] conclui” (GEERTZ, 2009, p. 127).

Geertz utiliza-se da negativa para explicar a “praticabilidade” do bom senso, isto é, a falta de bom senso. Ele diz que está é a característica mais facilmente observável porque

“[...] normalmente, quando dizemos que um indivíduo, uma ação, ou um projeto demonstram falta de bom senso, o que queremos realmente dizer é

que não são práticos. O indivíduo, mais cedo ou mais tarde, vai ter que despertar para a realidade, a ação está caminhando rapidamente para o fracasso e o projeto não vai funcionar” (GEERTZ, 2009, p. 132).

Ou seja, os preceitos que orientam a ação, o comportamento, a atitude vêm de uma sabedoria vivenciada e testada por gerações. Se bem que a “practicalidade” do bom senso, e também sua “naturalidade” são qualidades que o próprio bom senso outorga aos objetos, e não que os objetos outorgam ao bom senso (GEERTZ, 2009, p. 134).

Disso decorre que, em casamentos interculturais, há uma expectativa de que venham a fracassar porque vão contra o bom senso. Na experiência da autora, em contato com casais em relações interétnicas, outras inter-religiosas, que vieram a se separar e com pessoas de suas relações pessoais, surge a seguinte fala “isto não podia dar certo mesmo” ou “deveria se casar com alguém da mesma religião” Mais que expectativa pode ser um desejo inconsciente de que a união fracasse e de que o próprio fracasso se torne uma confirmação de que aquele projeto era contrário ao que determina o bom senso.

Geertz chama de **leveza** aquela qualidade que lembra as pessoas daquilo que já sabem. “O mundo é aquilo que uma pessoa bem desperta e sem muitas complicações acha que é” (GEERTZ, 2009, p. 135). O senso comum apresenta-se sem sutilezas ou dissimulações. Não precisa ser descoberto ou interpretado. É a “obviedade do óbvio”, como diz Geertz. Essa obviedade ou leveza, para usar o termo escolhido pelo autor, não está na questão, mas nos olhos de quem vê. Geertz (2009, p. 136) diz: “Comecei a perceber que até as coisas que são mais evidentes só são evidentes aos olhos dos que as estão vendo.”

Geertz (2009, p. 137) diz que “o saber do bom senso é, descaradamente e ostensivamente, *ad hoc*”, isto é, o saber do senso comum não é universalizado. Não é um saber construído metodologicamente orientado, mas uma verdade cunhada para uma questão específica. Para designar essa qualidade do senso comum, Geertz usa a expressão ‘não metodicidade’. Ele diz que o bom senso vem “na forma de epigramas, provérbios, *obter dicta*,

piadas, relatos, *contes morales* – uma mistura de ditos gnômicos – e não em doutrinas formais, teorias axiomáticas, ou dogmas arquitetônicos” (GEERTZ, 2009, p. 137). Há ainda outras formas em que o senso comum é expresso, mas sempre aparece como uma sentença imperativa.

A última quase-qualidade, afirma Geertz (2009, p. 138), “surge como uma conseqüência lógica das outras na medida em que estas são reconhecidas. A acessibilidade é simplesmente a presunção, na verdade a insistência, de que qualquer pessoa, com suas faculdades razoavelmente intactas, pode captar as conclusões do bom senso, e, se estas forem apresentadas de uma maneira suficientemente verossímil, até mesmo adotá-las.” Não há como alguém, em sã consciência, em princípio, escolher qualquer outro caminho que não aquele ditado pelo senso comum.

“O bom senso representa o mundo como um mundo familiar, que todos podem e devem reconhecer, e onde todos são, ou deveriam ser, independentes.” (GEERTZ, 2009, p. 139) Entretanto, o bom senso, ao determinar “como as coisas são”, estreita a visão de forma que não se possam ter outras perspectivas. Isso diminui a ansiedade, protege das dúvidas, mas não torna as pessoas independentes. Ao contrário, as pessoas tornam-se submetidas às determinações do senso comum, que são tomadas como uma verdade irrefutável.

Em resumo, o senso comum

pode ser questionado, discutido, afirmado, desenvolvido, formalizado, observado, até ensinado, e pode também variar dramaticamente de uma pessoa para outra. Em suma, é um sistema cultural, embora nem sempre muito integrado, que se baseia nos mesmos argumentos em que se baseiam outros sistemas culturais semelhantes: aqueles que os possuem têm total convicção de seu valor e de sua validade. Neste caso, como em tantos outros, as coisas têm o significado que lhes queremos dar (GEERTZ, 2009, p. 116).



### 3.3 Símbolos religiosos e identidade.

É interessante notar que, dos seis casais entrevistados, quatro mencionaram possuir símbolos religiosos em casa e um (o casal Dulce e Roberto) fez questão de mostrar os objetos que os dois possuem, além de afirmarem ter orgulho de sua coleção. Ao contrário do casal Marta e Jairo, em cuja casa havia um lugar específico para os símbolos religiosos cristãos e outro para os judaicos, na casa de Dulce e Roberto, bem como na de Vânia e Jorge, os símbolos estão todos misturados. Por exemplo, sobre uma cômoda estão anjos, a bíblia e a cruz de Davi ou, na segunda casa, afixada na porta de entrada, há tanto uma cruz quanto uma bênção judaica. Fica evidente que os símbolos religiosos são importantes para os entrevistados e que estes reforçam sua identidade religiosa.

Símbolo deriva do grego *sybállo*, “coloco junto”. Na Grécia antiga era comum o uso de cortar em duas partes uma moeda, um anel ou um objeto qualquer, e dar a metade a um amigo ou a um hóspede. Conservadas por uma e outra parte por gerações, tais metades permitiam aos descendentes das duas reconhecer-se. Nesta primitiva função prática, o termo designava, portanto, as duas metades de um objeto partido: uma vez colocadas juntas, elas recompunham o objeto, e desse modo cada uma se tornava sinal de reconhecimento para a outra (Dicionário Junguiano, p. 458).

Outro uso do *sybállo* entre os cidadãos gregos, também com o sentido de reconhecimento, era de se quebrar um objeto de terracota antes de certas assembleias ou reuniões. Quando chegava o momento da reunião, cada membro trazia o seu fragmento que, ao se juntar aos outros, recompunha o objeto original. Desta forma, se "re-conhecia" ao portador de cada fragmento o direito de participação naquela assembleia (OLIVEIRA, 2003).

No curso da entrevista do casal Carlos e Sílvia, ocorreu um pequeno debate sobre o uso de pendentives pela filha do casal. Sílvia relata que a filha decidiu ser judia e usa a estrela de David, porém também usa a cruz presenteada pelo pai. Ela afirma que a filha não quer usar os pendentives, mas também não quer desagradar ninguém. “Ninguém” aparentemente se refere ao

pai que imediatamente acrescenta, neste ponto, que a filha não precisa usar um ou outro, mas que pode usá-los juntos. Esse diálogo, juntamente com a não aprovação do curso preparatório para o *Bnai Mitzva*, apontam para um direcionamento do pai em relação às escolhas religiosas da filha.

Vê-se que o símbolo tem grande importância como ligação com o transcendente e também como demonstração de pertencimento a um grupo social, e ainda de identidade pessoal. Tanto a pessoa indica aos outros o seu pertencimento a um determinado grupo religioso, quanto se reconhece a si próprio como parte integrante deste grupo.

Embora as pessoas entrevistadas não sejam, em sua maioria, membros ativos de uma comunidade religiosa, consideram-se pertencentes a uma determinada religião e o símbolo ou símbolos que ostentam servem para reconhecimento dessa pertença.

### **3.4 Implicações para a Psicologia.**

Observa-se que a religião é importante aspecto da vida das pessoas. Mesmo quando elas não são ativamente engajadas em uma igreja ou comunidade religiosa, ainda assim, a sua religiosidade, o seu senso de pertencimento, a sua espiritualidade são importantes para ela. Esses elementos fazem parte do conjunto de experiências que constituem a identidade de cada um e desempenham importante influência no inter-relacionamento dos membros de uma família. Influenciam também o inter-relacionamento entre terapeuta e cliente.

Se qualquer atendimento psicológico, afinal, é de certa forma, uma experiência intercultural, cabe aos psicólogos considerar as diferenças de sexo, *status* socioeconômico, características familiares, níveis educacionais, diferenças raciais e étnicas e, obviamente, das religiões, enquanto componentes importantes da diversidade cultural (ANCONA-LOPEZ, 1999, p. 73-74).

As abordagens psicológicas mais relevantes não ignoram a importância da cultura na formação da subjetividade da pessoa, inclusive aqui a religião. A entrevista inicial pode fornecer informações ao psicólogo que apontam que certos conflitos envolvendo questões religiosas podem existir, mesmo quando o indivíduo ou a família está na periferia da religião. O indivíduo ou a família pode estar consciente desses problemas ou eles ainda podem estar inconscientes.

Ancona-Lopez (1999, p. 75) aponta que a maior dificuldade do psicólogo é conhecer a religiosidade de seu cliente e lidar com seus próprios preconceitos. O psicólogo precisa estar consciente da complexidade desse problema e procurar conhecer a religião de seu cliente ou, no caso de uma família mista, conhecer as religiões dos membros da família atendida. Isso exigirá um esforço maior da parte do psicólogo.

A religião ainda é relegada à periferia. Ainda há preconceito quanto à religião no ambiente da clínica psicológica. Ancona-Lopez (*in* Amatuzzi, 2005) aponta para o pouco contato que os alunos de psicologia têm com os estudos da psicologia da religião. Isso leva a uma dificuldade dos profissionais em lidar com a religiosidade ou a espiritualidade de sua clientela. E dos profissionais com a sua própria espiritualidade, o que pode levar tanto a inconscientemente ser conduzido quanto a tentar conduzir o outro pelos seus próprios (de sua tradição religiosa) preceitos e pré-conceitos.

O desconhecimento de estudos na área, aliado ao preconceito existente no meio acadêmico e científico contra posições religiosas, consideradas pouco racionais, ingênuas e ultrapassadas, impede a discussão aberta do tema com professores e supervisores e termina por dificultar a elaboração e a assimilação reflexiva das vivências espirituais. Conseqüentemente, o hiato entre as experiências pessoais e a linguagem profissional é grande e dificulta o estabelecimento de um diálogo interno e externo consistente (ANCONA-LOPEZ *in* Amatuzzi, 2005, p. 153).

No caso de famílias inter-religiosas, uma vez identificado o componente religioso no conflito familiar, Perel oferece, a seguir, as metas da terapia que ajudarão o casal a elaborar o conflito:

- 1) Ajudá-los a reconhecer suas diferenças, sua complementaridade.
- 2) Validar as escolhas que fizeram com base na complementaridade e regularizar as abordagens e crenças de cada um.
- 3) Criar uma “terceira realidade”- uma realidade transcultural – que os conecte mesmo em momentos de crise ou de transição, ainda que isso implique implementar compromissos assimétricos (os quais não estão baseados na responsabilidade ou recompensa divididas em partes exatamente iguais). Isso representa para o casal o desafio de estabelecer em casa situação quem entre os cônjuges é capaz de fazer o sacrifício que levará a um compromisso e ao conhecimento de que o parceiro que se adaptou ao outro é o único que poderia tê-lo feito (PEREL *in* Papp, 2002, p. 212).

A terceira realidade sugerida por Perel não segue um modelo ou formato específico, mas deve ser construída por cada casal de acordo com suas possibilidades. Isso vai implicar que cada um dos cônjuges se aproprie de sua prática de fé e um conhecimento consistente de suas tradições religiosas, de modo que possa negociar os termos dessa realidade nova, sem que sinta que está sendo lesado, porque abriu mão de aspectos importantes de sua religião, por não ter tido a capacidade de defendê-la diante do outro. No âmbito psicológico, um importante conceito é o da diferenciação. À medida que o indivíduo se diferencia, maior autonomia terá para tomar decisões pelas quais se responsabilize e não lhe tragam sentimento de culpa.

Toda criança nasce fusionada, indiferenciada em relação à sua família. Durante seu desenvolvimento, sua principal tarefa será diferenciar-se para alcançar autonomia e independência. Na família, as crianças experimentam tanto o pertencimento quanto a *diferenciação*. Pertencer significa participar, saber-se membro desta família, partilhar as suas crenças, valores, regras, mitos e segredos. Diferenciar refere-se à afirmação de sua singularidade, à sua individuação e ao seu direito de pensar e expressar-se independentemente dos valores defendidos por sua família (MARTINS, RABINOVICH e SILVA, 2008, p. 182).

Particularmente no contexto da terapia familiar, o terapeuta deve estar consciente de seus valores e preceitos religiosos para não se identificar com uma das partes do casal inter-religioso. Complementarmente à teoria da Terapia Familiar Sistêmica, uma aproximação humanista em contexto intercultural é particularmente válida.

### **3.5 Carl Rogers e uma maneira humanista de relacionar-se.**

Carl Rogers (1902 – 1987) é um dos mais importantes expoentes da psicologia Humanista, também chamada Terceira Força da Psicologia. Ele estudou primeiramente no Seminário Unido em Nova Iorque, mas, antes de concluir o curso, trocou-o pelo programa de psicologia da Universidade de Columbia. Em 1951, publicou seu trabalho mais importante “Terapia centrada no Cliente”. Foi também o pioneiro no movimento dos grupos de encontro.

Sua visão de ser humano é basicamente de um ser bom e saudável, sendo que a doença mental, a criminalidade e outros problemas são distorções da tendência natural. Esta visão define uma nova maneira de relacionar-se na clínica psicoterapêutica. Assim, o paciente passa a ser chamado de cliente. Nas abordagens tradicionais da clínica psicológica, herdadas do modelo médico, o paciente submete-se passivamente ao terapeuta. Paciente, por um lado, remete à idéia de alguém doente e que precisa da intervenção externa para poder curar-se e o terapeuta é aquele que detém a sabedoria e o poder de solucionar, resolver, consertar o problema.

Por outro lado, o cliente é alguém que está no mesmo nível do terapeuta, é alguém capaz de entender sua situação e atuar sobre ela. O cliente solicita o serviço do terapeuta no momento em que ele, por si só, não está podendo enxergar ou clarificar a situação que lhe está causando sofrimento.

A personalidade na teoria rogeriana é composta do *Self*, que é a visão que uma pessoa tem de si própria (autoconceito, autoimagem, autopercepção), baseada em experiências passadas, estimulações presentes e expectativas futuras. Porém, o *self* não é estático, é um processo contínuo de reconhecimento de formar-se e reformar-se à medida que as situações mudam. Rogers aponta a tendência à autorrealização como o impulso inerente ao homem que o leva a uma maior congruência e à saúde mental. É uma motivação presente em toda forma de vida para desenvolver suas potencialidades na maior extensão possível.

Roger, ao se colocar a pergunta de como ele poderia ajudar os outros, de como poderia criar uma relação de ajuda, elege três atitudes que um terapeuta tem que ter como condições facilitadoras para o processo terapêutico.

a) Congruência ou autenticidade, isto é, ser genuíno e sincero, perceber seus próprios sentimentos e expressá-los com suas próprias palavras, e não desempenhar um papel. Deve ser honesto, para que o cliente tenha uma visão real de si mesmo. Isso implica estar consciente dos sentimentos e atitudes que existem em mim e de me expressar de acordo com esses sentimentos e atitudes, resultando na minha integridade. Ser íntegro significa ser verdadeiro ; isso gera confiança, e o cliente também pode ser verdadeiro.

Poderei conseguir ser de uma maneira que possa ser apreendida pela outra pessoa como merecedora de confiança, como segura e consistente no sentido mais profundo do termo? [...] Comecei a reconhecer que ser digno de confiança não implica ser coerente de uma forma rígida, mas sim que possa confiar em mim como realmente sou. Empreguei o termo ‘congruente’ para descrever o modo como gostaria de ser (ROGERS, 1997, p. 59).

b) **Empatia** é, para Rogers, a capacidade ou habilidade de “penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se totalmente à vontade dentro dele. [...] viver temporariamente sua vida, mover-se delicadamente dentro dela sem julgar, perceber os significados que ele/ela quase não percebe” (ROGERS e ROSENBERG, 1977, p. 73). Essa capacidade, segundo Rogers, pode ser aprendida ou desenvolvida. Essa talvez seja a mais difícil das três atitudes,

visto que requer que deixemos de lado nossos valores e adentremos o mundo do outro sem preconceitos. Esse ponto se aproxima bastante da visão turística proposta por Perel (*In: Papp, 2002*). Por sua vez, Noé (2006) questiona se é real a possibilidade de o terapeuta ou conselheiro deixar toda a sua bagagem cultural de lado para entrar em contato com a cultura do outro sem qualquer preconceito. Mesmo analisando a metáfora de Perel, um turista, mesmo quando afoito por aprender sobre novas culturas, acaba por compará-las com a sua própria. Então, Noé propõe um nível *metaempático*, isto é, “a criação de um espaço virtual e dinâmico que não seja refém do universo cultural nem do aconselhado nem do conselheiro” (NOÉ *In: Santos, 2006, p. 101*).

c) A atitude empática solicita uma outra atitude que é a da Consideração Positiva Incondicional, ou seja, que o terapeuta seja capaz de aceitar todas as experiências e sentimentos do cliente como dignas de consideração positiva, de uma apreciação da individualidade do outro. A consideração positiva do terapeuta poderá resgatar a autoestima do cliente, ao oferecer o espaço necessário para que ele se sinta livre para reconhecer e elaborar suas experiências e sentimentos pessoais como ele os entende. A liberdade experiencial existe, explica Rogers (1977), quando o indivíduo não se sente obrigado a negar ou a deformar aquilo que experimenta (seus pensamentos, emoções e desejos), a fim de conservar o afeto ou a estima daqueles que representam um papel importante na sua vida.

Rogers acredita que essas qualidades são necessárias e suficientes para uma relação terapêutica. Ele dá grande ênfase ao relacionamento terapêutico em si mesmo, que constitui sistema que se forma a partir do encontro entre terapeuta e cliente e que oportuniza o crescimento e a atualização das potencialidades criativas de ambos.

### 3.6 Implicações para a práxis religiosa.

Também para a práxis religiosa é importante ter uma atitude empática e sem julgamento, que aceite o outro com seus valores e crenças. Como a práxis religiosa da igreja cristã pode abarcar pessoas que não são e nem serão cristãs?

A **práxis** consiste numa ação criadora e transformadora, conforme definido por Floritán (2002). Para ser uma ação criadora e transformadora, a teologia prática necessita contemplar algumas concepções principais. Em primeiro lugar, ela deve ser uma teologia com a dimensão política da mensagem cristã, isto é, capaz de fazer crítica ao sistema estabelecido e tenha uma compreensão prática e operacional da realidade. Segundo James Farris<sup>14</sup>, “entendimentos modernos de ‘práxis’ geralmente integram dois elementos: a ação e a reflexão.”

O cristão revela-se na oração e na caridade e, a partir de sua ação, é que deve ser inspirado à reflexão teológica. Deve ser uma reflexão crítica a partir da práxis histórica em confrontação com a palavra de Deus, vivida e aceita na fé. A fé que põe em movimento a práxis e que inspira a reflexão. Conforme Floristán, a teologia da libertação propõe ou cria um *círculo hermenêutico*, isto é, numa dupla interpretação. Conforme Midali (*In*: Floristán, 2005, p. 159), a leitura da situação e da práxis histórica de libertação deve ser feita à luz da palavra e a releitura da palavra de Deus deve ser a partir de uma dita situação ou dita práxis. Essa circularidade mantém tanto um construto teórico a partir da realidade, quanto uma teologia que seja útil para a realidade a que se destina. Farris<sup>15</sup> afirma que “todo conhecimento humano acontece em diálogo. Nós não podemos separar o Sagrado do Profano. Nós não podemos separar o Cristo da Cultura”.

---

<sup>14</sup> Texto não publicado dado em aula.

<sup>15</sup> Texto não publicado dado em aula.



A Teologia Prática também chamada de Teologia Pastoral não se refere somente ao trabalho do pastor, mas de todo cristão. A teologia da práxis histórica é uma ação libertadora integral. Integral na medida em que a práxis histórica não se reduz à práxis pastoral ou eclesial, isto é, no primeiro caso, como uma prática sacerdotal que mantém a hierarquia e a dependência em relação ao povo e identifica-se com o cura d'almas. Onde o leigo é objeto da ação do sacerdote e da igreja. A prática eclesial, de outro modo, tem como objetivo a edificação da igreja. Por outro lado, a práxis histórica tem um compromisso com a prática econômica, social, política e cultural, portanto, com a integralidade da vida humana. A teologia prática é, portanto, aquela que produzida a partir da práxis libertadora e está a seu serviço.

E, por fim, a concepção de que a igreja é entendida como comunidade, isto é, o próprio povo que está na base da igreja e da sociedade é que, a partir da sua vida comunitária, de sua própria experiência pode agir e transformar as suas vidas e a sociedade.

Em suma, Floristán diz

A teologia da libertação descobriu ou acrescentou ao âmbito da pastoral dimensões perdidas ou novas da hermenêutica política do evangelho; a relação estreita entre vida teológica e discurso teológico; a reinterpretación teológica da comunidade de base e do catolicismo popular; o desmascaramento de uma ação pastoral aparentemente despolitizada que serve sub-repticiamente aos poderes dominantes e a posse renovada das três clássicas virtudes teológicas: a Fé, a esperança e a caridade (FLORISTÁN, 2005, p. 162).<sup>16</sup>

Surge então a pergunta de como as igrejas captam a realidade atual dos casamentos mistos (cultural, étnico, religioso, entre outros). A não ser pela Igreja Católica Apostólica Romana, não foi possível encontrar literatura a respeito de casamentos mistos das igrejas

---

<sup>16</sup> La teología de la liberación ha descubierto o añadido al ámbito de la pastoral dimensiones perdidas o nuevas: la hermenéutica política del evangelio; la relación estrecha entre vida teológica y discurso teológico; la reinterpretación teológica de la comunidad de base y del catolicismo popular; el desmascaramiento de una acción pastoral aparentemente despolitizada que sirve subrepticamente a los poderes dominantes y la asunción renovada de las tres clásicas virtudes teológicas: la fe, la esperanza y la caridad. (FLORISTÁN, 2005, p. 162)

protestantes. A falta de literatura, em si mesma, diz algo a respeito do tema. Ela pode apontar uma plena aceitação de casamentos inter-religiosos na comunidade da igreja e, portanto, este assunto não necessitaria de discussão. Ou pode apontar para a direção contrária, isto é, o casamento inter-religioso é inconcebível, de forma que não mereça despender esforços para uma reflexão sobre o assunto. A posição de uma igreja pode ser diferente da outra. Como exemplo, a Igreja Batista tem como tradição o casamento dentro da própria denominação religiosa. Não há um posicionamento oficial da Igreja até mesmo porque as igrejas locais tem autonomia, mas pode-se dizer que há uma certa pressão para que os casamentos fiquem circunscritos a própria denominação. A Igreja Anglicana já tem uma atitude aberta em relação a esse tipo de casamento, mas também é uma atitude baseada na tradição. Em ambos os casos, não se encontra nenhuma orientação documental sobre o tema. Embora sejam relacionamentos de natureza diferente, a forma como a igreja se manifesta em relação ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso pode dar pistas de se ela aceita mais ou menos o casamento inter-religioso de seus membros. O relacionamento entre religiões atualmente tem focado mais a parceria na atuação solidária na sociedade.

De fato é missão da igreja cristã e de outras religiões transformar o mundo. Entretanto, o trabalho solidário conjunto não interfere no modo de ser um do outro. Não há uma influência intencional sobre o outro e cada um se deixa influenciar até o ponto em que lhe é conveniente. Ao contrário do casamento, em que as influências de um sobre o outro são efetivas, e é necessário criar uma nova realidade.

Algumas igrejas podem temer o relacionamento ecumênico ou do diálogo inter-religioso por possibilitar seus membros entrarem em contato com outra religião e para lá migrarem; o casamento inter-religioso suscita o sentimento de perda. A expressão “perdemos mais um”, dita por algumas pessoas, também é mencionada por Crohn.

Como já apresentado no primeiro capítulo, os casamentos inter-religiosos são uma realidade hoje e a religião é importante para esses casais. Posto isso, faz-se necessário repensar a práxis das igrejas, uma vez que é na comunidade que a convivência se dá. Na experiência da pesquisadora, as comunidades têm a tendência de excluírem esses casais ou o membro da família que participa da comunidade. Não há agressividade, mas há rejeição. Inconscientemente rejeitam os casais porque eles estão além das normas da comunidade. Não sabem o que fazer com esses casais.

Uma reflexão teológica deve nascer da vida concreta, derivada da ação, aprende com o contexto. A igreja enquanto comunidade é sujeito dessa construção do conhecimento e do fazer teológico. A visão eclesial fechada não serve mais para o contexto social que inclui, mesmo que tangencialmente, outras expressões religiosas. Por isso, a situação assusta a classe clerical, cujos integrantes são treinados, em sua maioria, para serem pastores de obedientes ovelhas, todas suas.

Mas o que dizer de casais que estão à margem das instituições religiosas, que nem por isso se interessam menos pela formação religiosa ou espiritual de seus filhos e de si próprios? Famílias essas que incluem “ovelhas” de diferentes prados. Sousa cita os trabalhos de Mayer (1985) e Schneider (1989) e comenta as alternativas de como os pais enfrentam a inter-religiosidade familiar:

O pai ou a mãe de tradição cristã pode temer que a criança que não for criada como cristã não vá para o céu. Há quatro possibilidades em relação a essa decisão: (1) a criança é criada como cristã; (2) a criança é criada como judia; (3) a criança é criada tanto como cristã quanto como judia; (4) a criança nem é criada como cristã nem como judia (Mayer, 1985). As duas primeiras escolhas podem causar algum antagonismo tanto internamente quanto externamente (família e amigos) para aqueles cuja fé é renegada. A terceira é a escolha mais comum entre os casais inter-religiosos hoje apesar de esta ser uma tendência contemporânea (Schneider, 1989). A última possibilidade geralmente envolve pouca educação em ambas as religiões. A criança, fundamentalmente, celebra as festas cristãs tais como Natal e Páscoa de forma superficial sem nenhum significado religioso. A escolha mais saudável e que traz mais benefícios de acordo com a literatura é quando a

criança é exposta a ambas as tradições religiosas e sua história (Schneider, 1989; Mayer, 1985). Se ambos os pais apóiam esta escolha, a criança tem a oportunidade de desenvolver tolerância, orgulho e compreensão da riqueza tanto do judaísmo quanto do cristianismo, e eles não sentem que estão negando a criança parte de sua herança. Outro benefício de acordo com Schneider (1989) é que, "a preocupação de que seus filhos recebem dupla instrução religiosa tem levado alguns pais a retornarem para suas próprias igrejas ou sinagogas – eles começaram a estudar não somente a fé de seus parceiros como também sua própria. (SOUSA, 1995, p. 140, tradução nossa).<sup>17</sup>

As entrevistas desta pesquisa corroboram a tendência atual apresentada na exposição acima, uma vez que os entrevistados afirmaram que pretendem ou pretenderam que os filhos tanto conhecessem a tradição religiosa do pai, quanto da mãe.

Embora as famílias pesquisadas valorizem suas tradições religiosas, elas vivem na periferia das comunidades religiosas. De acordo com o trabalho de Sousa, ao apoiarem a educação religiosa de seus filhos em ambas as religiões presentes no sistema familiar, isso leva os próprios pais a buscarem sua própria formação religiosa.

A valorização da individualidade na atualidade, e, atrelada a essa, o fenômeno da privatização religiosa, ao que Brenda Carranza explica como “a experiência religiosa [...] que pode dar-se independentemente do corpo dogmático das igrejas, enveredando para processos de privatização religiosa ou para a desinstitucionalização” (CARRANZA in Amatuzzi, 2005, p. 73). Isto é, torna a escolha religiosa um ato exclusivamente pessoal, desvinculado e descompromissado com instituições ou comunidades religiosas. Apesar disso, ainda há uma busca por respostas em momentos de crise, nos quais há uma aproximação com a comunidade

---

<sup>17</sup> A Christian parent may fear that a child who is not raised Christian will not go to heaven. There are four possibilities regarding this decision: (1) Child raised Christian; (2) Child raised Jewish; (3) Child raised both Christian and Jewish; (4) Child raised neither Christian nor Jewish (Mayer, 1985). The first two choices are bound to cause some antagonism both internally and externally (family and friends) for those whose faith is denied. The third is the most commonly chosen among interfaith couples today although this is a contemporary trend (Schneider, 1989). The last possibility generally involves little education in either religion. The child ultimately celebrates Christian holidays such as Christmas and Easter on a superficial level without religious meaning attached. The healthiest and most beneficial choice according to the literature is when the child is exposed to both religious traditions and history (Schneider, 1989; Mayer, 1985). If both parents are supportive of the choice, the child has the opportunity to develop tolerance, pride, and understanding of the richness of both Judaism and Christianity without feeling they are denying the child part of their heritage. Another benefit according to Schneider (1989) is that, "The concern that their children receive dual religious instruction has led some parents back into their own churches or synagogues—they have started to study not only their partner's faith but their own as well. (SOUSA, p. 140).

religiosa. A primeira escolha a que as pessoas se voltam é aquela mais familiar, ligada a sua origem.

Portanto, esta é uma oportunidade para as igrejas e sinagogas resgatarem seus membros e fortalecerem o compromisso desses com a instituição. Além do compromisso institucional-religioso, há também a oportunidade de as instituições religiosas poderem atender às necessidades espirituais e emocionais dessas famílias, ou seja, de proporcionar um acompanhamento destas famílias no desenvolvimento de uma espiritualidade saudável.

Atender a famílias inter-religiosas requer das igrejas um fazer teológico que contemple a diversidade, que rompa com uma visão eclesial fechada em si mesma.

### **3.6.1 Como a igreja protestante lida com o casamento inter-religioso.**

Não é fácil encontrar uma posição oficial das igrejas sobre o casamento inter-religioso. Apesar de não haver uma posição oficial, as igrejas têm sua tradição, transmitida ao longo do tempo. Uma tradição não formalizada, mas, conforme descrito acima, é o senso comum e, portanto, impõe-se como uma verdade a ser obedecida.

Famílias são o núcleo e a base de todas as denominações cristãs. As igrejas devotam-se ao cuidado das famílias. Todo trabalho voltado à família nas igrejas cristãs, assim como no judaísmo, pressupõe que todos os seus membros pertencem à mesma denominação religiosa. As igrejas não estão preparadas para atender uma família inter-religiosa.

Friedman afirma que comunidades religiosas, tanto igrejas, quanto sinagogas, tendem à homeostase, isto é, tendem a manter a sua dinâmica interna e evitam questões que possam perturbar este equilíbrio. Entre as questões em que comunidades religiosas podem sentir como portadoras de conflito estão:

- Alteração na constituição da paróquia: racial, profissional, filosófica, faixa etária, etc. (FRIEDMAN, 1985, p. 203, tradução nossa)<sup>18</sup>, e
- Se a igreja ou sinagoga é parte de um grupo étnico, a ansiedade geral do sistema extenso pode aumentar a ansiedade sobre questões específicas em vários agrupamentos “nucleares” na congregação (FRIEDMAN, 1985, p. 203, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Mesmo a questão não sendo étnica, a congregação pode ser afetada ou influenciada pela ansiedade dos sistemas extensos sobre questões relativas a seu jeito de ser e de sua própria identidade.

Molina (*apud* HOMAN 2004) também traz uma contribuição ao definir as congregações saudáveis e as não saudáveis.

*Comunidades saudáveis* [são] inclusivas, sustentadoras de conexões saudáveis entre seus membros e provendo não somente sobrevivência, mas também oportunidades de crescimento para seus membros. *Comunidades não saudáveis* são caracterizadas por conexões falhas, como tendo uma visão limitada e se apoiando na exclusividade como resposta às dificuldades. Os desafios que casais interculturais podem enfrentar com comunidades não saudáveis incluem a [...] alienação social e reações de desaprovação em relação às crianças multiculturais.<sup>20</sup>

Os impactos das atitudes de cada tipo de comunidade sobre a vida das pessoas podem ajudar a pensar como trabalhar as comunidades para se tornarem saudáveis.

Uma vez que há dificuldade de se ter uma posição oficial da igreja em relação ao casamento inter-religioso, uma maneira de inferir a atitude das igrejas com relação a este

---

<sup>18</sup> Changes in long-term constituency of the parish: racial, professional, philosophical average age, etc.

<sup>19</sup> If a church or synagogue is part of an ethnic group, general anxiety in that “extended” system can escalate anxiety over specific issues in the various “nuclear” congregational groupings. P. 204

<sup>20</sup> *healthy communities* as inclusive, sustaining healthy connections among their members, and providing not only survival but also growth opportunities for their members. *Unhealthy communities* are characterized by faulty connections, having limited vision, and relying on exclusivity as a response to difficulties. Specific challenges intercultural couples may face from unhealthy communities include [...] social alienation, and disapproving reactions to multicultural children. (in MOLINA, 2004)

fenômeno poderia ser por meio da observação da atitude da igreja em relação ao diálogo inter-religioso.

Há uma diferença significativa em se engajar num diálogo entre instituições religiosas e o casamento inter-religioso; essa última é uma relação muito mais íntima e que pressupõe uma aliança, um certo grau de fusão dos sistemas familiares e também dos sistemas religiosos dentro da família.

O assunto ainda está na periferia das organizações religiosas. Não faz parte da agenda das igrejas. Ainda é pequena a produção de estudos a partir do diálogo. Menos ainda sobre os casamentos. No diálogo, a tendência é encontrar um traço comum da identidade das religiões – Deus. E um campo comum, um espaço comum, as necessidades sociais do mundo. Um campo em que possam atuar juntas.

Aparentemente ao encontrar-se o denominador comum – Deus, pretende-se eliminar ou minimizar as diferenças. É necessário ter-se alguma coisa em comum. O fato de todos serem seres humanos já deveria ser, por si só, motivo suficiente para que os grupos se unissem para atingir uma finalidade comum. Mas as diferenças não devem ser minimizadas ou negadas. Corre-se o risco de se perder o senso de identidade. Conforme citado no primeiro capítulo, fica difícil fazer acordos quando não se parte de um terreno firme.

### **3.6.2 Ação pastoral**

As comunidades desenvolvem preconceitos e medos em relação ao diferente porque aquele não faz parte do seu universo de significado. Há também o medo de “perder mais um”, de que aquele que se casa com alguém fora da comunidade deixe de participar de sua comunidade. Entretanto, dentro do contexto urbano, em que é muito mais aceitável o casamento inter-religioso, que papel devem desempenhar as comunidades religiosas?

Foi apontado acima que alguns casais entrevistados expuseram um sentimento de solidão e isolamento. Qual deveria ser então o papel do aconselhador pastoral? Teria ele a tendência a julgar ou acompanhar? O ponto de partida de qualquer pessoa são seus próprios valores religiosos. Entretanto, é preciso deixar a família ajustar-se. Não julgar, em vez respeitar o sistema familiar. É uma questão de ajudar, mas não de interferir ou dirigir o processo. Principalmente não se aliar ou se alinhar com o membro da família que pertence ao seu ramo religioso. Práxis para ajudar o casal e os filhos, para educar os filhos e se adaptarem à sua realidade.

Neste âmbito, o trabalho de Rogers vem contribuir com as orientações das atitudes requeridas do aconselhador. São elas a congruência, a empatia e a consideração incondicional positiva. Os atributos já foram expostos acima, portanto, não se requer que sejam repetidos.

### **3. 6.3 Educação cristã – inclusiva, dialogal**

A educação cristã é toda atividade voltada para a formação cristã, desde a escola dominical, no Catolicismo – a catequese –, até os seminários. Além da formação espiritual, a doutrinação é um dos objetivos da educação cristã, ou seja, a formação de um cristão nos moldes e fiel àquela instituição religiosa. É legítimo que uma instituição religiosa pretenda fortalecer o seu quadro de membresia, uma vez que ela precisa desse povo para dar continuidade ao seu trabalho missionário, mas é preciso que respeite o contexto da criança ou adulto que está numa inter-relação com pessoas de outras denominações religiosas.

A identificação de um indivíduo com o grupo é um processo que inclui a comparação com outros grupos inferiores ou visto por ele desta forma. As pessoas têm dignidade não como uma luminescência interna, mas por compartilharem esses efeitos de contraste (GEERTZ apud Rorty, 2001, p. 74). Mais do que ressaltar os valores próprios, a lógica é



comparativa em que o indivíduo coloca-se em uma posição de superioridade em relação aos outros. Dessa forma, mesmo que a instituição religiosa valorize o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, ao se comparar com os outros, apontam-se seus defeitos ou fragilidades e não é possível, assim, estabelecer uma relação igualitária. Portanto, ao se falar em tolerância religiosa, admitem-se diferentes formas de se vivenciar a fé. Isso, porém, não pressupõe uma aceitação de um outro diferente, mas igual a mim. É preciso passar para uma outra lógica, uma que ressalte os próprios pontos positivos sem ter que comparar com outros.

Um desafio para a educação cristã é a formação para o ecumenismo e diálogo-inter-religioso e, de forma mais específica, formar a comunidade para aceitar, acolher e ajudar os casais de união inter-religiosa.

O diálogo inter-religioso instaura uma comunicação e relacionamento entre fiéis de tradições religiosas diferentes, envolvendo partilha de vida, experiência e conhecimento. Esta comunicação propicia um clima de abertura, empatia, simpatia e acolhimento, removendo preconceitos e suscitando compreensão mútua, enriquecimento mútuo, comprometimento comum e partilha da experiência religiosa. Este relacionamento inter-religioso ocorre entre fiéis que estão enraizados e compromissados com sua própria fé, mas igualmente disponíveis ao aprendizado da diferença. (TEIXEIRA, 2008)

Há vários trabalhos incitando o diálogo e o trabalho em conjunto e solidário com outras religiões, envolvendo relações institucionais, mas ainda pouca atenção é dada a casos que envolvem a relação pessoal de cada um. Nas primeiras, há uma relação em que as trocas são mais controladas, mas, no caso dos casamentos inter-religiosos as trocas entre o casal são intensas e, de forma semelhante, acontece quando alguém passa a tomar parte em um sistema. O estranho sempre atemoriza as comunidades religiosas. Na experiência da autora, tem-se observado quão resistentes as comunidades são a qualquer membro novo. O que não dizer se a comunidade se sente afetada pela presença de um membro “agregado”, ou seja, que passe a pertencer à comunidade por via do casamento de alguém da comunidade.

Hannah Arendt (1991, p. 196) descreve este movimento da seguinte forma:

A revelação da identidade através do discurso e o estabelecimento de um novo início através da ação incidem sempre sobre uma teia já existente, e nela imprimem suas conseqüências imediatas. Juntos, iniciam novo processo, que mais tarde emerge como a história singular da vida do recém-chegado, que afeta de modo singular a história da vida de todos aqueles com quem ele entra em contato.

De fato, não é possível qualquer sistema se cristalizar. A aparente constância experienciada pelos elementos de um sistema somente é sentida assim porque esses estão dentro do próprio sistema. Ao olhar ao longo do tempo, podem-se observar as mudanças pequenas e grandes. Os sistemas humanos são abertos e, portanto, são permeáveis a influências externas. E qualquer religião que se volta para si mesma, na verdade, não se conhece a si mesma.

Teixeira (2008) assinala que é na relação com o tu que o sujeito constrói e aperfeiçoa a sua identidade, e, citando Martin Buber: "o homem se torna EU na relação com o TU". Carlos R. Brandão (1986) aponta que o sujeito se constitui e se reconhece como ser único diante do outro. E, para isso, o diálogo é uma dimensão imprescindível da vida humana.

O teólogo indiano, Raimundo Panikkar, vem sinalizando em sua reflexão a importância essencial deste intercâmbio vital entre as religiões: um intercâmbio que possibilita o encontro da religião consigo mesma. Não há para ele como entender a fundo uma determinada tradição senão mediante a abertura, conhecimento, e diálogo com outros universos religiosos. E radicaliza ainda mais: "aquele que não conhece senão sua própria religião, não a conhece verdadeiramente. É necessário que se conheça ao menos uma outra religião diversa para poder situar em verdade o conhecimento profundo da religião professada" (TEIXEIRA, 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria da Terapia Familiar Sistêmica oferece um olhar diferente para se compreenderem os conflitos familiares e também os das comunidades religiosas, uma vez que, como lembra Friedman (1985, p. 195), as comunidades religiosas não só contêm famílias, mas funcionam como uma família. O funcionamento das famílias está intrinsecamente relacionado à comunicação interpessoal. Como apontado por Paul Watzlawick (2007), a comunicação é uma condição *sine qua non* da vida humana e da ordem social. O seu trabalho, além de nos elucidar sobre como a comunicação acontece nas relações interpessoais, demonstra de que forma esta comunicação se dá, se pode beneficiar ou prejudicar a saúde dos sistemas.

Na análise das entrevistas com casais inter-religiosos, baseada na visão sistêmica, buscou-se respeitar os pressupostos da complexidade, instabilidade e intersubjetividade. Usar os três pressupostos significa ver os sistemas de sistemas, contextualizando o fenômeno e focalizando as interações recursivas; perceber a dinamicidade das inter-relações presentes no sistema, entendendo que este está em constante mudança e evolução, de tal forma que ele não pode ser controlado e; reconhecer-se parte do sistema que se observa.

Adentrar a realidade de cada casal faz-nos perceber que ela é única. Apesar disso, é possível levantar algumas tendências, embora essas tenham tonalidades diferentes para cada casal. Ao pesquisarem-se casais em um casamento inter-religioso, pode-se verificar que o encontro de dois sistemas culturais pode gerar conflitos. Esses conflitos muitas vezes permanecem latentes, uma vez que os casais, não sabendo como comunicar aquilo que lhes causa ansiedade e em nome de manter o equilíbrio e a harmonia da família, optam por reprimir a questão.

A religião é muito importante no reconhecimento da identidade das pessoas, mesmo quando a pessoa não é participante ativa de uma comunidade religiosa. Quanto mais engajada uma pessoa está na sua religião, esta terá um significado maior na formação de sua identidade. A religião, aqui neste trabalho, é entendida como produto cultural e a cultura é uma maneira de ver o mundo, de enxergar a si próprio e de enxergar o outro. A cultura não só produz a lente pela qual se enxerga; produz a pessoa que enxerga e, ao mesmo tempo, é produzida pelo grupo social desta pessoa. Geertz (1989, p.69) afirma que [...] os padrões culturais têm duplo aspecto intrínseco – eles dão significado, isto é, uma forma conceptual objetiva, à realidade social e psicológica, modelando-se em conformidade a ela e, ao mesmo tempo, modelando-a a eles mesmos.

A compreensão da imbricação das tradições religiosas dentro das famílias e os conflitos daí decorrentes devem levar-nos a pensar a questão de forma sistêmica. Não é possível ajudar a família a ter uma relação mais sadia se se olhar somente da perspectiva de um único elemento. Friedman aponta que :

A terapia familiar, em vez de simplesmente tentar acalmar a família, tende a tratar a crise como uma oportunidade para trazer transformação para todo o sistema emocional, como resultado, todos, e não somente o *paciente identificado*, se beneficiam e crescem. (FRIEDMAN, 1985, p. 23, tradução nossa)<sup>21</sup>

A dinâmica saudável de um casal não se faz sem diálogo. A equidade nas relações é imprescindível para o diálogo. Isso quer dizer um equilíbrio nas relações de poder para que nenhuma das partes seja oprimida pela outra e para que haja o respeito à alteridade. Sobre isso, Teixeira argumenta que o verdadeiro diálogo

---

<sup>21</sup> Family therapy, instead of simply trying to calm the family, tends to treat crisis as an opportunity for bringing change to the entire emotional system, with the result that everyone, and not just the *identified patient*, personally benefits and grows. (FRIEDMAN, 1985, p. 23)

só pode ocorrer de fato quando se respeita o valor da convicção religiosa do outro e se admite que ela se funda numa experiência de revelação. Não há como dialogar autenticamente desrespeitando o "espaço" protegido das convicções e valores que animam as pessoas religiosas. São elementos irrenunciáveis e irrevogáveis. [...] É no processo dialógico que os parceiros vivem e celebram o reconhecimento de sua individualidade e liberdade, estando ao mesmo tempo disponibilizados para o enriquecimento da alteridade. O ser humano é um nó de relações, não podendo ser compreendido de forma destacada do outro com o qual se comunica. O diálogo constitui uma dimensão integral de toda a vida humana. É na relação com o tu que o sujeito constrói e aperfeiçoa a sua identidade.(TEIXEIRA, 2007).

Se o espaço de cada um precisa ser respeitado, um espaço comum necessita ser criado.

Esther Perel propõe a “terceira realidade” como um espaço intrafamiliar que seja transcultural. Não há um modelo para ser seguido, mas uma criação de cada casal em que “cada parceiro pode alcançar o equilíbrio entre lealdade à sua cultura e diferenciar-se dela” (PEREL *in* Papp, 2002, p. 216.).

A terceira realidade também inclui a possibilidade de os filhos do casal poderem receber a herança histórica e da tradição de ambas as religiões de seus pais. Sousa (1995) aponta para esta como a melhor alternativa a fim de que os filhos não sintam que uma parte de sua origem lhes está sendo negada. A partir desse conhecimento experiencial, cada um poderá fazer sua própria escolha. Joel Crohn nos diz que “nascidos de pais criados em mundos diferentes, os filhos de uniões inter-raciais, interétnicas e inter-religiosas, começam a aprender, desde cedo, que identidade é tanto uma questão de decisão quanto de destino” <sup>22</sup>(CROHN, 1995, p.229, tradução nossa).

As comunidades religiosas são também um produto cultural. Elas estabelecem um jeito de ser e estar no mundo e pretendem que esse jeito seja preservado, de tal forma que, não sabendo como se situar no contexto atual do pluralismo religioso, aos poucos “adotam

---

<sup>22</sup> Born of parents who were raised in different worlds, children of interracial, interethnic, and interreligious unions begin to learn at an early age that identity is as much a matter of decision as of destiny.

atitudes que vão do fechamento e intolerância ao indiferentismo e ao relativismo” (Wolff, 2004, p. 5).

Joan Laird alerta para a forma inadequada de uso da cultura por parte de algumas pessoas que a usam para

justificar a opressão dentro das famílias ou no mundo mais amplo – para aumentar e explorar a ‘diferença’, em vez de estimular a apreciação da diversidade – quando usada de maneira inteligente e enfática é uma maneira de entrar na vida das pessoas ouvindo suas próprias vozes, suas próprias experiências cotidianas (LAIRD *in* McGoldrick, 2003, p.34)

Embora as pessoas entrevistadas, em sua maioria, não sejam membros ativos de suas comunidades, seus filhos aparentemente buscam um maior aprofundamento em uma ou outra tradição religiosa. E mesmo o casal busca o amparo das religiões nos momentos importantes de suas vidas ou em situações de crise. Até mesmo a família extensa também pode solicitar a atenção da religião de sua contraparte, como no exemplo da mãe de Jairo, que é judia, e que foi procurar um padre para conversar e aplacar sua angústia no momento em que se pretendia batizar seu neto. Tanto a família, quanto as comunidades religiosas devem estar disponíveis para a relação com o outro, sabendo que toda abertura permite a troca entre os sistemas e que, portanto, não há sistema impermeável e imune a transformações.

Este trabalho proporcionou um aprendizado sobre as relações inter-religiosas e aguçou a curiosidade para continuar investigando tanto as famílias, quanto as comunidades religiosas. Levanta questões sobre como as comunidades podem acolher e servir essas famílias e especialmente aquele membro da família que não virá a formalmente pertencer àquela tradição religiosa, mas que está em diálogo constante com ela. A discussão ecumênica ou do diálogo inter-religioso necessita abrir-se para um outro nível. Além de pensar as relações institucionais, pensar o nível intrafamiliar.

## REFERÊNCIAS

- A cidade da diversidade racial. **Agência Brasil** – s.d.. Disponível em <[http://www.radiobras.gov.br/especiais/saopaulo450/sp450\\_mat9\\_2004.htm](http://www.radiobras.gov.br/especiais/saopaulo450/sp450_mat9_2004.htm)> Acesso em 12 de mar de 2009
- AMALADOSS, Michael. **Pela Estrada da Vida**: Prática do diálogo inter-religioso. São Paulo, Paulinas, 1995. Tradução de Luís Fernando Gonçalves Pereira.
- AMATUZZI, Mauro Martins (org). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo, Paulus, 2005.
- ANCONA-LOPEZ, Marília. Religião e psicologia clínica: 4 atitudes básicas in MAHHFOUD, Miguel e MASSIMI, Marina. **Diante do mistério**: psicologia e senso religioso. Loyola, 1999, p. 71 – 95.
- ANDOLFI, Maurizio e outros. **Por trás da Máscara Familiar**: um novo enfoque em terapia familiar. Porto Alegre, Artmed, 1984. Tradução de Maria Cristina R. Goulart.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1991.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo, Paulus, 1985. Tradução de José Carlos Barcellos.
- BERGMAN, Joel S. **Pescando Barracudas** – A Pragmática da Terapia Sistêmica Breve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese.
- BIZON, José; DARIVA, Noemi; DRUBI, Rodrigo (org.). **Ecumenismo - 40 anos do decreto *Unitas Redintegratio*: 1964 – 2004**. São Paulo, Paulinas, 2004.
- BOWEN, Murray. **La Terapia Familiar em la Practica Clinica**. Vol. II, Bilbao, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- BRASIL. IBGE . **Informes técnicos**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acessado em 12 de mar de 2009.

BRASIL. IBGE. **Informes técnicos**. Disponível em  
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/metodologia.shtm>>  
Acessado em 19 de mar de 2009.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida**: Uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. São Paulo, Paulinas; São Leopoldo, Sinodal, 1987. Tradução de Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander.

CROHN, Joel. **Mixed Matches: How to create successful interracial, interethnic, and interfaith relationships**. New York, Fawcett Columbine, 1995.

DUARTE, Luiz Fernando Dias, HEILBORN, Maria Luiza, BARROS, Myriam Lins e PEIXOTO, Clarice (org). **Família e Religião**. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2006.

ELKAÏM, Mony (org.). **Panorama das Terapias Familiares Vol. 1**. São Paulo, Summus, 1998. Tradução de Eleny Corina Heller.

FARRIS, James Reaves. Religião madura e imatura: uma análise crítica da teoria de Gordon Allport e suas implicações para o estudo da religião. **Estudos da Religião**, São Bernardo do Campo, nº 21 V. 15, p. 63-78, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teologia Prática**: passado, presente e futuro. São Bernardo do Campo, UMESP (texto não publicado)

FLORISTÁN, Cassiano. **Teologia Práctica**, Salamanca: Sígueme, 2002.

FRIEDMAN, Edwin. **Generation to Generation**. New York, Guilford Press, 1985.

GEERTZ, Clifford. **Saber Local**: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis. Editora Vozes, 2009. Tradução Vera Mello Joscelyne

\_\_\_\_\_. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001. Tradução Vera Ribeiro.



\_\_\_\_\_ **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, LTC, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo, Atlas, 2007.

GILBERT, Roberta M. **The Eight Concepts of Bowen Theory: A new way of thinking about the individual and the group.** Virginia, Leading Systems Press, 2006.

HALEY, Jay. **Psicoterapia familiar: um enfoque centrado no problema.** Belo Horizonte, Interlivros, 1979. Tradução de Lúcio Roberto Marzagão.

\_\_\_\_\_ **Changing families - A family therapy reader.** Grune & Straton, s/d.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro, DP&A, 2005. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lobo.

HOFFMAN, Lynn. **Fundamentos de la Terapia Familiar: un marco conceptual para el cambio de sistemas.** México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

INTERNATIONAL COUNCIL OF CHRISTIANS AND JEWS - **Guia para o diálogo Católico-Judaico no Brasil – Estudos da CNBB – 46 p3-** Disponível em <<http://www.jcrelations.net/pt/?item=1621>>. Acessado em 30 de jun de 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamento de Metodologia Científica.** São Paulo, Editora Atlas, 2007.

MACEDO, Rosa Maria S. de. **Terapia Familiar no Brasil: estado da arte.** Anais: Volume 2 – Congresso Brasileiro de Terapia Familiar. São Paulo: PUC/NUFAC, 1995.

MADANES, Cloé; MADANES, Cláudio. **O Significado Secreto do Dinheiro.** Campinas, Editorial Psy, 1997. Tradução de Sauzana Maria Diniz Lopes Figueiredo.

MARTINS, Elizabeth Medeiros de Almeida; RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Célia Nunes. **Family and the differentiation process in Murray Bowen theory: a case study.** *Psicol. USP.* [online]. June 2008, vol.19, no.2 [cited 25 July 2009], p.181-197. Available from World Wide Web: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772008000200005&lng=en&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000200005&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 1678-5177. Acessado em 20 de jul de 2009.

MCGOLDRICK, Monica. **Novas Abordagens da Terapia Familiar**. São Paulo, Roca, 2003. Tradução de Magda Lopes.

MINUCHIN, Salvador; NICHOLS, Michael. **La Recuperación de la Familia**: relatos de esperanza y renovación. Barcelona, Paidós, 1994.

MINUCHIN, Salvador; WAI-YUNG LEE; SIMON, George M. **Dominando a Terapia Familiar**. Porto Alegre, Artmed, 2008. Tradução de Gisele Klein.

MOLINA, Bogusia; ESTRADA, Diane; BURNETT, Judith A. **Cultural Communities: Challenges and Opportunities in the Creation of "Happily Ever After" Stories of Intercultural Couplehood**, 2004. Disponível em <http://tfj.sagepub.com> at Ebsco Electronic Journals Service (EJS). Acesso em 20 out de 2008

NOÉ, Sidnei Vilmar. Multiculturalidad e Interculturalidad em América Latina. In: SANTOS, Hugo. **Dimensiones del Cuidado y Asesoramiento Pastoral Aportes desde América Latina y el Caribe**. Buenos Aires, Kairós, 2006. Cap. 4, p. 99 – 117.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. O Símbolo e o Ex-Voto em Canindé. **Revista Eletrônica Rever - ISSN 1677-1222**, nr.3, 2003, p. 99-107. Pós-Graduação em Ciências da Religião – PUC - São Paulo. Acesso [http://www.pucsp.br/rever/rv3\\_2003/t\\_oliveira.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/t_oliveira.htm) em 10 de outubro de 2009.

OSORIO, Luiz Carlos e VALLE, Maria Elizabeth Pascual (org.). **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre, Artmed, 2009.

PAPP, Peggy. **Casais em Perigo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002. Tradução de Daniel Ángel Etcheverry Burguño.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. São Paulo, Paulus, 2002. Tradução de Ivo Storniolo.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo, Martins Fontes, 1997. Tradução de Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli.

ROGERS, Carl; ROSENBERG, Rachel **A pessoa como centro**. São Paulo, EPU, Ed. Universidade de São Paulo, 1977.

ROGERS, Carl; KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte, Interlivros, 1977. Tradução de Maria Luisa Bizzotto.

ROMAIN. Jonathan. **Till Faith U Do Part**: couples who fall in love across the religious divide. Londres, Harper Collins, 1996.

SANTOS, MILTON. **A Urbanização Brasileira**, São Paulo, EDUSP, 2005.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; STRECK, Valburga. **Imagens da família**: Dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar. São Leopoldo, Sinodal, 1996.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**, 21ª ed. rev. ampl., São Paulo, Cortez, 2000.

SILVA, Tomaz T. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes, 2008. Trad. Tomaz Tadeu da Silva.

SIRKIN, Mark. **Clinical Issues in Intermarriage**: A Family Systems Approach. Part I: An Overview in Theoretical and Ethical Issues. Disponível em <https://www.policyarchive.org/bitstream/handle/10207/10642/JJCS70-4-08.pdf?sequence=1> Acessado em 20 de jul de 2009.

SOUSA, Lorie. **Interfaith marriage and individual and family life cycle**. In Family Therapy, Vol 22, nr 2, 1995, Libra Puclisshers Inc.

SOUZA, Anna Maria Nunes de. **A Família e seu Espaço**: uma proposta de terapia familiar. Rio de Janeiro, Agir, 1985.

SOUZA, Sandra Duarte. Transito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua. **Estudos da Religião**, São Bernardo do Campo, n° 20 V. 15, p. 157-167, 2001.

STRECK, Valburga. **Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral**: uma experiência com famílias de baixos recursos. São Leopoldo, Sinodal, 1999.

TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. **Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso**: A arte do possível. Aparecida, Santuário, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia e Diálogo Inter-religioso**. (Capítulo de livro no prelo: em livro da editora Mauad, organizado por Edson Fernando de Almeida - 2007). Disponível em <[http://www.empaz.org/dudu/du\\_teologia\\_dia.htm](http://www.empaz.org/dudu/du_teologia_dia.htm)>. Acessado em 03 de agosto de 2009.

VASCONCELOS, Maria José. **Pensamento Sistêmico** – o novo paradigma da ciência. Campinas, Papirus, 2003.

VELHO, Otávio G. (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix, 2007. Tradução de Álvaro Cabral.

WHITAKER, Carl; BUMBERRY, William. **Dançando com a Família**: uma abordagem simbólico-experiencial. Porto Alegre, Artmed, 1990. Tradução de Rose Eliane Starosta.

WOLFF, Elias. **Ministros do Diálogo**: o diálogo ecumênico e inter-religioso na formação presbiteral. São Paulo, Paulus, 2004.

**APÊNDICE A – Entrevistas**

---

## O casal Carlos e Silvia

A entrevista com Carlos, médico, 50 anos, católico romano e Silvia, advogada, 49 anos, judia, ocorreu no consultório dele. O casal está casado há dezoito anos e tem dois filhos, de 15 e 13 anos.

*Entrevistador:* Bem, eu queria ouvir a experiência de vocês, como, desde o início, que lugar, que importância tem a religião na vida de vocês.

*Silvia:* Quando a gente se conheceu eu relutei um pouco, apesar de não me entender bem com os garotos judeus, eu não me aproximava...

*Carlos:* Ela é judia e eu sou do lado árabe-cristão.

*Silvia:* Aí eu dizia pra ele que não. Tudo bem, com um católico normal, mas ele descendente de árabe ainda... ia ser meio confuso. Depois a gente começou a sair, sem pensar nesse assunto. E a família se envolveu, mesmo com um pouco de pé atrás, mas, meus pais gostaram dele. E até meu pai chegou a falar “o único problema seu é não ser judeu”. Mas, eu nunca obriguei ele a se converter, o que é mais difícil, né?! Porque judeu é muito... quer que venha pra sua religião, nem cogita em se converter, mas sempre em trazer. E eu sempre fui muito franca, eu não vou me converter e não quero que o outro tenha que se converter. Cada um na sua. E ele também pensava assim, então foi tranquilo.

*Carlos:* E casamos no civil.

*Silvia:* Casamos só no civil, então...

*Carlos:* E não no religioso, e nem teve culto ecumênico.

*Silvia:* É, nem pensamos...

*Carlos:* Nós nos abstermos disso porque, como tínhamos nos conhecido através de uma prima minha que fez faculdade de Direito também com ela. Nos conhecemos, nos achamos interessantes um ao outro, começamos a namorar e foi pela pessoa um do outro, não por ser ou não... não tinha nenhuma expectativa religiosa no nosso relacionamento. Na medida em que o relacionamento se tornou um pouco mais regular, um pouco mais estável, isso gerou algumas inquietações, acho que momentâneas, conversamos algumas vezes a respeito, mas mesmo assim, tínhamos uma posição clara que, se estávamos juntos é porque um gostava do outro e não por conta da religião, ou porque um tem nariz torto pra um lado, outro pro outro e ponto final, e... estamos aqui até hoje. Então, isso é uma

coisa tranquila. Como ela não é do lado judeu ortodoxo, nem eu do lado cristão ortodoxo, e nem do lado árabe ortodoxo também, nós tivemos uma facilidade de aproximação e de diálogo, respeitando sempre muito os padrões religiosos que ela teve formação, e eu o meu. E a vida tem sido muito, acho que, tranquila nesse sentido, então quando tem os eventos religiosos, do lado cristão, nós comparecemos com nossos filhos e as famílias, quando é do lado judeu, da mesma maneira. Então, eu diria que é uma sucessão de festas, algumas até repetidas, por exemplo, a Páscoa judaica e a Páscoa cristã. Então, às vezes com diferença de dias, você vive duas Páscoas, em diferença de uma semana, no máximo! E é uma situação, é melhor você viver sempre em festa do que sempre em briga. Eu acho que é muito melhor! Até, eu às vezes, comento uma coisa, que se nós fôssemos naturais lá da Bahia, eu acho que a gente nunca ia trabalhar, porque ia ser festa todo dia, quando é festa do candomblé ou é festa católica ou é festa judaica, então é festa o ano inteiro. Então, eu acho que se... essa situação de frequentarmos e respeitarmos isso, tem sido uma constante no relacionamento, os filhos tem comparecido a esses eventos, e, naturalmente, meus filhos, quer dizer, nossos filhos, escolheram, por opção livre e própria de cada um, meu filho resolveu ser católico e minha filha resolveu ser judia. Então, meu filho fez primeira comunhão e batizado, e minha filha, ainda que atrasada, nós fizemos uma cerimônia comemorativa dela, chamada B'nai Mitzvá, que foi meio uma coisa simbólica, mas era uma coisa muito querida por ela, era um desejo dela, e a gente acabou fazendo...

*Silvia:* Aproveitamos a festa de 15 anos, e adaptamos, como é a cerimônia do B'nai Mitzvá.

*Entrevistador :* Sim! Por favor, me explique o que quer dizer com “é meio simbólico”.

*Silvia:* É, duas semanas atrás...

*Carlos:* ...nós fizemos uma super festa e convidamos nossos amigos, que este ano também vou estar completando 50 anos, agora, já no próximo mês, então, fizemos uma grande festa com temas do Oriente Médio, então na festa teve música árabe, teve música judaica.

*Silvia:* A cerimônia em vez de ser os 15 casais, ela quis 15 velas para simbolizar o B'nai Mitzvá dela.

*Carlos:* E nós temos uma religião em comum, todos na família somos corinthianos, então, no final da festa, fizeram uma homenagem surpresa lá pra mim. Eles levaram lá uma bateria do Corinthians, e o pessoal fez uma festa.

*Silvia:* Foi, foi...

*Carlos:* Foi uma mescla de tudo.

- Silvia:* Tinha tudo...
- Carlos:* As pessoas que ficavam tão... “embasbacados”...
- Silvia:* Tinha palmeirense, corinthiano, preto, branco, judeu, árabe, tinha tudo na festa.
- Carlos:* Era uma festa de diferenças, e esta, uma festa tão harmônica, tão contagiante, que as pessoas que foram na festa foram...
- Silvia:* Não param de falar...
- Carlos:* ... quase 170 pessoas, não param de falar até hoje como foi legal. E nós ficamos também meio abestalhados, entendeu...? de tão empolgante que foi a festa.
- Silvia:* Foi muito legal mesmo!
- Carlos:* Inesquecível! Uma marca de harmonia, pra todos, eterna, que ficou. E agora... freqüentamos igreja todo final de semana? Não! Vamos à sinagoga toda semana? Não.
- Silvia:* Meu sogro é falecido, a gente vai à missa, vai uma vez por ano, todos vão. Às vezes tem uma cerimônia na sinagoga que meu pai freqüenta, nós vamos... então, é assim... ele (se referindo ao marido) carrega a Torá, como todo mundo. Tem uma cerimônia que passa com a Torá e põe a mão, e dá beijo. Aí chamaram ele uma vez. Alguns disseram “pô! Isso não pode! Ele foi, carregou a Torá...” Todo mundo sabe que... até hoje é uma força pro meu pai... que assim, não podia entrar católico. Ele também maçons pra membros judeus, estão querendo... convidando ele pra entrar, pra mudar isso. Então, a gente “tá” fazendo umas alterações nas estruturas, né?! até hoje uma loja maçônica está te convidando.
- Carlos:* É, nós temos quebrado alguns paradigmas incríveis, e é uma coisa nossa! Eu nunca imaginei um dia estar nessa condição.
- Silvia:* Tem pessoas que se sentiram incomodadas com o nosso casamento e que agora estão tentando se aproximar. Tem pessoas que não aceitavam, na época que a gente casou. Ficavam de orelha virada.
- Carlos:* É... mas é engraçado que nosso convívio tem sido... não que você viver em casal você não tenha arranca-rabo, lógico que tem, qualquer casal tem. Acho que até se não tiver é problemático, é bom que as diferenças ocorram e você estabeleça isso, mas quanto mais tempo passa, e mais a gente tem conseguido... nos mostrarmos mais amadurecidos, isso tem sido invariavelmente contagiante a essas pessoas resistentes. Então, essas pessoas, parece que começam a perder a força na problemática que



eventualmente eles enfrentam e eles tem baixado a guarda e se aproximado e... manifestado...

*Silvia:* Não, muita gente...

*Carlos:* ...declarações de apreços, de carinho, de...

*Silvia:* gente que... não fez nada... mas você sente que... olhou já de... de lado e que não aceitava muito, sabe? E nunca fez questão de se aproximar... e agora com essa festa...até se sentiram excluídos porque não foram convidados. Eu não convido por obrigação, eu nunca fiz isso. Sinto muito! Eu... se eu chamei é porque eu quero, porque eu “tô” afim, porque eu “tô” feliz! Se não, não vou te chamar! E isso incomoda muita gente, mas eu não consigo ser hipócrita, tá na minha cara, se eu estiver frustrada, todo mundo vai saber. Então não adianta eu fazer, tentar me esconder, porque eu...declaro.

*Carlos:* É...e eu, como, por exemplo, trabalho na área de geriatria e também de psiquiatria, você acaba... as pessoas da família de um lado ou outro acabam se aproximando, querem às vezes tirar alguma dúvida. Meu sogro, minha sogra, quando tem qualquer problema de saúde, eles, hoje, tem uma super confiança em mim, qualquer coisa vem conversar comigo. Eu trato como se fosse meu pai, minha mãe. Acho que se você escolheu conviver, vive bem e pronto, um abraço! E isso para as outras pessoas, fica meio ‘amalucado’ no preconceito da cabeça das pessoas, fica uma maluquice só, que você literalmente desarma os caras, né? Eu não me importo... falo: que você quer, que você não quer, vamos lá, resolve, é isso, aquilo, e a coisa anda. E trabalhando com idoso, a gente acaba tendo, e entendendo qual a mecânica deles, qual é a limitação deles, qual é a fragilidade, a docilidade deles, ao mesmo tempo o amargor que eles carregam, mas se você entende isso, não adianta, você não vai mudar muitas coisas no idoso, você respeitando esse limite dele, ele fica mais próximo de você ainda, então não tem como não querer, acho que, por mais que, independente do meu sogro, tenha usado essa frase, que eu não... ele disse assim, uma frase da dificuldade dele, quer dizer, quando ele disse assim “que o único problema que eu tinha em tudo que ele tinha me conhecido quando eu fui falar com ele pra casar com minha esposa, que eu não era judeu” e assim, acho que a frase que mais... a língua dele vai entortar o resto da vida, que era a única coisa, que era uma dificuldade dele, porque hoje não tem como...ele me considera muito, e é muito bom ser querido, porque não, não é?!

*Entrevistador :* Sim, é bom ser querido.

*Carlos:* Então, é isso. Não sei, que mais você gostaria de saber...?

*Entrevistador* : Então, ver um pouquinho dessa questão da família, de um lado ou de outro, você falou já do sogro, né? Teve outros problemas ou dificuldades em relação às crianças, quando nasceram...?

*Carlos*: Sim, por exemplo, quando eu estava namorando a minha esposa, o meu cunhado, então, futuro cunhado, atual cunhado... sentou com o pai dela, e foi conversar com ele a respeito e “bom, e ai, se for menino vai fazer lá, a circuncisão?” e eu já tinha, já sabia que essa era um tema que chegaria, falei ó: “é o seguinte, ninguém mexe nos meus filhos, só mexe se tiver uma necessidade médica, então se precisar fazer uma circuncisão por motivo médico, vai fazer, se não precisar, não vai fazer.” Não estou casando religiosamente, estou casando civilmente, tenho uma formação técnica na área médica, então o conceito, pra mim, primeiro é a questão saúde, a religiosa é uma questão, no mínimo, secundária, terciária ou quaternária... sei lá... mas não é a primária.

*Silvia*: Ele não deixou nem furar a orelha!

*Carlos*: Da minha filha, não é?... É, a minha filha quando nasceu, eu disse, não vai furar a orelha dela! Por quê?... Porque isso é uma decisão que acho que cabe a ela. O corpo, eu tenho uma formação, meu pai era médico, e era um médico que trabalhou muito tempo com bairro, com clientes de bairro, teve uma visão muito humanista da vida. Então recebi dele os conceitos que eu tive na minha formação, assim, era de preservar o corpo, o corpo é um patrimônio sagrado, então você não mexe nele, a não ser que haja um motivo de força maior. Por conceitos, pré-conceitos...não importa... então, quando minha filha crescer um pouco mais e aí ela decide. Mas cresceu um pouco e por pressão da minha esposa...

*Silvia*: Ela já falava, ela já falava “porque você usa brinco e eu não? Eu quero furar a orelha...”

*Carlos*: É. Mas aí... mas não foi sair da maternidade já com brinco, né?. Então aí minha esposa, minha mãe, minha sogra e minha irmã, as quatro fizeram uma campanha junto com minha filha, que era pequena, mas já sabia o que queria em algumas coisas... Aí, ah!... Então vai furar, tá bom, então levamos a um cirurgião plástico...

*Silvia*: É, olha só...cirurgião plástico...

*Carlos*: E aí ele fez um furinho de cada lado.

*Silvia*: Não, ela não conseguiu da primeira vez.

*Carlos*: Mas foi ele que fez!

*Silvia*: Ela... continuava sofrendo, aí ela falou “eu vou conseguir!” Aí, voltamos lá...

*Carlos:* E ele fez de novo! Então, eu acho, eu considero esse conceito do corpo, ser algo inviolável, até que algo médico, alguma coisa muito expressiva, não por “aaahhh, mas a tribo tal...”, minha tribo é o seguinte, minha tribo respeita o corpo humano, e ponto final. Então, tendo um motivo médico, aí sim você vai fazer uma interferência, mas fora disso... Então, quando o irmão dela... aahh e aí, como vai fazer? Não! Minha mãe, minha irmã, de alguma maneira, ou meu irmão tiveram dificuldades; meu pai já era um cabeça aberta...

*Silvia:* Mais ou menos, né?

*Carlos:* Em algumas coisas...

*Silvia:* Passado alguns anos ele falou pra mim, “agora sim, já se firmaram... você já podia passar pro lado dele, né?”

*Carlos:* Mas ele era um cabeça mais aberta.

*Silvia:* E eu não podia, porque a gente já conversou, e eu não, não vou fazer uma coisa que eu não estou convencida, se eu um dia me convencer, pode ser.

*Carlos:* Mas aí acho que era um conceito mais de velho, né?

*Silvia:* Ele falou numa boa, mais tranqüilo

*Carlos:* Meu sogro também quando falou, falou numa boa, não falou...

*Silvia:* Nós tivemos um episódio desagradável, que a gente... a nossa primeira filha morreu...

*Carlos:* Nós tivemos três filhos. A primeira... a primeira gestação dela era um problema...

*Silvia:* ...era um problema...

*Carlos:* ...genético...

*Silvia:* ...no oitavo mês, praticamente, e aí acabou morrendo intra-útero, mas já tinha peso, tinha que ser sepultada... e aí eu tava imprestável sem raciocínio e ele decidiu, enterrou no túmulo da família, até por economia ou por praticidade, porque... o judeu é muito confuso, muito caro... e eles... não foi fácil, no túmulo da família e tal e...

*Silvia:* E “tá”, essa criança está sepultada junto com a nossa família, que é num cemitério cristão.

*Silvia:* ...foi decidido... assim, numa... emergência...

*Silvia:* Que agora todo mundo acho que segue isso, sei lá, não sei... tem algumas questões que para mim não diz nada, não são importantes, pra ele também. Que nem quando meu filho quis fazer primeira comunhão. Que estranho! Não sei...eu não vou

participar...! Eu acho que vocês tem que fazer um curso, de um e de outro e depois optar. Não... tá decidido! Ele decidiu com ele, fez tudo com ele...

*Carlos:* Porque na escola, a escola é católica.

*Entrevistador :* Que escola freqüentam?

*Carlos:* Eles freqüentam escola católica.

*Silvia:* É a escola X (*menciona o nome da escola*).

*Carlos:* Que os X são católicos, e lá no término da aula, você podia já fazer primeira comunhão lá, então já fazia, não precisa nem sair, então, era prático. E minha filha pra fazer alguma coisa tinha que ir na sinagoga...durante acho que é um ano, né?!, que tem que estudar, colocar...

*Silvia:* Não, aí ela nunca quis fazer, sempre falou quero fazer o B'nai. E aí, então, vai fazer o curso? “ah...vou...não vou...ah, o pai não quer...” Ela pra estudar e pra ler, detesta! Ela quer, mas ela... é, ia passando, é, passou! Mas ela tinha vontade da cerimônia. Ela se sente, ela põe a “estrela”, ela põe “Hay”...

*Carlos:* São símbolos judeus, né?

*Silvia:* E ele deu uma cruz, e ela põe a cruz, e às vezes tira a cruz, e ela não sabe o que quer, não quer desagradar, mas também não quer usar.

*Carlos:* Não, mas a verdade é assim, não precisa usar um, pode usar junto, é que ela fica... são minhocas na cabeça dela... entendeu? Não há problema. Tanto é que, quando eu vou arrumar... quando a gente ...quando existe uma cerimônia religiosa, mesmo dentro de casa, ou numa sinagoga, nós colocamos lá a *Kipá* eu e meu filho, e quando vamos à igreja, nos comportamos adequadamente, na igreja e ela e minha filha também se comportam de forma respeitosa.

*Silvia:* Eu acho que a gente não tem grandes problemas ou, às vezes eles me perguntam alguma coisa, eu... “pra mim”: “olha, acredite em Deus que está tudo certo!” O resto é resto... e eu também não sei muito, nunca estudei a respeito.

*Carlos:* É engraçado que ela não se inquieta muito com essa questão de Deus, eu sou muito mais inquieto nessa questão, até pela minha formação, do que ela.

*Silvia:* Em casa a gente sempre seguiu o mínimo, nunca foi... teve... grandes freqüências na sinagoga, ou grandes festas, era o mínimo, as datas comemorativas e pronto.

*Carlos:* Ano Novo... no Jejum, por exemplo, ninguém faz jejum em casa.

*Silvia:* Na verdade fazia... mas... fazia naquele estilo, né? de adolescente, dorme até as 3 horas, 4 já vai pra sinagoga, e às 5 vai comer. Então...

*Entrevistador* : Não dá muito tempo...

*Silvia*: Não dá muito tempo de se disciplinar.

*Carlos*: É mas, depois em casa você não fez...

*Silvia*: Não, nunca fiz.

*Carlos*: ...a filha também nunca fez. Meu filho e eu não somos judeus, então aí menos ainda. Agora, na Sexta-feira Santa... “você come carne?” Se tiver carne pra comer, como! Não tem problema, mas.... Isso não nos interfere, na nossa... esse rigor, não é...o que é...

*Entrevistador* : Isso não é o essencial pra vocês. O essencial...seria...?

*Carlos*: A gente se gostar, a gente estar vivo, com saúde, a gente estar alegre, a gente estar confraternizando com essas miscelâneas de grupos, entendeu? Nesse sentido, meu pai foi um grande homem, ele era um cara que conseguia frequentar grupos dos mais diversos, isso era uma coisa que, como médico humanista que ele foi, isso era um grande facilitador, ele foi um sujeito muito carismático, e eu admirei, sempre admirei, essa característica dele, né? Não só admirei, como eu procuro, e... é essa prática, como isso me dá uma alegria e uma satisfação muito grande. E eu vejo que meus filhos, muitas vezes se inquietam... “pô!... que coisa mais...”, eu tenho certeza que eles tem uma grande chance de se tornarem assim também, entendeu? Talvez ainda nem tanto, mas eles têm uma grande probabilidade, que eles vêem como é legal, como as pessoas se aproximam, como isso cria facilitadores pra gente estar vivendo de forma harmônica, então você tem... acaba tendo acessos dos mais diversos. Isso é muito bom, o sujeito que é muito limitado, muito obtuso com uma visão, é complicado... quer dizer, ele fica aprisionado, acho que essa é a verdadeira palavra...o sujeito fica aprisionado, ele fica refém das próprias posições dogmáticas, entendeu? Eu atendo, muitas vezes, no consultório, pessoas que tem essa visão muito rigorosa, muito ortodoxa, nossa!... como sofrem! Como fazem os filhos sofrerem! Jovem hoje em dia tem muito acesso a informação, aprendeu uma coisa dentro de casa, no mundo lá fora é diferente, então, muitas vezes, ele começa a ter uma vida ambígua, né? Ele é uma coisa dentro de casa, ele é outra coisa fora de casa, são dois indivíduos...que você acaba... desconhecendo seu filho, não reconhecendo bem o seu pai, a sua mãe, porque não conseguem ter essa posição. E uma coisa que também que eu acho legal comentar é... é que eu acho que a gente vive um grau de maturidade tão confortável e uma confiança tão harmônica entre nós, que... sabe?... eu vejo, muitas vezes, casais que ficam procurando completar isso em fora de casa que eles não conseguem nesse caso, não tenho esse tipo de necessidade, não vejo na minha esposa esse tipo de necessidade, muitas

vezes eu saio, viajo, pra fazer... tenho encontros de amigos de faculdade, que eu sou aficionado pela minha faculdade, pelos meus colegas de faculdade, meus filhos sabem disso, quando eu fui casar com a minha esposa eu deixei isso claro pra ela, que duas coisas eu precisava fazer na vida era – eu me formei no interior do Rio de Janeiro, apesar de morar em São Paulo – que uma vez por ano precisava ir à faculdade encontrar os meus amigos mais queridos, e eu faço isso, só não iria se houvesse uma situação mais crítica, né? Só uma vez não fui porque meu pai estava na UTI na época, ele ainda estava vivo, estava na UTI, não fui; das outras vezes, eu fui. Assim, eles querendo ir ou não... “ah! Mas são... o mesmo lugar, as mesmas pessoas, só contando as mesmas piadas...” É, mas pra gente faz bem! Se vocês querem ir vão, se não quiserem ir, não vão... E tem um pessoal mais antigo, da “velha-guarda”, que a gente tem lá de uma segunda associação de ex-alunos, que temos duas, e os mais antigos fundaram uma situação, uma confraria, e nessa reunião da confraria é fora dessa cidade do interior do Rio, e nós nos confraternizamos, vai família, às vezes vai avó, vai mãe, vai marido, esposa, filho... Então meus filhos freqüentam essa associação, esse grupo de ex-colegas de faculdade, desde pequenos, então, no aniversário de 15 anos da minha filha, uma pilha desses caras estiveram lá, tem uma galera que é árabe, uma galera que é judeu, tem outros que são de outras origens. Pô! ...

*Silvia:* É tem um missionário também, mas ele não veio...

*Carlos:* É

*Silvia:* ... e é do Rio, não sei se te interessa, teria que falar...

*Entrevistador :* Não, não... só aqui em São Paulo mesmo!

*Carlos:* Olha, é uma, é uma...

*Silvia:* É! nossa convivência é bem pacífica, bem neutra.

*Entrevistador :* Deixa eu só retomar uma coisa, quando vocês estavam falando da circuncisão, seus filhos foram batizados ou não?

*Carlos:* Só o menino.

*Entrevistador :* Ele foi batizado, agora...

*Carlos:* Agora adulto.

*Entrevistador :* ... de adulto.

*Carlos:* É, com... acho que com 11 anos.

*Entrevistador :* Certo.

*Silvia:* É!

*Carlos:* Por, por querer dele.

- Entrevistador* : Foi decisão dele, então.
- Carlos*: Nós... o que que a gente fez...
- Silvia*: Pequenininho...
- Entrevistador* : É porque... Só pra esclarecer que vocês falaram não fazer nada, e eu queria entender...
- Carlos*: Nós esperamos eles...
- Entrevistador* : ... nem de um lado nem do outro...
- Carlos*: ... eles crescendo... foram crescendo e foram eles mesmos, a gente frequentando as festividades dos dois lados, e comemorações e eventos dos dois lados, e eles foram assistindo isso. E aí eles foram, eles mesmo que diziam “ó eu quero fazer isso, outro quer fazer...” ah! então tá bom, então vai!
- Silvia*: Nossa casa tem um *Hay* que eu ganhei em um sorteio, tem uma figa porque tem... sinto que tem gente que vai lá que estraga tudo...
- Carlos*: Isso é coisa de mulher...
- Silvia*: ...botei uma figa! e tem um negócio que a gente foi pra Itália, e (inaudível) mandou batizar, ou benzer... o Papa...
- Carlos*: É uma benção do Papa!
- Silvia*: ...pra prender ele e eu quero pendurar, então, assim, o que tiver a gente...
- Carlos*: O convívio é ecumênico!
- Silvia*: Vale tudo lá!
- Entrevistador* : E essa questão? Que vocês foram decidindo sobre... ou planejando a formação dos seus filhos. Vocês foram conversando já antes do casamento, depois que casaram, e foram conversando? ou deixaram a coisa acontecer ...
- Carlos*: Conversamos...
- Entrevistador* : ...levando.
- Carlos*: ...algumas vezes, conversamos. Mas era do tipo da conversa infrutífera, a gente conversava, “é, então, tá! Bom, mas, e aí? Ah! Deixa, sei lá!” Não chegava a conclusão nenhuma...
- Silvia*: É...
- Entrevistador* : Porque quando...
- Carlos*: Deixamos e foi indo...
- Entrevistador* : ...foi indo para onde?
- Carlos*: porque acho que era muito mais, talvez, uma imagem fantasiosa, uma insegurança nossa, do que... “Não, e aí, como é que vai ser? Depois a gente conversa

mais... Ah! Bom, mas... é... bom, a gente tá bem, vamos tocar nossa vida e embora...” E aí as coisas foram acontecendo, e a gente assistia, “E aí que faz? Ah! espera mais um pouco... espera mais um pouco... espera mais um pouco, que foi indo e acabou, e a gente foi dando esta liberdade a eles. Então, eu acho que nossos filhos nos admiram muito, nós gostamos muito deles. Quer dizer, nosso nível de grupo... ela é muito legal. A gente briga às vezes muito, mas a gente se gosta muito. Eles percebem que é briga de amor, entendeu? Não é aquelas brigas: “aaahhh!” Não, não tem nada disso não. Não dá pra viver, não dá pra ficar bravo muito tempo com eles, e eles conosco, entendeu? Isso é mais...

*Silvia:* Conforme a coisa surge, a gente vê com eles

*Carlos:* Conversa... No final de semana a gente tem o hábito de sair com os amigos, tomar um copo de vinho, e a gente conversa “e tá tudo bem? Tá ótimo!”. É muito... essa vida tem sido boa pra gente, não podemos nos queixar. Que mais você quer saber?

*Entrevistador:* É, basicamente... acho que era isso. Era saber como é que vocês vão lidando, e pelo que disseram, vocês não dão uma importância muito grande, quer dizer, vão resolvendo na medida...

*Carlos:* Vou te contar uma coisa, um aspecto pitoresco do nosso casamento, nós casamos no... Nós, aí, nós casamos no salão de um hotel, aqui de São Paulo, mais ou menos...

*Silvia:* 3 horas da tarde...

*Carlos:* Num domingo, 3 horas da tarde, porque judeu não pode ter evento no sábado, alguma coisa assim e...

*Silvia:* meu irmão...

*Carlos:* ... a irmã dela mora longe

*Silvia:* é religioso, era...

*Carlos:* era religioso na época

*Silvia:* ... separou, não agüentou...

*Carlos:* ele casou com uma judia, teve três filhos e separou.

*Silvia:* porque a gente não teve essa formação, e ele quis virar religioso mas não...deu conta do recado...

*Carlos:* ...não agüentou a onda...

*Silvia:* ...e “ta” mais feliz agora...

*Carlos:* ...casou com uma outra judia, mas que não é tão ortodoxa, na verdade ela é ortodoxa, só que ela leva mais leve as coisas.

*Silvia:* é tranqüila.



*Carlos:* é, a maneira dela enfrentar a religiosidade, é uma cabeça mais aberta, entendeu? E esse casamento foi legal que, praticamente metade do salão era árabe, metade do salão era judeu, algumas outras pessoas que não são, eram católicos e, mas não eram da colônia nem árabe nem judia, e no evento de paz, fez o nosso casamento, meu pai fez, falou algumas palavras lá, meu pai era um falante de marca maior, gostaria de falar, e até disse que... que o cara... que a vida de... a vida de casal teria futuro realmente, daria sentido à gente, se a gente tivesse filhos, né? Então, tivemos os filhos, e pra completar de fundo teve uma banda de jazz que tocou na cerimônia, entendeu? Então, foi mais ou menos isso... a cerimônia.

*Silvia:* Um outro casal amigo nosso fez um casamento ecumênico, teve um padre e um rabino, eles fizeram a coisa mais dentro de uma formalidade, uma necessidade maior.

*Carlos:* Nós abdicamos de tudo neste sentido. Então, não dava pras pessoas ficarem partidizando muito a coisa, entendeu? Nós deixamos claro que assim, estamos casando porque gostávamos um do outro, gostamos um do outro, e decidimos casar porque, por esse amor um pelo outro, e ponto final. E não entramos no mérito, porque se você começa a entrar no mérito, aí você começa a se perder, tem que fazer o gosto de um, o gosto de outro, aí logo um se melindra “opa! Pare!” Aí, prejudicaria nosso relacionamento. A gente percebeu que toda vez que a gente começava a entrar nessa seara, isso podia colocar em risco a nossa estabilidade, e não era isso que a gente queria, então a gente não deixava isso, não deixava e não deixa, isso entrar no nosso relacionamento...

*Silvia:* Quando começa...

*Carlos:* ...prefiro preservar.

*Silvia:* ah! “Precisa...” eu não conheço essa palavra.

*Carlos:* É porque a religião diz que tem que... ser assim, ela fala...

*Silvia:* É porque eu quero... eu não faço por obrigação e eu não faço porque precisa, porque eu devo favor, não devo pra ninguém e ninguém me deve nada, e quem tá comigo é porque eu quero, senão eu pulo fora.

*Carlos:* É muito...

*Entrevistador :* E... então eu também tava pensando assim, em que toda decisão é do casal, não tem, assim, influências de um ou de outros. É o casal que decide... e ponto.

*Carlos:* Talvez em alguns momentos muito iniciais da nossa vida conjugal, quando a gente não estava habituado ainda com esse conceito, e talvez estivesse ainda carregando algum tipo de insegurança ou preconceito nosso mesmo, isso pode, talvez, em alguma

situação, bem no início da vida conjugal...mas quanto mais, acho que a gente tem convivido e envelhecido juntos... isso... Nossa! isso... não vai tendo a menor sombra de chance de se aproximar, a gente já rechaça logo...

*Silvia:* é quando tentam...

*Carlos:* É, estamos fora.

*Silvia:* quem chamou aqui? Cai fora, que não é por aí...

*Carlos:* E isso tem gerado, em torno do nosso convívio, nas pessoas, uma admiração muito grande, das pessoas por nós. Então, só acho que é muito legal.

*Silvia:* Foi cortado já, né? Nós conseguimos...

*Carlos:* Colocar ponto, dali pra frente, sem chance.

*Silvia:* Cuida do seu, nós cuidamos do nosso...

*Carlos:* Então, veja, não sei se... eu reforço na sua gravação que gostaríamos muito de saber a conclusão desse trabalho, de ter acesso a ler esse trabalho, isso também nos vai enriquecer muito, e eis que isso vai ser muito importante “pros” nossos filhos terem contato com essa...

*Silvia:* Saber que não são os únicos, né?!

*Entrevistador :* Entendo.

*Carlos:* ... é, de ver como é que esses filhos de outros casais, que tem essa mesma opção de vida que nós procuramos pra nós, como eles conseguem se conduzir, entendeu? Eu acho que um sujeito que tem uma formação plurifacetada, ele é um sujeito que tem muito mais chance de ter sucesso na vida, ele é um sujeito mais diplomata, então ele tem acessos muito maiores, um sujeito que é muito monofásico, muito restrito, ele se perde muito, porque ele acaba perdendo a possibilidade da integração, e a vida... você vai encontrar muita diversidade, você não está trabalhando com... sei lá, pessoas só protestantes, aquele grupo pensa daquele jeito, mas vai a vida inteira trabalhar com protestante? Não vai! A vida inteira com evangélico, com cristão... Você tem que ter essa facilidade de trânsito, para você poder entender, respeitar, e viver em harmonia, viver em alegria, senão... nossa! Fica um inferno, né? Viver com essas bobagens, dos caras brigando, se matando, crianças...

## O casal Maria e Arnaldo

Maria e Arnaldo me receberam em sua casa. Logo que cheguei, me ofereceram suco. Após as explicações sobre os objetivos da pesquisa e os procedimentos, começamos a entrevista.

Maria, psicóloga, 49 anos e Arnaldo, químico, 50 anos estão casados há 26 anos e 29 de relacionamento. Arnaldo judeu foi criado dentro de toda tradição judaica.

*Entrevistador:* Então, eu gostaria de saber um pouco como é que foi essa experiência de vocês nesses anos de casamento em relação as tradições religiosas de vocês.

*Maria:* Desde o começo?

*Entrevistador:* Sim, desde o começo...

*Maria:* Bom, a gente começou a namorar na época de faculdade ainda e... ele judeu, eu católica, né? Na verdade, eu era católica porque nasci numa família, estudei em colégio de freira a vida inteira, mas não seguia, não era praticante do catolicismo. Nunca tinha tido...

*Arnaldo:* Já na minha família não, na minha família a gente seguia todas as tradições judaicas, como todo judeu. E sempre fui... fui criado como judeu, mas a gente não tinha as manifestações...

*Maria:* Não era questão de ser ortodoxa, né?

*Entrevistador:* Ortodoxo?

*Arnaldo:* Não é questão de ser ortodoxo, de estar toda sexta-feira, que tem o *chabat*, o pessoal vai na sinagoga. Meus pais não seguiam isso, minha mãe acendia as velas na sexta-feira, mas isso é uma coisa que geralmente deixa pra menina, né? Não para o rapaz.

*Entrevistador:* Entendo.

*Maria:* Ele não trouxe essas práticas.

*Arnaldo:* E a gente não tinha de frequentar a sinagoga. Mas todas as tradições e todas as festas, até quando meus pais faleceram, todos os rituais...

*Maria:* A gente sempre participou.

*Arnaldo:* ...sempre participou e sempre manteve, até hoje.

*Entrevistador:* As práticas religiosas.

*Arnaldo:* Até hoje a gente manteve.

*Maria:* Então, mas no início, o que houve foi assim, a minha sogra queria que eu me convertesse, mas eu não quis me converter porque eu já não seguia o catolicismo do qual tinha sido criada, né? E... e não conhecia nada do judaísmo. Então eu falava: “eu vou me converter a uma coisa que eu não conheço e que eu não vou seguir”, então, a gente optou por fazer um casamento ecumênico.

*Entrevistador:* Um casamento ecumênico?

*Maria:* Então...

*Arnaldo:* Aí tivemos um padre e um rabino. Não é bem um rabino...

*Maria:* É na verdade...

*Arnaldo:* ... é um representante judeu que se propunha, né? Que... desde que tenha...

*Maria:* Dez homens ou dez (*incompreensível*) ele pode marcar uma cerimônia...

*Arnaldo:* Dez pessoas ele teria como abençoar o casamento, então nós conversamos com um padre em Santos. Nós casamos em Santos, e esse senhor judeu que celebrou.

*Maria:* É

*Arnaldo:* E fizemos uma cerimônia ecumênica, escolheram uma parte do velho testamento e voltamos...

*Maria:* Tem um texto até, depois, se você tiver interesse em ler esse texto, eu devo ter em algum lugar guardado...

*Entrevistador:* Sim, eu gostaria!

*Arnaldo:* Aí depois tinha aquela rasgação de seda de um, de outro... (risos)

*Maria:* Bom, mas enfim, aí passou-se essa fase do casamento, aí foi entrando na vida de casado, e a gente seguia as tradições judaicas, as festas, basicamente as festas, né?

*Entrevistador:* Quais festas?

*Maria:* E... Natal, Páscoa, Pessach, Rosh Hashaná, sempre indo em tudo. Só que logo, logo no início, né?, o Arnaldo começou a se envolver com o kardecismo e eu também, ele mais do que eu até, e ele inclusive trabalha no Seara e tal. Então, a gente continua seguindo as festas judaicas com os amigos.

*Arnaldo:* É porque geralmente é uma reunião de família, eu não tenho mais os meus pais vivos...

*Maria:* É, minha sogra é falecida.

*Arnaldo:* ... ela tem os pais dela, mas não são judeus, e a mãe dela, tem o pai dela, bem... aí calhou do Jacó que já perdeu os pais também, embora a esposa ainda tenha os pais dela vivos e o irmão do Jacó ...

*Maria:* E juntou todo mundo que era órfão...

*Arnaldo:* Tem o Fernando... que também já não tem os pais, a família há muitos anos, e a esposa dele está aqui, mas a mãe dela mora lá em Israel e o pai é falecido. Então, a gente acabou se juntando.

*Entrevistador:* Entendo.

*Arnaldo:* Então, a gente comemora essas festas judaicas assim.

*Maria:* É, as festas judaicas são mais fortes do que as festas católicas, assim, pelo menos “pro” meu lado, porque minha família segue Natal, clássico, mas como uma coisa ... mais comercial, vamos dizer, né?

*Entrevistador:* Me explique melhor.

*Maria:* Agora... não é como aquele católico que vai na missa. Então, a gente faz por uma questão de tradição mesmo.

*Entrevistador:* Entendo.

*Maria:* Eu acho que as festas judaicas... Mas aí não tem aquele... Não tem o ritual...digamos assim... (pausa longa)

*Entrevistador:* Não, tem... o espírito...

*Maria:* ... o espírito natalino tem, aquela coisa de unir todo mundo, de estar todo mundo junto, é sempre assim, isso tem.

*Arnaldo:* É, tendo festa a gente participa...

*Entrevistador:* Certo.

*Maria:* Não, não. Tendo essa coisa da união de estar todo mundo junto, é gostoso, isso é bom, comemorar.

*Arnaldo:* É, o kardecismo veio pra mim... eu sempre tive, fui sempre tendencioso pra esse lado, mesmo minha família judaica, meus pais sempre tiveram um envolvimento, não digo kardecista..., mas, com umbanda na época...

*Maria:* Buscavam alguma coisa assim.

*Arnaldo:* Claro, tiveram envolvimento com umbanda, o tio Matias que assessorou meu pai, ele recebia caboclo, aquele negócio... É que eu era pequeno, vinha na minha casa... Então sempre teve esse negócio de mesa branca. Então sempre alguma coisa ficou além da religião judaica, alguma coisa que seria de curiosidade mesmo.

*Maria:* E sua tia também né?

*Arnaldo:* Ah! É uma tia minha, a esposa do irmão mais velho do meu pai, que freqüentava a Seara, mas eu nunca tive, assim, contato porque ela me fez... fazia. Era curiosidade minha mesmo, na época que eu tinha meu laboratório, o paciente que na época que começou o negócio da AIDS né? Não sabe como é católico, não sei o quê,

aquelas coisas todas, que começou a me contar da Seara, como é que era, não sei o quê lá, e eu tive curiosidade de ver e, aí, acabei ficando né? “Tô” lá há mais de vinte anos, alguma coisa assim.

*Maria:* É.

*Arnaldo:* Então... e achei muito interessante, tinha muita coisa a ver comigo, porque... religião a gente vê como uma re-ligação a Deus

*Maria:* Uhum.

*Arnaldo:* A gente procura ter Deus dentro da gente o tempo inteiro. Isso é muito importante. Então... e eu não gosto de rituais, assim, óbvio...

*Maria:* Ah, eu também não!

*Arnaldo:* Essas coisas me incomodam muito, então... eu procurei trabalhar muito isso, respeitando a todos, né?, convivendo com todas as religiões.... participando de tudo. Eu sou muito tendencioso pro lado ehm... espiritualista, espiritual, eu acho que pra mim isso é muito importante. Pegando o lado bom das religiões, todas são boas.

*Entrevistador:* Você judeu, mas frequenta o kardecismo que se diz cristão. Como é isso para você?

*Maria:* É uma coisa que eu sempre quis saber.

*Arnaldo:* Bom, eu acredito naquilo que está na bíblia, toda história da vida de Jesus. Eu acredito que seja tudo verdade. Eu só não adoro Cristo como os cristãos... É isso eu acredito, mas não adoro.

(*Maria parece não ficar satisfeita com a resposta.* )

*Arnaldo:* Em relação a... em relação ao nosso relacionamento é isso, a gente convive muito bem com isso.

*Maria:* Nada disso nos fez mal...

*Entrevistador:* Nunca tiveram nenhum estranhamento... alguma coisa...?

*Maria:* Por causa de religião?

*Entrevistador:* É... de alguma...

*Arnaldo:* Não!

*Maria:* Sinceramente, assim... de briga por causa de religião...

*Arnaldo:* Não!

*Maria:* ... não...

*Arnaldo:* A religião nunca foi problema assim, entre a gente. Se ela quiser ir a uma missa assistir, eu nunca botei nenhum obstáculo, nenhuma objeção contra isso...

*Maria:* Ele vai numa missa de sétimo dia se precisar... essas coisas...

*Arnaldo:* ... e se for o caso, até acompanho. Eu acho... qualquer templo, seja ele de qualquer religião, ele sempre tem coisas boas lá dentro, pelo menos eu acredito nisso. Então eu vou lá pra receber coisas boas. Eu não preciso seguir o ritual, não preciso me ajoelhar, não preciso fazer o sinal da cruz, eu não preciso virar “pro” Norte, que nem os muçulmanos, eu não preciso sei lá o quê, como os Hare Krishna ou os indianos, mas eu acho que o templo é um lugar bom, me sinto bem, recebo vibrações boas. E eu vou, eu não tenho problema nenhum quanto a isso.

*Entrevistador:* Entendo.

*Arnaldo:* E ela, acredito que a mesma coisa...

*Maria:* É.

*Arnaldo:* ... de ir numa sinagoga, que várias vezes ela esteve presente...

*Maria:* É... Não entendia, no início, muita coisa, porque nunca tive... que nem... o catolicismo, bem ou mal, é a religião do país, então as pessoas acabam sabendo mais. Eu não tinha... nunca tive o contato com nada do judaísmo, até quando o conheci. Então, no início, foi assim meio difícil pra eu entender. Chegava lá na sinagoga, ficava mulher de um lado, homem do outro, era complicado, mas depois se acostuma e sempre respeitei, né? De um lado e de outro.

*Arnaldo:* Teve no começo minha mãe, que com relação a isso, ela queria muito que eu tivesse uma esposa que fosse judia.

*Maria:* É, como todas as da família.

*Arnaldo:* Ela... sentiu um pouco... ah!, falou...

*Maria:* Mas no fim ela mesma ajudou a procurar o rabino que fez o casamento pra gente.

*Arnaldo:* Depois que ela conheceu a Maria, passou. (risos)

*Maria:* É, “tá aprovada”.

*Entrevistador:* Que bom!

*Maria:* Não, ela já conhecia!

*Arnaldo:* Não, eu “tô” falando... a gente fez a escolha e se deu super bem. Não tinha, assim, um negócio, sabe?

*Entrevistador:* Como?

*Arnaldo:* Acabou aceitando a situação com o tempo isso, numa boa.

*Maria:* É.

*Arnaldo:* Pelo menos era o que ela demonstrava.

*Entrevistador:* Sua mãe acabou aceitando com o tempo, então.

- Arnaldo:* Meu pai já era falecido, então não chegou a conviver, é uma pena.
- Maria:* E aí, quanto às crianças, eu acho que o que mais pega é isso, porque a gente... eu sabia ensinar, o passar “pras” crianças, alguma coisa das coisas que eu tinha aprendido, né? Que era Pai Nosso, Ave Maria, acreditar em Deus e aí, no fim, acabei pegando orações infantis... ehm... e muito anjo da guarda, tudo voltado “pro” espiritismo, né? O anjinho da guarda... punha água “pro” anjinho, a gente rezava, agradecia a Deus, dava boa noite, bom dia, aquelas coisas. Sempre rezando...
- Arnaldo:* É, porque no começo, quando teve a situação do Mauro foi meio pesado.
- Maria:* ... nunca passando... É, aquilo foi um choque pra mim. Mas, assim, isso foi quando ele nasceu que teve que...fez o *bris*
- Arnaldo:* O *bris*, a circuncisão.
- Entrevistador:* Certo.
- Maria:* E eu também nunca tinha tido... convivido com aquilo. E a minha sogra fez questão de fazer, não teve festa nem nada, mas ela trouxe um rabino aqui e fez aqui mesmo. E... eu fiquei muito mal com aquilo. E ele chorava cada vez que fazia xixi, mas isso aí também passou.
- Entrevistador:* É.
- Arnaldo:* Mas essa...
- Entrevistador:* Essa história... assim... vocês... como é que... ela fez questão, trouxe...
- Maria:* Ela fez questão... Porque a gente combinou a gravidez inteira que ia ser no... no... com um rabino, no... era Pinkus, né?
- Arnaldo:* É, acho que era.
- Maria:* É. Que ia ser num hospital, que ele ia fazer lá, que era uma questão de higiene, e tal.
- Entrevistador:* Então já estava combinado.
- Maria:* Só que acaba, a cirurgia com o Pinkus também era uma coisa que pra nós naquela época saia caro, e aí a gente acabou cedendo. Foi, assim, meio que no susto, sabe?
- Entrevistador:* É.
- Maria:* E aí ela arrumou esse rabino que veio aqui, fez e foi, foi tudo, no susto.
- Entrevistador:* Apesar de já ter sido combinado, você não esperava como tudo aconteceu?
- Maria:* É, aí eu aceitei, mas fiquei meia chocada, assim. E depois passou.
- Arnaldo:* É, de choques, o que teve, foi esse.
- Maria:* É.



*Arnaldo:* Quer dizer, teve no começo a situação minha mãe e esse negócio do *bris*. Depois disso, em relação a religião...

*Maria:* Nunca mais. Nunca mais porque a gente sempre foi nas... É porque nenhuma das duas famílias, na verdade, eram muito... ehm...

*Arnaldo:* É. A gente tinha as tradições, mas não obrigações.

*Maria:* Não tinha aquela coisa muito forte. E eu acho que o que mais pega, mesmo, é essa coisa de você não ter uma prática única. E... porque o kardecismo, ele... a gente chegou a fazer evangelho em casa com as crianças, né? Sentava, juntava todo mundo do prédio aqui, a gente fazia o evangelho, discutia. O evangelho segundo o espiritismo.

*Entrevistador:* Como foi essa experiência?

*Maria:* Eles gostavam, mas aí passou uma hora que eles já começaram a não querer mais, e eu também falei: “não vou forçar uma coisa que... né? Na marra não vai ser”. E aí fomos deixando de lado, eles já não queriam mais ir... e foi ficando só aquela orientação, mesmo. Não teve uma formação religiosa...

*Arnaldo:* É...

*Maria:* ... pra eles e eu acho que... que isso faz um pouco de falta.

*Entrevistador:* Faz falta?

*Maria:* É.

*Arnaldo:* É, com certeza. Também acho. Eu acho que se fizer a avaliação de nossos 29 anos de relacionamento, 25 anos de casados, dos nossos 50 anos de idade, né?, que se Deus quiser, a gente vai chegar lá...

*Maria:* É.

*Arnaldo:* ... apesar da gente de ter sido criado mais austeramente pelos nossos pais, nos direcionando, impondo determinados limites à coisa, e a gente, devido a uma época onde a gente podia... podia se permitir a dar liberdade mais pra nossos filhos, pros nossos pensamentos...

*Entrevistador:* Uhum.

*Arnaldo:* ... uma quantidade de informação, que isso vem acontecendo cada vez mais, eu acho que precisa existir, acho não, tenho certeza que precisa existir, entre os relacionamentos, não digo uma obrigação de uma religião, mas

*Maria:* Uma formação.

*Arnaldo:* Tem que... tem que ter, não é método...

*Maria:* Disciplina.

- Arnaldo:* ... tem que ser sistemático, você tem que ter disciplina e tem que ser sistemático.
- Entrevistador:* Entendo.
- Maria:* A gente tentou, não conseguiu.
- Arnaldo:* Porque senão, senão é complicado.
- Maria:* Por falta de ser sistemática mesmo, por falta de...
- Arnaldo:* Porque, senão, o mundo toma conta. Não tem jeito. Porque a informação é muita, porque você não tem como impedir isso, é impossível.
- Maria:* Eu acho que falta, assim, uma direção única pra... se bem que isso também pode acontecer numa casa que tem um casal que seguem mesmo e os filhos acabarem não acreditando e não querendo seguir mais.
- Arnaldo:* Não tem como...
- Maria:* A gente sente isso aqui, não sei como é que poderia ter sido se fosse diferente. Mas, por exemplo, meu filho não acredita em Deus, né?
- Arnaldo:* Não, ele diz que não acredita em Deus, graças a Deus.
- Maria:* É, ele diz que não acredita em Deus. Não acredita...
- Arnaldo:* Ele falou!
- Maria:* Não! Ele não fala nenhuma dessas...
- Arnaldo:* Ah! Eu falo: “Caramba! Pelo amor de Deus, filho!” Ele fala muitas vezes, em todos os sinais dele, em todas... em muitas atitudes dele, até a própria banda que ele começou a montar, primeira banda.
- Maria:* É... a banda dele é uma coisa linda de Deus.
- Arnaldo:* Ele só não admite.
- Entrevistador:* Ah, certo, coisa linda de Deus!
- Maria:* É. Lembrei agora.
- Arnaldo:* Eu acho que ele vai... eu acho que isso de “eu sou ateu” é mais da rebeldia da idade, do que qualquer coisa.
- Entrevistador:* Não é o que ele realmente acredita.
- Arnaldo:* Eu acho.
- Entrevistador:* E ele está com quantos anos?
- Maria:* 24.
- Entrevistador:* 24. Vocês têm quantos...?
- Arnaldo:* Uma menina...
- Maria:* Dois.

- Entrevistador:* Dois.
- Arnaldo:* Temos dois.
- Maria:* Ela já acredita mais, já...
- Arnaldo:* É.
- Maria:* Mas também não segue nenhuma religião.
- Entrevistador:* Como é que é para ela?
- Maria:* Mas assim, ela... ela acredita no espiritismo, de vez em quando se pega rezando pro anjo da guarda dela... e, ela tem mais... mais flexibilidade assim, pra aceitar... uma fé, uma religião, uma crença, né?
- Entrevistador:* Mas a fé dela não está restrita ao espiritismo.
- Maria:* Ele já... não toca no assunto. E eu acho que faz falta na vida de uma pessoa alguma formação, alguma coisa, né?...
- Entrevistador:* Você sente isso que faz falta?
- Maria:* E é isso! Que mais você quer saber?
- Entrevistador:* Alguma coisa que vocês lembrem, alguma coisa que vocês acham que é importante...
- Maria:* Quê mais teve de religião... assim, muito...?
- Arnaldo:* É, teve a época dos *B'nai Mitzvá* né? Que nós não fizemos também...
- Maria:* É, na religião dele...
- Arnaldo:* Tem...
- Maria:* ... que eu falo, a religião judaica tem coisas bem mais fortes.
- Entrevistador:* Você vê assim?
- Arnaldo:* E a gente não fez, é engraçado, não tem cobrança da gente, se a minha mãe estivesse viva, com certeza teria, né?
- Maria:* É.
- Entrevistador:* Ela teria solicitado?
- Arnaldo:* Porque isso aí, eu acho que pros meus pais, que tiveram essa criação... mas diretamente, teve cobrança dos meus amigos
- Entrevistador:* Não foi a família, mas amigos cobraram o *B'nai Mitzv*?
- Maria:* É.
- Arnaldo:* Foi muito engraçado. “Por quê? Por quê?”
- Maria:* Por quê que o Mauro não vai fazer *B'nai Mitzvá*?
- Arnaldo:* Entendeu? Sabe? Tem uma série de coisas, esquece o impedimento monetário, que é muito caro...

- Maria:* Porque ele não queria também.
- Entrevistador:* Seu filho também não queria?
- Arnaldo:* Não sei até onde poderia... também, eu acho que esse tipo de coisas, essas situações de ele até ter chegado a dizer que não queria, não vai ter dinheiro nenhum... eu não quero aquilo, sabe?
- Maria:* Não, porque ele não teve aquela... não foi criado em escola judaica
- Arnaldo:* Não importa, essas permissões que a gente acaba dando, em função dessa nova realidade de vida, de informação, de convivência, de liberdade, de crescer...
- Maria:* Mas acho que a gente na época nem cogitou isso
- Arnaldo:* Não tem...
- Maria:* Não me lembro de ter levantado muito essa...: “Vai fazer? Não vai fazer?”  
Não tinha porque não foi criado na tradição judaica, né?
- Arnaldo:* Então, não tinha por quê...
- Entrevistador:* Eles foram batizados?
- Maria:* O Mauro foi batizado, a Giovana também.
- Arnaldo:* Os dois foram batizados na igreja católica.
- Maria:* É. E... e...
- Entrevistador:* Os dois?
- Maria:* Os dois foram batizados na igreja católica. E ele fez a...
- Arnaldo:* É, e a menina, na religião judaica, com não tem batizado, dá um nome na sinagoga, foi feito isso também.
- Maria:* Também.
- Arnaldo:* Quer dizer, eles foram batizados nas duas.
- Maria:* Nas duas. No início, tinha aquela coisa de achar que... melhor fazer, porque se um dia ehm... ehm...
- Arnaldo:* Se eles resolvem seguir uma ou seguir outra, já estão batizados.
- Maria:* Até porque naquela época não tinha nada definido. Eu era católica, ele era judeu. Ninguém ia seguir o kardecismo ainda.
- Entrevistador:* Entendo.
- Maria:* Aí ela... acabamos batizando...
- Arnaldo:* É, que nem na primeira comunhão também.
- Maria:* ... porque, se vai casar, já tem, já “tá” batizado. Aí, primeira comunhão também não fez.

*Entrevistador:* Então no começo vocês pensaram em dar um encaminhamento dos dois lados e depois...

*Maria:* É, tanto que... .. quando ele... eu me lembro de ter perguntado na escola pra ele... quê religião que ele era, ele falava que ele era “jucólico”.

*Entrevistador:* “Jucólico”, que interessante. E com o tempo vocês foram deixando eles seguirem como quisessem ...

*Arnaldo:* É, é que é aquele negócio...

*Maria:* No começo, né?

*Arnaldo:* A gente, eu acredito que a gente sempre fez muita coisa com base no exemplo, né? Que eu creio que os meus filhos vão seguir meu exemplo.

*Maria:* É.

*Arnaldo:* Isso é uma... não é uma verdade real, né?

*Entrevistador:* Você acha que eles não seguem seu exemplo?

*Arnaldo:* Você sabe bem disso.

*Maria:* Você tem filhos?

*Entrevistador:* Não, não.

*Maria:* Não.

*Arnaldo:* A gente procura fazer, por exemplo, uma coisa que eu faço até hoje de ser kardecista, se eles querem falar do evangelho... que nem uma oração, oração é boa em qualquer lugar, eu tenho certeza. Então, eu criei um ritual, pra mim, que eu rezo durante a semana, sábado e domingo eu dou descanso pra todos meus santos, todos os que “tão” em volta. Mas todo dia de manhã, antes de eu sair trabalhar, vou rezar...

*Maria:* É.

*Arnaldo:* ... eu rezo sempre de manhã, por todos, pelo mundo, não sei o quê lá, eu rezo. Às vezes mais concentrado, às vezes menos, depende de... Isso ficou um ritual pra mim. Eu procuro... não... que isso não seja tão sistemático, pra ter mais força a oração, né?

*Entrevistador:* Você procura ter disciplina, mas com espontaneidade.

*Arnaldo:* Mas... eu creio. E as coisas que eu faço, assim, e ela faz também, eu fico sempre procurando... no exemplo que ele... que ele se faça, não tanto pela ehm... não só pela orientação verbal, mas mais pelo exemplo, pela atitude, né?

*Entrevistador:* Ensinar pelo exemplo.

*Arnaldo:* E... espero que... uma hora dê um estalo.

*Maria:* Ainda, ainda... É porque... Não, muita coisa a gente já vê que... que flui, né? Muita coisa fica. Daqui pra frente, agora a vida é deles, mas assim... eles é que vão ter que traçar o destino deles, né?

*Entrevistador:* Entendo.

*Maria:* O que foi dado, já foi dado faz tempo, né? Agora ninguém muda mais nada, a gente só está aqui de porto seguro. É isso.

*Entrevistador:* Obrigada.

*Maria:* Deu pra dar uma pincelada?

*Entrevistador:* Deu, é, já é suficiente.

## O casal Dulce e Roberto

Esta é a segunda união de Dulce, 40 anos, e Roberto, 50 anos. Eles estão juntos há quinze anos e tem um filho de cinco anos. Dulce é de origem judaica e Roberto vem de uma família católica romana. Eles não são formalmente casados, o que tem dificultado encontrar um padre para batizar o filho.

O casal me recebeu em sua casa e, antes que pudesse dar os devidos esclarecimentos Roberto comentou sobre as respectivas tradições religiosas. Após os esclarecimentos, Roberto continuou a falar sobre a educação do filho.

*Roberto:* Porque a gente descobriu...

*Dulce:* Pai! ...

*Roberto:* Pára, só vou falar pra ela...

*Dulce:* Não, mas deixa ela fazer as perguntas antes...

*Entrevistador:* Não tem importância, pode continuar falando.

*Roberto:* Ele estuda no “Sion” e nós descobrimos, agora que o “Sion” completou 105 anos, e que o fundador do “Sion”, que é um colégio que era de freiras até bem pouco tempo...

*Entrevistador:* Sim...

*Roberto:* ... foi fundado por um judeu...

*Entrevistador:* Ah, é?

*Roberto:* ... e eles fizeram uma homenagem à colônia e tal... então, você vê que, até nisso, tem coisas que acabam batendo. E está cheio de coleguinhas que são judeus e...

*Entrevistador:* Coleguinhas que estudam com seu filho...

*Roberto:* ... estudam no “Sion”... que é um colégio...

*Dulce:* É. Agora, não estudam por causa disso, né? É porque o “Renascença” é muito caro...

*Roberto:* É... também. Bom, não é o meu caso, não é economia... a minha opção não foi por isso...

*Entrevistador:* Aham! Então, eu...

*Dulce:* Ela fala! Porque ele desanda a falar, ele não para, Chris. Você pode chutar ele...

*Entrevistador:* Na verdade é assim, não é bem pergunta e resposta. Eu quero que se sintam à vontade para falar sobre a experiência de vocês em conviver com religiosidades diferentes e também quero entender a importância da religião para vocês.

*Dulce:* Ah não? Tá.

*Entrevistador:* ... mas, assim, eu quero que vocês fiquem,

*Dulce:* Bom, eu vou falar que eu resumo mais. Eu sou judia...

*Entrevistador:* Sim.

*Dulce:* ... então, quer dizer, teoricamente meu filho, querendo ou não, é judeu. Eu sigo as festas básicas. Meus pais nunca me forçaram a nada, muito pelo contrário. Como papai foi para a guerra e ele viu perder os pais e a família, e os irmãos, e tudo... e o irmão, desculpa, ele estava escondido dentro de um barril, então, ele viu quando aconteceu tudo. Ele foi salvo, porque... a tia dele... escondeu ele, então ele foi criado pela tia. Nisso, ele tinha dezoito anos, passou a guerra, então ele nunca fez questão que eu fosse judia, muito pelo contrário, porque ele tinha medo... que o... ele tinha medo que eu fosse... que acontecesse tudo de novo...

*Entrevistador:* Entendo.

*Dulce:* ... entendeu? Então ele tinha medo que isso acontecesse. Ele fazia com que uma grande amiga da mamãe, me levasse às missas todos os sábados. Mas... o que eu acho é o seguinte: se você é judeu, você fica sendo o resto da vida.

*Entrevistador:* Então o Guilherme é judeu.

*Dulce:* Então, tanto que, quando eu fui ver o colégio pra ele, o rabino falou: “a educação judaica você dá em casa. Não importa se ele vai estudar no “Renascença”, no “Sion”, aonde for, isso você dá em casa.” Então, baseado nisso, me senti mais tranquila. Que eu, na verdade, fiquei meio... Falei: “ ‘putz’, vou pôr justo no colégio católico”. Mas, além do preço ser melhor e eu ter descoberto que o fundador era um judeu, eu já fiquei... E os amigos dele, judeus, também estão na classe dele, eu falei: “ótimo!”.

(inaudível)

*Dulce:* Então, mas eu frequento a sinagoga nas festas, às vezes vou uma vez ou outra, quando o papai faleceu, como... eu... ãh... meu irmão não tinha filho homem, né? Ele tem uma filha menina. E eu, até então, nunca imaginei que eu ia ficar grávida, a gente doou uma Torá pra sinagoga pra perpetuar o nome do papai, porque o Guilherme, embora tenha meu sobrenome, tem o dele.

*Entrevistador:* Entendo.



*Dulce:* Então, pra perpetuar o nome do papai. Então, a gente tem uma festa tradição. Às vezes, de vez em quando, nós, amigos aqui do prédio, a gente reúne, faz o *chabat*, uma vez na casa do outro... eu nunca fiz. E faço as duas coisas, eu explico pra ele o que é, então ele passa as nossas festas e as dele também.

*Entrevistador:* Ele pode vivenciar a religiosidade dos dois.

*Roberto:* Certo, agora ela precisa contar pra você, o lado... o quê que ela conhece da religião católica, o quê que ela frequenta dessas instituições católicas... Ela sabe muito mais que eu e frequenta muito mais que eu. Então, relata aí...

*Dulce:* É, porque eu sempre... não só porque eu fui na missa, eu ia às missas. Não, se bem que eu vou nos dois, é que eu faço muito bazar em igreja também.

*Entrevistador:* Igrejas fazem parte do seu ambiente profissional.

*Dulce:* Quer dizer, na verdade, é só em igreja... então, eu frequento e eu tenho...

*Roberto:* Ela vai aos cultos também, reza também... é engraçado... ela é eclética.

*Dulce:* Meu pai sempre me ensinou isso, que Deus é um só, que tanto faz a gente rezar numa... tanto que quando eu rezo de noite, eu rezo nos dois, eu rezo o Pai Nosso, eu rezo o *Shemá Israel*. Eu, todo dia, rezo os dois porque eu acho que está todo junto.

*Entrevistador:* Você mesma tem a experiência de viver a religiosidade judaica e cristã.

*Dulce:* De tanto que o papai, no final, da doença dele, tudo... ele... lógico, ele se tornou bastante religioso. Mas ele era religioso, ele era apegado a tudo, né? Então a gente nunca... nunca tive esse problema, “ah! tem que ser judeu”, “tem que casar com judeu”, muito pelo contrário, ele queria que eu estudasse num colégio neutro porque ele não queria que eu tivesse só amigos judeus. Como a gente morava no Brasil, ele queria que eu tivesse todas as amizades.

*Entrevistador:* Com pessoas de diversas etnias e religiões.

*Dulce:* Porque o que eu vejo no “Renascença” é isso, as crianças que estudam lá, elas só frequentam elas, parece que o resto não existe, entendeu? Eu acho que não... sei lá... a gente mora aqui, não é bem assim, entendeu? Eu vejo...

*Roberto:* No Brasil, né?

*Dulce:* É! Eu vejo as crianças às vezes gritando aí: “viva Israel!” Elas têm idade do Guilherme, eu acho que isso é muito... porque mesmo o filho estudando no “Sion” ele não fica rezando, não fala nada disso e...

*Roberto:* Muito bem... é completamente laico o ensino. Se quiser aula de religião, é aparte que você tem que pagar pra fazer isso.

*Dulce:* Mas ele tem... ele tem aquela reza de agradecer o pão...

- Roberto:* É.
- Dulce:* ... sabe? O Pai... eles não fazem o Pai Nosso, não é? Mas ele tem a reza de abençoar o pão quando eles sentam pra lanchar.
- Entrevistador:* Como?
- Dulce:* Sabe? Papai do Céu... mas, até aí, não é nem um nem outro.
- Entrevistador:* Neutro.
- Dulce:* Exatamente.
- Entrevistador:* Aquilo que é comum a todos.
- Dulce:* Exatamente. O que ele fez. A partir do ano que vem, ele terá aula de religião, se eu quiser. Porque aí é voltado ao catecismo. É isso?
- Entrevistador:* Catecismo.
- Dulce:* Catecismo.
- Roberto:* Mas ele... é no currículo, né?
- Dulce:* Mas ele fez o *bris*... Não, não é no currículo, é extra-oficial, se eu quiser.
- Roberto:* Extra-oficial, é isso que eu “tô” falando. Se você quiser.
- Dulce:* E tem... e eu fiz o *bris* nele. Assim, falei: “não, quero”
- Entrevistador:* Ele fez o *bris*.
- Dulce:* Então, querendo ou não, ele é judeu e vai ser sempre.
- Entrevistador:* Entendo.
- Dulce:* É isso, legal?
- Entrevistador:* E da sua parte?
- Roberto:* É... da minha parte é a mesma. Eu só divirjo da posição dela em relação a ele, porque eu acho que ela tem a obrigação de fazer com ele o que o pai dela fez com ela. Deixar a livre escolha; o livre-arbítrio é dele, não opção.
- Dulce:* É, faz o que quiser...
- Roberto:* Porque é uma coisa muito... isso é uma coisa... Eu próprio, fui educado por uma família católica de origem, de um lado italiana, do outro lado tcheco, mas a italiana predominava nessas coisas. Eu fui educado em colégio, o início da minha... o início da minha... da minha... do meu ingresso em colégio foi num colégio de freiras, no “Nossa Senhora da Aparecida” lá em Moema, que eu fiz o jardim da infância, depois eu vim pra “Caetano de Campos”, então meu aspecto religioso desapareceu. E... e fiz primeira comunhão, então eu tinha a educação religiosa, vamos dizer assim, católica por, praticamente, por imposição, por... não por vontade própria, por imposição. E, ao atingir a maturidade, não a maturidade civil, mas a maturidade... a maturidade, vamos dizer,

pessoal, de experiência de vida, eu abdiquei do que seria, vamos dizer, aquelas... aquelas obrigações que eu tinha quando era criança que ia na missa, que não sei o quê, tal, porque eu achei que não precisa de intermediário pra você cultivar sua parte espiritual.

*Entrevistador:* Você vive a religião de forma particular.

*Roberto:* Então eu dispenso todos os intermediários, seja judeu, seja católico, o que for. Eu acho que eu posso me comunicar espiritualmente diretamente, sem nenhuma interferência e... e posso dizer que me satisfaz no aspecto de espiritualidade.

*Entrevistador:* Entendo.

*Roberto:* No... respeito todas as outras, se é que se pode chamar de religião, essas outras coisas que ocorrem por aí. Também não desacredito, acho tudo válido e tudo mais, mas quer dizer... esse aspecto da liberdade de escolha, eu só consegui bem mais tarde porque eu “tava” preso àquele... àquela educação recebida.

*Dulce:* É. Eu não, eu fui educada pra fazer o que eu quisesse.

*Roberto:* Então.

*Dulce:* Tanto que meus primos, imagina! Eles têm que casar com judeu, eles... tudo... Eu nunca, meus pais nunca fizeram nada disso, tanto que meu primeiro marido também não era judeu.

*Entrevistador:* Seu pai aceitou o seu primeiro marido?

*Dulce:* Nunca tive o menor problema.

*Roberto:* É isso que eu digo, eu acho que a liberdade de escolha é uma coisa que vale pra qualquer campo, seja político, seja religioso, seja o que for. E, infelizmente, essa opção não é possível você fazer ehm... com pouca idade...

*Entrevistador:* Sim.

*Roberto:* ... nem coisa nenhuma. Isso depende de experiência de vida e uma série de coisas. E o que dá mais formação não é nem escola, nem coisa nenhuma, é a escola da vida, a experiência que a gente tem.

*Dulce:* É, como a Lourdes falou, é em casa que você vai dar...

*Roberto:* Você...

## O casal Fábio e Sônia

O casal Sônia e Fábio me recebeu no salão do prédio onde moram e após os esclarecimentos sobre os procedimentos da entrevista e do uso do material, demonstraram grande preocupação com o sigilo das informações tanto por segurança quanto também de que não fossem identificados. Sônia tem uma voz suave e fala baixo, seu marido parece mais energético do que ela. A entrevista se dá com a presença do filho. O pai havia acabado de chegar do serviço. A mãe passa o filho para ele e ele cuida do bebê até o final do encontro.

*Entrevistador:* Onde vocês se conheceram?

*Sônia:* No Banco XXX, aqui no bairro.

*Entrevistador:* Na fila?

*Sônia:* Não, éramos estagiários na época, ele era da agência e eu era do departamento interno de comunicação.

*Entrevistador:* Então vocês estavam trabalhando no mesmo lugar.

*Sônia:* Num programa que hoje não existe mais.

*Fábio:* Trabalhava no atendimento ao cliente. Eu trabalhava no andar de cima, então a gente começou a se paquerar por aí... nos restaurantes... a gente ia almoçar...ela olhava pra mim... eu olhava pra ela, pra mim foi amor à primeira vista e a gente começou a se paquerar. Depois a gente combinou de sair, foi daí que...

*Sônia:* E essa paquera durou uns dois meses mais ou menos...

*Fábio:* É...

*Sônia:* A gente saiu com um mês e pouco.

*Fábio:* Foi daí que originou esse grande amor.

*Entrevistador:* Então veio o casamento. E como é a questão da religião para vocês? Na vida de cada um e dentro do casal... como é que vocês vivenciam isso?...

*Sônia:* Desde que a gente começou a namorar nunca tivemos problemas.

*Entrevistador:* Nenhum estranhamento?

*Sônia:* É a gente nunca... nunca foi tão ortodoxos, assim. A gente até (*inaudível, grito de bebê*) pra não ter conflito, né? (*inaudível, grito de bebê*) A gente se conheceu, se apaixonou (*inaudível, grito de bebê*) E meu pai acabou vendo que eu estava feliz e aceitou. A gente nunca teve conflito, assim, de (*inaudível, grito de bebê*)... ter alguma

coisa na igreja ou na parte judaica alguma coisa, alguma festa, sempre participou. *(inaudível, grito de bebê)* Muita coisa, jantares, da parte judaica, ele participou várias vezes *(inaudível, grito de bebê)*... deu certo também, se fosse muito forte de um lado eu acho que ia ser um problema. Meus pais são abertos, assim, os pais dele também sempre respeitaram, meus pais também acabaram respeitando, então, ficou bem... acho que tranquilo. Até que... quando a gente casou, também não teve problema nenhum.

*Entrevistador:* Há quanto tempo vocês estão casados?

*Sônia:* Oito anos.

*Fábio:* Oito anos.

*Sônia:* Mais seis e meio de namoro.

*Fábio:* Mais seis e meio de namoro.

*Sônia:* Em maio vai fazer quinze anos já.

*Entrevistador:* Então, tem dentro da família de vocês, a convivência é tranquila?  
*(inaudível, grito de bebê)*

*Fábio:* Tem.

*Sônia:* Não tanto, mas...

*Fábio:* É, na minha família tinha mais, né? *(inaudível, batidas do bebê)* Natal, na Páscoa, só que minha mãe... meu pai é comerciante, então, hoje, ele não tem tempo pra... Trabalha de segunda a segunda, praticamente. Do lado, do lado católico, por exemplo, foi se distanciando um pouco, mas sempre foi muito presente dentro da minha casa, né?

*Entrevistador:* Entendo.

*Fábio:* *(inaudível, batidas do bebê)* pelo fato da religião, minha mãe é muito, muito apegada a Deus, sempre mostrou o caminho pra mim do que é... do que é Jesus Cristo. Então, é uma coisa que eu presenciei na minha vida.

*Entrevistador:* Você teve uma vivência na igreja?

*Fábio:* Não... ehm... eu não fui crismado, não fui crismado *(inaudível, grito de bebê)* da igreja católica, mas, eu segui a religião.

*Entrevistador:* Tem alguma coisa que vocês queiram dizer que consideram mais importante ou essencial? Alguma vivência que seja importante para vocês?

*Sônia:* Acho que, como ele falou, a gente não teve muito uma influência... A gente participou de alguns Natais, quando tinha alguma coisa, mas foi muito assim, sempre meio aberto, não tinha cobrança de nenhuma das partes...

*Fábio:* Não, não.

*Sônia:* Então a gente foi... não teve uma coisa: “Ah, não, tem que ir, comemorar, sentir falta”, assim.

*Entrevistador:* Aham.

*Sônia:* O que tem a gente faz, participa, mas também, se não tem, a gente faz entre a gente do mesmo jeito.

*Fábio:* É, a gente comemora. De qualquer forma, sempre por causa dele nós comemoramos dos dois lados.

*Sônia:* É.

*Fábio:* Pra que ele...

*Sônia:* Pra que ele conheça.

*Fábio:* ... pra quando o Rafael tiver o discernimento, ele vai poder escolher qual seguir ou seguir as duas, ou qualquer outra religião. Mas o mais importante, eu acho que, além da religião, que é... é um ponto forte pra qualquer ser humano ehm... você... você ter o amor dentro de você, né? O amor supera toda ou qualquer religião. Algumas situações, no começo, até pelo fato do pai dela seguir esse lado do judaísmo, né? O pai dela viu que o nosso amor era maior, então ele... ele... viu que a filha dele estava em boas mãos.

*Entrevistador:* Certo.

*Sônia:* Não, eu acho que além do amor, tudo, é o respeito, né?

*Fábio:* É.

*Sônia:* Então, respeitar sempre a opinião do outro, a gente sempre respeitou o fato de... Nunca: “ah, não vou... não... ehm...” (*inaudível, grito de bebê*) Eu também nunca ninguém do dele. Eu acho que esse respeito assim é importante. Que nunca (*inaudível, grito de bebê*) sempre participou da melhor forma.

*Fábio:* E os nossos pais conversam hoje, se dão super bem...

*Sônia:* Ah, entre eles.

*Fábio:* Entre eles.

*Sônia:* Aham.

*Entrevistador:* Vocês demonstram que o relacionamento é bem harmonioso entre vocês. Em algum momento houve alguma questão que surgiu algum conflito? Ou...

*Fábio:* Por causa da religião?

*Entrevistador:* Sim.

*Sônia:* Não. Teve uns momentos que discutimos; coisas de casal. Mas pela religião não.

*Fábio:* Não. Algum fato que: “olha, minha religião prega isso, minha religião prega aquilo, não.

*Sônia:* Não.

*Fábio:* A gente sempre... O quê é mais importante? É a conversa, então...

*Sônia:* Uhum.

*Fábio:* ... e o respeito mútuo entre as religiões. Então, eu respeito a situação dela, ela respeita a minha e a gente segue. Nunca teve nenhum impedimento. “Ah, não vou porque não aceito uma festividade que seja diferente da parte cristã”, não, não, nunca teve isso.

*Sônia:* Não.

*Entrevistador:* Mesmo alguma coisa menor, alguma coisa que estranharam?

*Fábio:* É. Não.

*Sônia:* E até... ele até participa até muito mais, né? (*inaudível, grito de bebê*) por exemplo, no cemitério judaico, ele sempre põe o *kipá*... ele sempre vai nos casamentos, que nem no ortodoxo que a gente foi um ano e pouco atrás também, que as mulheres ficavam separadas dos homens... que ele nunca tinha ido...

*Fábio:* Eu acho que nesse ponto é verdade, eu estranhei o primeiro casamento que a gente foi.

*Sônia:* Mas não conflito.

*Fábio:* Não.

*Sônia:* Você mais estranhou porque não estava acostumado com aquilo.

*Fábio:* É, mas é tudo... como se você fizesse uma viagem pro exterior, é cultura. Então, é diferente. É diferente porque no catolicismo você vê sempre o casal unido, sempre juntos e na religião judaica você tem os dois lados, bem separados. Então, mas eu entendi, normal, pra gente, pra gente encarar isso numa boa.

*Entrevistador:* Você entende o diferente?

*Fábio:* É muito bonita, por sinal, a religião... a... o encerramento, é muito bonito.

*Sônia:* Até que no nosso foi misto, né? Teve os dois quando nós nos casamos, né? Sempre a gente ficou junto. Ele não quis se converter, eu nunca exigi isso dele, ele também nunca exigiu que eu me convertesse. A gente respeitou tudo, né? Na missa, teve o padre Luís Fernando, né? Na cerimônia, ele (se referindo ao marido) quebrou... teve uma parte da festa que ele quebrou o copo e a parte da cadeira também, né? Foi...

*Fábio:* É, eu acho que...

*Sônia:* ... o que... alguma coisa em comum que a gente achou bem legal, a gente deixou.

*Fábio:* ... eu acho... é. Até pra a vida da gente, acho que isso pôde trazer “pro”... “pro” lado do cristianismo, até fazer um... um intercâmbio aí, que eu acho que a quebra do copo tem um significado muito importante para a vida do casal. Daquele momento pra frente, tudo que passou, passou, e daí é um momento novo. (*inaudível, grito de bebê*) E algumas palavras que o Fernando usou no nosso casamento, aplicou no nosso casamento, acho que isso foi até motivo pra todas as pessoas que estavam ouvindo. Ele disse que algumas pessoas entram no casamento arriscando e outras investindo. Eu acho que a parte do investimento é muito bonita. Isso de ter a graça, de ter o Fernando como... como...

*Sônia:* Oficiante.

*Fábio:* Oficiante que pode passar essa experiência pra a gente.

*Sônia:* Até as pessoas que participaram, que viram, assistiram o casamento, até hoje comentam que foi bem bonito, assim, foi super educativa... né?... foi uma coisa bem legal.

*Entrevistador:* Bonita e educativa.

*Sônia:* Mostrou os dois lados, assim, (*inaudível, grito de bebê*).

*Fábio:* É interessante isso de poder integrar tanto os símbolos de um com os outros, né?

*Entrevistador:* Muito bem. Agora me contem um pouco mais sobre o Rafael. Vocês já disseram que estão apresentando as duas religiões para ele. Queria saber um pouco mais disso? Ele foi batizado? Não foi batizado? Teve o *bris*?

*Sônia:* É, então, na verdade, ele não foi circuncidado porque, na época, a gente ficou meio com receio, né? Quando ele nasceu...

*Fábio:* É

*Sônia:* ... eu não sabia com quem, quando... Meu filho, assim, tipo, se fosse um judeu mesmo, a gente já teria feito com o rabino. Como ele (o marido) é católico, o rabino não pôde fazer. Então, a gente teria que pedir para um médico. Um médico teria que ir ao hospital fazer uma cirurgia, uma cirurgia...

*Fábio:* Pra fazer isso numa semana, eu não achei.

*Sônia:* E a gente achou, como ele era muito pequenininho, até (*inaudível, grito de bebê*) uma vez comentou, né? Que falou assim, que foi um rabino até acompanhado por médico... Que é uma coisa delicada, parece que é simples, né? Mas é uma cirurgia, um cortezinho, né? Então, o que a gente comentou até com a pediatra, vamos fazer um pouco



mais tarde. Acho interessante fazer pra ele, não só pela parte religiosa, mas de saúde, né? Mas, a parte do batizado, a gente não fez ainda, talvez a gente achou ainda cedo pra gente fazer. Vamos fazer mais tarde e aí já faz os dois, porque é um batizado judaico, né? E aí ele ficaria dos dois lados, né?

*Fábio:* Faz o batismo, por causa do judaísmo, convidando meu irmão e a irmã dela... meu irmão e a irmã dela pra que eles possam fazer parte da cerimônia católica e, também, depois, se tiver autorização do pediatra, a gente pode fazer, no caso, a cerimônia para o Rafael.

*Entrevistador:* O seu irmão e sua irmã serão os padrinhos do Rafael no batizado e no bris?

*Sônia:* A gente vai deixar os dois, né? Pra poder mostrar, assim, pra mostrar pra ele que ele tem os dois lados.

*Entrevistador:* Ele vai estar iniciado nos dois lados.

*Sônia:* É. Porque pela religião hebraica, se a mãe é judia, ele é judeu, né?

*Entrevistador:* Sim.

*Sônia:* Pela tradição é, mas a gente vai deixar ele optar pelo que ele quiser. A gente não sabe o meio, de repente, o ambiente que ele vai seguir Deus. A gente não sabe, né? Daqui a uns anos como é que vai estar.

*Entrevistador:* Entendo.

*Fábio:* Eu acho que, como qualquer coisa na vida, é prejudicial ser o extremo, né? Eu acho que o respeito, a gente não pode ter o...

*Sônia:* Extremo.

*Fábio:* ...o extremo. Não, quer dizer, extremamente religioso do lado católico e extremamente religioso do lado judaico.

*Entrevistador:* Entendo.

*Fábio:* Então, eu acho que é uma decisão que ele vai ter lá na frente.

*Entrevistador:* Toda criança adora uma maquininha (se referindo ao gracador).

*Fábio:* É. Desde... desde pequeno. Tó, pega esse. Esse não tem graça, né?

*Entrevistador:* Então, também para essa questão da formação dele, vocês tem conversado e vão decidindo tudo em consenso?

*Sônia:* Mas, assim, a gente sabe que não vamos colocar ele em escola nem judaica e nem vamos colocar numa escola, assim, que tenha padre, não. O que for melhor pra ele profissionalmente, pro futuro dele. Uma escola boa, assim, mas não vamos seguir nenhuma religião. Não vamos colocar em nenhuma escola que siga... nenhuma.

*Entrevistador:* Entendo.

- Sônia:* Deixar numa escola neutra, né? Nenhum dos dois lados...
- Fábio:* A gente quer trabalhar pra poder dar tudo de melhor pra ele, nesse mundo extremamente competitivo que a gente vive hoje. Então, eu acho que a formação acadêmica dele é o que mais... é o que... é o que importa, né?
- Entrevistador:* Entendo.
- Fábio:* E aí, como consequência disso, a escolha dele pela religião e com quem... com quem vai se apegar é com o quem ele se sinta melhor.
- Entrevistador:* Entendo.
- Sônia:* É, que depende da escola, ele pode calhar um momento mais católico, ter uma festividade, né? Ou judaico também, a gente não sabe, né? É importante não descuidar do estudo dele, né? Dar o melhor, mais do que a gente teve. (*inaudível, grito de bebê*) Dar uma estrutura melhor, né?
- Entrevistador:* Então é através da família, é que vocês vão apresentando, as religiões.
- Sônia:* Sim, então. Até que teve o Natal, a gente tirou foto com o gorrinho...
- Fábio:* É.
- Sônia:* Que eu acho legal, eu não tive essa parte com meu pai, por ser judia. Eu olhava pra rua, olhava da janela e eu sentia assim, né? Na época de Natal, quando era criança e via as famílias passando, e eu achava muito legal. Sentia, assim, falta, no sentido de achar bem legal... o significado do Natal, né? De reunir as famílias. Eu acho legal e eu falo pra ele assim, se de repente...
- Fábio:* A minha família com a correria do dia-a-dia acabar não se reunindo como era uns anos atrás... entre a gente, por que não no Natal, mostrar pra ele, tomar vinho...?
- Sônia:* A última vez não deu, porque ele era muito pequeno, tinha 4, 5 meses, né? Mas, agora que passou, né? Assim, daqui a um ano, quando ele tiver dois anos...
- Entrevistador:* Vai ter festa de Natal.
- Sônia:* Por que não?... A gente fazer entre a gente mesmo, uma festa ou, então, pra mostrar o outro lado pra ele, assim... A gente procura comemorar, independente de... Sabe, ele foi até o menino Jesus na escolinha!
- Fábio:* É.
- Sônia:* Quer dizer, minha mãe assistiu, se emocionou até, respeitou. Por causa da gente, ele não deixou de ser o menino Jesus aí fora...
- Fábio:* Por causa da religião.
- Sônia:* ... por causa... é, por eu ser judia. Não...! É uma coisa que ela (se referindo a própria mãe) vai guardar pra sempre.

- Fábio:* É, foi emocionante pra a família. Então, a família dela também participou...
- Sônia:* É.
- Fábio:* ... de uma cerimônia que é, praticamente, cristã.
- Entrevistador:* Aham.
- Fábio:* Então ele foi o menino Jesus da escolinha e fez o maior sucesso, né?
- Sônia:* É, porque ele era o...
- Fábio:* Né, filhão?!
- Sônia:* ... menorzinho que tinha lá na escolinha, né? Era o menorzinho. E era loirinho (*inaudível, grito de bebê*)
- Fábio:* É, loirinho, de olho azul...
- Entrevistador:* Olha! Como você é sorridente, menino!
- Fábio:* “Já fui o menino Jesus, já!”
- Entrevistador:* É, foi.
- Fábio:* Foi, é.
- Entrevistador:* Tem mais algum evento específico que vocês queiram contar ou algum detalhe que vocês lembre,?
- Sônia:* Não...
- Entrevistador:* Não?
- Sônia:* Mais isso, assim, de mostrar que a gente não teve conflito nenhum mesmo, né?...
- Entrevistador:* Uhum.
- Sônia:* ... com a parte do relacionamento, da religião, nunca... Nada fez a gente discutir nesse sentido. A gente sempre respeitou e vamos continuar assim tentando o melhor caminho, sempre conversando, né?
- Fábio:* É, ela já me acompanhou em alguma viagem que a gente fez. Eu tinha feito uma promessa e queria ir na Aparecida do Norte.
- Entrevistador:* Pagar promessa?
- Fábio:* E ela, em nenhum momento, se absteve, inclusive foi junto. Acho que foram algumas conquistas que eu pude ter e nós fomos lá vimos a Nossa Senhora Aparecida, então... Teve... teve meu momento de fé e, em nenhum momento, isso impediu ela de entrar numa igreja, de participar, de ver um pouquinho. Sentamos lá pra assistir uma missa... Então, acho que é... as palavras que vêm da religião, acho que nos fortifica, independente da religião, né? Então, eu acho que a gente é até abençoado, sabe? Eu acho

que a gente pode viver duas religiões e estar abençoado das duas formas, né? Então, eu acho que é uma proteção a mais que a gente pode ter e usufruir disso.

*Sônia:* É, eu acho que a palavra-chave é essa mesmo do respeito e ele percebe algumas coisas, por exemplo, eu nunca rezei o *Pai Nosso*, essas coisas. Desde criança que, assim, que eu acho que é uma coisa muito forte, que puxa muito para o catolicismo. Assim, eu acho lindo, eu acho que até de tanto escutar, você acaba até decorando, mas ele me respeita, ele sabe fazer o momento na igreja. Eu não rezo, eu não faço sinal da cruz porque eu não me sinto à vontade, e ele me respeita. Então, eu acho que isso que é interessante. Como... é que no católico... o judeu, a gente não tem muito dessas... Tem as rezas em hebraico, mas, às vezes, nem eu sei rezar. Mas, quando tem a parte católica, eu não... não sigo... Não porque não goste, mas por questão de falta de costume mesmo, né?

*Fábio:* E quando nós... ehm... nós fomos chamados para sermos padrinhos de casamento de alguns amigos nossos, né? E, em nenhum momento, ela se recusou em participar, em contribuir. Eu acho que é um momento bonito da... do lado dela assim, de participar (*inaudível, grito e batidas do bebê*).

*Sônia:* Também, por sinal, já fui várias vezes, né? Já fomos muitas vezes, assim como vai ser amanhã. Amanhã não é na igreja, mas, assim, por conta do ritual católico. Em junho é na igreja. Eu gosto, faz parte do (*inaudível, tosse do bebê*) A igreja, assim, eu acho casamento na igreja lindo. Eu até brinco, né? Eu falo quando me chamam pra ser madrinha, falo que eu adoro entrar na igreja como madrinha, porque como eu não tive a oportunidade de casar na igreja, que eu acho lindo, né?... Quando a gente casou não pode ser. Então, quando eu sou madrinha, eu... eu me realizo!

*Fábio:* Quer dizer, se realizou mais...

*Sônia:* Que eu acho muito bonito mesmo, assim, a igreja, sentir a emoção...

*Fábio:* A energia, né?

*Sônia:* É, energia, é bem bonito, né?

*Entrevistador:* Entendo.

*Fábio:* Eu acho que quando você entra em um templo como esse, numa... numa igreja, eu acho que é um momento sagrado. Um momento único, um momento seu. Então, é um momento de paz. Eu acho que é... isso.

*Sônia:* Até que dá pra contar nos dedos, né? O tanto na sinagoga que a gente foi, e pra igreja, tudo faz na igreja. Até porque de casamentos mesmo, a gente tem uns dois casamentos de judeus, que foi da minha prima e de um amigo nosso, dois anos atrás. E o restante assim, direto no católico, né?...

*Entrevistador:* Então tem participado mais de ambientes católicos?

*Sônia:* Sim, mais na igreja.

*Fábio:* Eu acho que é porque é a cultura de nosso país. Hoje está mudando um pouco, mas, até anos atrás, o catolicismo, o cristianismo era muito forte, né?

*Sônia:* Eu acho que nossas amizades, também.

*Fábio:* Amizades, é.

*Sônia:* Nosso círculo de amigos são católicos, né? A gente não tem amigos judeus. Se tivesse amigos judeus, com certeza a gente frequentaria muito mais, é claro.

*Entrevistador:* Entendo.

*Sônia:* (*incompreensível*) festas, que nossos amigos, nunca... frequentei muito pouco tempo o ambiente. O clube sim, mas a escola, nem um ano me adaptei. Meus pais moravam em Santana e então, eu acabei... quando eu fui “pro” colégio, pra uma escola, “pro” “Renascença” que é judaico...

*Entrevistador:* O que aconteceu?

*Sônia:* É uma escola de judeus, não me adaptei porque as crianças eram... estavam juntos desde pequenininhos, entrei com 15 anos, e foi um choque muito grande, e eles me atacaram mais do que podiam. Então, foi um momento da minha vida, assim, que eu até questioneei, assim, algumas coisas, né? Até que ponto, né? Você forçar a entrar, a frequentar... Porque, com 15 anos, é diferente, né? Você, a sua vida toda, você não frequentou o ambiente judaico, então, de repente, entrar. Para o adolescente, é complicado.

*Entrevistador:* Entendo.

*Sônia:* Então, e aí, acabei nem tendo amizade com o pessoal. Tive poucas amizades. Teve um período que eu tive amizades com judeus, mas a maioria dos meus amigos é católica, sempre. Fui a batizados, fui a lugares, assim, todos católicos.

*Entrevistador:* Você tem uma boa convivência com o meio católico romano e isso ajudou na convivência com o Fábio?

*Sônia:* A gente se dá bem, assim. É tranquilo.

## O casal Marta e Jairo

O Casal Marta, advogada e Jairo, empresário, ambos com 49 anos de idade, me receberam em sua casa. Eles se conheceram na faculdade e tem vinte e seis anos de relacionamento, sendo que onze de namoro e dezesseis de casamento. Eles têm um casal de filhos com quatorze e quinze anos de idade.

*Jairo:* Agora quem busca uma bênção religiosa e que mantenha a tradição das religiões, isso é louvável! Quer dizer...hoje em dia você ver pessoas que querem buscar essa bênção nessa união, é uma coisa bem legal...quer dizer, é sinal que o mundo não está perdido, porque tem gente que ainda acredita que a bênção é uma coisa importante...é, porque hoje está tudo muito descartável, está tudo muito superficial, muito fácil, qualquer coisa.

*Marta:* E o respeito também, né? A gente se respeita muito nesse sentido de religião, ele sempre me respeitou e eu também, então, a gente curte porque a gente fala que a gente aproveita as festas, né? Nós temos duas comemorações de Ano Novo, duas de Páscoa... não sei mais o quê...

*Jairo:* É, tudo dobrado.

*Marta:* ...é, tudo dobrado... então, ele participa das minhas e eu participo das dele também. Sempre foi assim.

*Jairo:* É, eu acho que...eu vou até mais além, por conta dela ser católica, eu acabei aceitando mais o lado católico, que para mim era... não era tabu nem nada, mas era uma coisa meio desconhecida, então acabei me envolvendo... pouco, mas... para quem não sabia nada! E ela ao contrário também, quer dizer, acabou que a gente... eu sou judeu mas, “pô”, eu acho que se for para eu entrar numa igreja, numa oração, vou numa boa, não tem nenhum tipo de restrição...

*Marta:* Não, e aqui em casa também, a gente convive... eu tenho na minha cozinha os meus santinhos, que eu acendo velas e tem os símbolos judaicos...

*Jairo:* É, e eu passei a entender também o significado dos santinhos com os católicos, coisa que para os judeus é estranha, porque nós não temos imagens. Então, por isso que eu te falo, essa coisa de você manter a tradição religiosa, também tem um lado que complementa, que é você também participar da tradição do outro, tipo, “pô”, já fiz um

monte de coisa para ela, que se contar, “pô”, é brincadeira um judeu fazer, mas eu faço, porque de repente é do gosto dela, e assim como ela faz para mim também.

*Entrevistador* : Que tipo de coisa?

*Marta*: Ele me ajuda a pagar as promessas, quando eu alcanço a graça, ele vai pôr as faixas pra mim...

*Jairo*: É, já fui, já.

*Marta*: É, já pôs, né? Eu só não sou de ir muito na igreja, mas eu tenho uma super fé, eu rezo todos os dias, eu peço, eu agradeço, sabe? Isso faz parte de mim, sempre. Desde que eu me casei com o Jairo, ele sabe, eu tenho os meus santos de fé, que eu acredito, que eu prometo.

*Jairo*: Então, por isso que é legal assim, a gente interage na religião com prazer.

*Marta*: É, a gente não faz nada obrigado, né? Eu quando vou pra sinagoga, eu vou com prazer, aberta, curto, acho super bonito... .. e ele quando vem também.

*Jairo*: É, é... tudo bem que a gente tem uma tradição. A gente não é religioso assim de... no sentido de freqüentar, é bem *light*, mas do pouco que a gente participa... porque a gente... pelo menos... “pô”, estou com ela há muito tempo, ela tem orgulho de ser católica e eu tenho orgulho de ser judeu, quer dizer, isso não é abalado por freqüentar ou não freqüentar, isso continua igual, mas é uma coisa pra gente...

*Entrevistador*: Mas percebo que a religião faz parte do dia-a-dia de vocês?

*Marta*: Ah, sim, com certeza!

*Jairo*: É, e isso nunca, nunca foi motivo entre nós de qualquer discussão... qualquer coisa, pelo contrário! É uma coisa que a gente... Essa parte de respeito ela... ela existe e ela é praticada constantemente... quer dizer, “pô”, ela fica na dela, eu fico na minha e...tá tudo certo.

*Entrevistador*: Vocês têm uma religiosidade. Como é que é vivida a religiosidade?

*Jairo*: Sim, mas talvez não no aspecto... ehm, a gente não é fervoroso...

*Marta*: Não, assim, não sou freqüentadora de igreja...

*Entrevistador*: Então, vivenciam de forma privada?

*Jairo*: É... Isso daí, até vem um pouco de família. O meu pai falava uma coisa também, interessante, que eu não esqueço nunca mais... Que o encontro... o que você busca na fé, não está na igreja, nem na sinagoga, nem em lugar nenhum, está dentro de você, então, quer dizer, se você quer um contato imediato você tem esse poder em qualquer local. Óbvio que tem situações que te ajudam a fazer a ligação com Deus, mas independe. Por isso que, “pô”, às vezes eu vou na casa da minha mãe, meu irmão está lá,

aí eu saio com ele pra fazer alguma coisa, a gente para na igreja, porque não tem sinagoga lá perto, “pô”, entramos lá, já fomos algumas vezes fazer isso, a gente faz uma oração, tal, legal, uma coisa que é gostosa, e não é o local que está interferindo, então... Mas isso acho que é muito da criação, viu? Porque eu conheço muito judeu que se eu falar isso, o cara vai falar: “opa, peraí, tem alguma coisa errada”, e eu garanto que não tem nada errado, quer dizer, pelo contrário.

*Marta:* Deus é o mesmo, né? Eu acho que ele olha por todos, independente de ser judeu, católico ou protestante ou evangélico, eu acho que Deus é o mesmo. Agora, eu acho que a base mesmo para um relacionamento de religiões diferentes dar certo é o respeito, né? E assim, nós resolvemos que quando a gente tivesse filhos, os nossos filhos, nós explicaríamos as duas religiões, a católica e a judaica e eles seguiriam o que eles quisessem. E os dois se converteram e são judeus.

*Entrevistador:* O dois se converteram ao judaísmo.

*Marta:* Estudam num colégio católico, mas foram fazer o curso, estudaram dois anos na sinagoga, tal, de livre e espontânea vontade, quer dizer, não houve pressão. Foram batizados, na religião católica quando eram pequenos, o menino, quando nasceu, foi circuncidado, a gente fez as duas coisas, sabe? Tanto de um lado como do outro...

*Entrevistador:* Batizado na Igreja Católica e o *Bris* judaico.

*Jairo:* É, a idéia foi sempre deixar eles discernirem e...para eles optarem, e até foi mais cedo do que a gente imaginou porque, quer dizer...no final, acho que até pelo fato de ser *B'nai Mitzvá*, o *B'nai Mitzvá* ehm... meio que também forçou a decisão deles, quer dizer, não nossa, até porque a gente até deu o livre arbítrio pra eles, também, porque não precisa fazer *B'nai Mitzvá* com 13 anos, pode fazer depois...

*Entrevistador:* Com mais idade.

*Jairo:* ... mas eles acabaram, optando assim... Sabe, isso é uma coisa que nos orgulha, assim... a gente... Pra mim, é assim, é um orgulho ser judeu, tal, beleza, mas também se não fosse, não ia fazer diferença porque eu nunca tive a pretensão de dar esse caminho. Então, pra mim, o orgulho é esse, é não ter feito nada, e eles terem optado por isso, isso é uma coisa legal, quer dizer... em nenhum momento, “pô”, você... não nada, nem eu nem ela, e não existe um papo, assim, de querer agradar a gente, foi uma coisa que eles fizeram...é, espontâneo e pensado...

*Marta:* Mesmo por que o curso...

*Jairo:* São dois anos, “pô”.



- Marta:* São dois anos, é uma vez por semana, mas são quatro horas de curso... então...
- Jairo:* Pra uma criança...
- Marta:* ...para um adolescente, para um pré-adolescente, você imagina... o menino foi na primeira aula e já voltou falando que não queria mais, aí o Jairo falou: “olha, não é assim filho, uma aula e já dizer não quero..., pelo menos vai mais uma vez, se você achar que não é o que você quer, tudo bem, você pode parar. Aí, na segunda aula ele já voltou: “E aí, como é que foi a aula?” “Hoje foi legal, hoje teve isso, aquilo...” E aí, foi...
- Jairo:* É, foi, mas foi podendo sair a qualquer tempo, né?
- Marta:* É, sim.
- Jairo:* Então, quer dizer, conclusão: a gente tem um relacionamento, eu e a Marta, de mais de 25 anos, sendo 11 de namoro mais...
- Marta:* É, a gente fez 16 de casado...
- Jairo:* É, 16 de casado, e, desde o começo, eu nunca tive nenhum problema, nem com ela, ehm... não me lembro com a família, porque eu tive um...
- Marta:* Com meus pais não.
- Jairo:* ...eu tive um outro relacionamento antes da Marta, que eu tive um problema muito sério, e o problema era eu ser judeu... Só! Então, quer dizer, eu passei por situações muito chatas e eu não entendia porque. Eu falava, “pô”...
- Marta:* É, e a primeira vez que a gente saiu, você falou isso pra mim: “olha, só tem um problema, eu sou judeu”.
- Jairo:* É, porque eu tinha acabado de sair de uma situação que isso era um problema, e era um problema que eu não conseguia esclarecer... Porque eu falava, “pô”, qual é o problema? “Não, os judeus mataram Cristo.” Peraí um pouquinho, vamos devagar aí, até porque se matou Cristo, um judeu matou um judeu. Quer dizer, não matou um católico, então, não vem encher o saco, né? Então, quer dizer, esse preconceito de dois mil anos, é porque matou Cristo? Não sei o que era. Os pais da pessoa que eu tava também não sabiam bem, aí eu comecei a chegar à conclusão que eram ignorantes, quer dizer, era um cara que não quer saber, né? Porque ignorante é quem tem acesso à informação e não quer a informação, porque do contrário é desinformado. Não, eles eram ignorantes, podiam muito bem se esclarecer e não faziam questão. E aí, quando a pessoa que eu tava, até entendo, quer dizer, quer dizer, olha... ficar entre o namorado e os pais, né? Então não serve para mim e acabou. Não vou ficar encanado, é uma coisa que não quero pra mim.

Então, quando eu conheci a Marta, eu já tava meio com um pé atrás, assim, será que vai ser tudo igual novamente...

*Marta:* Mas a gente nunca teve assim problemas. Os meus pais nunca, nunca, desde o primeiro momento...

*Jairo:* É, seus pais ficaram curiosos assim, de saber o quê que era ser judeu.

*Marta:* É, querer saber! Eu me lembro que até sua mãe mandou um livrinho pro meu pai: “o que é um judeu?”...

*Jairo:* É, lembro, eu lembro disso também.

*Marta:* E meu pai leu o livrinho inteiro, achou super-interessante, então, ...

*Jairo:* O que é um judeu...é legal aquele livro...

*Marta:* É, o que é um judeu. É um livrinho bem pequenininho assim, mas ele explica direitinho tudo e...

*Jairo:* É...

*Marta:* ... e foi tranqüilo, e aí quando a gente resolveu casar, que a gente sabia... quer dizer, a Igreja Católica aceitaria o Jairo, quando eu fui preparar toda a papelada, né? Então, o padre... “ah, mas seu noivo é judeu? Não tem problema nenhum, a Igreja Católica faz o casamento e vai recebê-lo com muita satisfação, tal”. Eu falei: É, padre, mas a gente prefere um lugar neutro. Agora, na sinagoga eu só poderia casar se eu me convertesse.

*Jairo:* É, é...

*Marta:* E eu não posso negar uma coisa que eu tenho fé, eu não posso negar que tenho Cristo dentro de mim, eu fui criada assim, né? Então... pra mim é complicado. Então, eu acho assim, se me aceita dessa maneira, tudo bem. E deu tudo certo. Aí, falei pros meus pais, olha, a gente não pode nem casar na igreja nem na sinagoga, então nosso casamento tem que ser...

*Jairo:* Neutro.

*Marta:* Isso, neutro. E meus pais levaram na boa, sabe? Não teve problema nenhum.

*Jairo:* E até hoje, né, Marta?

*Marta:* Porque sua mãe faz as festas, convida os meus pais, eles vão e gostam...

*Jairo:* É, isso foi importante, viu? As famílias não terem rusga... apesar de que se tivesse algum tipo de rusga também, a gente teria argumento para...até porque hoje para mim é fácil. Então, é bem interessante isso, uma das expressões que a gente usa que é com base no texto da união, é exatamente essa, que a união inter-religiosa, ela tem dois pilares,

que é: o amor que ele é universal, porque ele supera diferenças sociais, de cor, de credo, de qualquer coisa...porque quando as pessoas se amam, elas tendem a superar todas as dificuldades para ficarem juntas. E o segundo pilar é o Deus que é o mesmo. Então, é... é bem por aí. Agora, as famílias, quando elas aceitam essa... essa interação numa boa, eu acho que tudo fica muito mais fácil, até porque as famílias vêm junto, graças a Deus que elas vêm junto, mas elas têm que conviver harmoniosamente. E no nosso caso, graças a Deus, isso sempre foi... assim como, assim, as nossas famílias também são unidas, a gente... a gente criou uma grande família unida. Tudo bem que também as convivências não são constantes, tal, mas, vira-e-mexe a gente está todo mundo junto, e é prazeroso, não existe aquele “ahhh, uh!”, aquela..., aquele tipo de situação constrangedora, pelo contrário, lá é gostoso. Isso é uma coisa que é importante. Então, a gente fala, mas tem que ver que a gente... não sei se a gente é o padrão, a gente fala de uma coisa que a gente vivencia...

*Marta:* É, a gente é um pouco fora do padrão!

*Jairo:* É, não sei nem se é fora, mas a gente está numa situação que é legal.

*Entrevistador:* Houve alguma vez algum assunto que vocês tiveram que discutir, chegar num consenso?

*Jairo:* De quê? De religião?

*Entrevistador:* É!

*Jairo:* Não, nada. Que eu me lembre nada.

*Marta:* Não.

*Entrevistador:* Naturalmente...

*Jairo:* É, foi se encaixando...

*Marta:* É, se encaixando.

*Jairo:* Quer dizer, por isso que eu falo, o legal é que eu acabo conhecendo também um pouco da tradição católica e aprendo a respeitar o pensamento. Porque, por exemplo, judeu não tem santo, católico tem, mas eu tenho que entender o quê que é o santo “pro” católico e respeitar que é... é uma forma do católico exercer a religiosidade. E tem coisas que eu, como judeu, acabei admirando no catolicismo, que eu nem imaginava, por exemplo, ehm... e vice-versa também, com certeza, quer dizer, são... você vai conhecendo... Eu acho uma coisa legal no catolicismo que é o..., mas talvez, eu não gostaria de dizer assim do judaísmo, mas a figura do Papa...

*Entrevistador:* Me explique.

*Jairo:* ...porque a figura do Papa é uma figura que direciona o rebanho. E no judaísmo não tem ninguém que direciona, tem um livro pra você ler, interpretar e seguir. Então... tipo, essa história da inter-religiosidade ser aceita, que é uma coisa super recente, acho que em 1963 com evento do Concílio do Vaticano lá, que passou a formalizar essa situação como disparidade de culto e daí pra frente ehm... eu acho bárbaro isso, quer dizer, essa evolução, que, tudo bem que demorou quase dois mil anos mas, existiu. Por outro lado eu também vejo muito padre, que eu convivo com padre constantemente, que ele... desconhece ou não entende, não... ou, de repente, até não aceita isso... Então, você tem que olhar isso e falar, bom, é natural também porque às vezes o cara teve um tipo de... de ensinamento que não previa isso, não sei.

*Entrevistador:* Entendo.

*Jairo:* Mas eu acho que a humanidade, ela... ela... isso que a gente pratica aqui, é uma... é um evento, assim, de harmonia, de harmonização e tal, e isso teria que ser pra várias coisas. Olha, eu não quero misturar, eu “tô” falando no aspecto religiosidade, em religião, porque eu com ela, a gente discute, briga, normalmente como qualquer casal, não tem...e aí não tem nada a ver com religião, tem a ver com a convivência do dia-a-dia e tal. Mas no aspecto religião, é um conforto, quer dizer, a gente... isso é uma coisa legal, assim, no fundo no fundo a gente sabe que ehm... a gente talvez se admira por dentro por saber que um respeita o outro, assim, legal, não tem...não interfere no relacionamento. Por isso que eu te falo, eu não sei se o que a gente vive é o que os outros vivem. E não sei e nem quero saber também se é o que os outros vivem, mas, eu falando por nós aqui, é numa boa. A inter-religiosidade nossa aqui é um exemplo pra outras pessoas e falo por mim e falo também pelos meus irmãos, pelo meu irmão também. Meu irmão também é casado...

*Marta:* Com católica.

*Jairo:* ... com uma católica...

*Entrevistador:* Ah, sim?

*Jairo:* ... que no aspecto religioso, sempre foi, sempre, assim, foi ótimo. Agora, eu também computo isso, talvez, uma boa parte disso, da educação que eu tive, porque eu fui educado com uma mentalidade muito aberta da minha mãe e do meu pai. pra você ter uma idéia, a gente, “pô”, a gente é de uma família judaica, mas não teve um Natal na minha vida que não teve uma árvore de Natal com presentes, com... quer dizer, “pô”, até as pessoas católicas que entravam na nossa casa... “ ‘pô’, mas quê que é isso aqui?! Isso aqui é uma casa de judeu, ‘pô’?!” Então... desde criança... quer dizer, eu fui criado assim.

*Entrevistador:* Entendo.

*Jairo:* Porque meu pai, ele achava que a gente, ehm...sendo judeu, que é uma minoria no Brasil, aliás... no Brasil... no mundo, né?

*Entrevistador :* Sim.

*Jairo:* Para você ter uma idéia, no Brasil não chega a 120.000, isso em uma população de 200 milhões, quer dizer, uma coisa ínfima, zero vírgula... ehm... mas meu pai achava que a gente não podia ser E.T., um extraterreno, por quê? Porque, “pô”, você está no meio de católicos, o tempo inteiro. Então, meu pai pensou até... eu acho, 100% certo. Ou seja: ‘pô’, eu vou criar meus filhos como sendo alheios ao que acontece em volta? Não. Quer dizer, se eles saírem de casa, vão na casa de qualquer amigo, tem lá uma árvore de Natal, então eles também vão ter...” Óbvio que a explicação do Natal é uma, mas o motivo da árvore não é religioso, é uma coisa que passou a ser mais folclórica.

*Entrevistador:* Entendo.

*Jairo:* Mas é muito legal, estes dias recebi um e-mail “dum” negócio do Luís Fernando Veríssimo, que o filho começa a questionar o pai com o coelhinho: “o quê o coelhinho tem a ver com a Páscoa?!” E...aí o ovo, “papapá” e...aí chega no Natal e: “o quê que Papai Noel tem a ver?” Eu sei que o pai... chega uma hora que o pai fica louco, já não consegue... aí joga pra a mãe, aí a mãe começa a dar respostas, aí também começa a se enrolar inteira...e no fundo, essas coisas que são folclóricas... têm, têm esse aspecto... não adianta você também ficar querendo buscar um motivo religioso. É uma coisa que foi... se instituiu ao longo do tempo e, na realidade, já até não tem explicação mesmo.

*Entrevistador:* O significado se perde ao longo do tempo e ganha novo significado...

*Jairo:* ...vira folclore! Que é o que eu acho, por exemplo, da árvore de Natal, que aí, sei lá, os sábios vão encontrar um monte de motivo pra a árvore, que não sei o quê lá, e a bolinha... eu não sei se isso tem alguma coisa a ver lá com Jesus, na época dos Reis Magos e “papapá” e se tinha lá o tal do... então... não sei, acho que isso, não... No judaísmo também tem muito essa parte de folclore, de quebrar copo, de *Chupá* (*HUP`ÁH*), e não sei o quê lá mais... não tem conotação religiosa aquilo, mas vira coisa que, aliás no judaísmo é engraçado que a quebra do copo, depende da corrente do judeu, ele quebra, ou não quebra. Se ele é *asquenasin* quebra, se ele é *sefaradin* não quebra.

*Entrevistador :* Não sabia que havia essa diferença com relação a quebra de copos.

*Jairo:* Então você vê que mesmo dentro, tem suas divisões e tal, e eu acho tudo uma bobagem, uma grande bobagem. Eu acho... o que é gostoso é curtir o que tiver que curtir pela frente, né? Agora, é o tal negócio, todas as religiões tem um lado mais extremo, dos ortodoxos e... ehm... Eu, Jairo, respeito, mas, “putz”, longe de mim. Seja judeu, seja

xiita, qualquer coisa, eu não... não... principalmente pela minha criação e pela família que eu formei, com a Marta e com meus filhos, quer dizer... não tem nada a ver nenhum tipo de radicalismo e “tô” fora, de judeu mesmo. Com judeu eu já passei por situação que o cara veio querer me convencer. “Ô, ‘bixo’ cuida da sua vida e eu cuido da minha, entendeu?” Aí, no aspecto religião, estamos definidos, cada um na sua, agora vamos...vamos para outro...outro papo, que interessa. Então, eu nesse aspecto sou bem... sou radical ao contrário. Não me venha com radicalismo, que aí eu fico radical. Não quero, não quero saber de ninguém me doutrinar, já estou doutrinado e “tô” feliz, mais ou menos isso. Agora... você... que é a entrevistadora até agora não conseguiu perguntar nada.

*Entrevistador :* Não tem importância, vocês já estão contando o que eu quero saber. Vocês falaram já de vários aspectos da religiosidade de vocês. Mas que aspectos religiosos são importantes na vida de vocês?

*Jairo:* A Marta, na oração diária. Eu sei que ela está ficando mais judia do que católica... porque... nas festas tradicionais judaicas, isso a gente faz, e a Marta já se integrou totalmente...

*Entrevistador :* Judia porque participa ativamente em todas as festas judaicas?

*Jairo:* ... e na católica também, quando... ehm... Então, quer dizer, eu vou responder por mim, eu... eu oro ehm... sempre que posso, e não freqüento como gostaria, mas, quer dizer... eu não sou...

*Marta:* Claro, é que a vida é muito corrida, né? da gente...

*Entrevistador :* Entendo.

*Jairo:* É, mas não sou nenhum adepto, não.

*Marta:* A gente até gostaria de participar mais...

*Jairo:* É.

*Marta:* A Lila cobra muito de querer ir para a sinagoga na sexta-feira, que é *chabat*, não sei o quê... às vezes... o Jairo nunca tem tempo de ir... é complicado, é muita correria, a vida da gente é muito corrida...

*Jairo:* Mas não é falta de vontade, falta é coordenar, porque eu tinha que chegar, parar e falar: “não, pode cair o mundo, que...”, mas isso, até agora, não estou conseguindo fazer, mas pretendo fazer. Quer dizer, eu sempre pretendo, mas um dia eu vou, um dia vou chegar lá, que não é vontade que falta...

*Marta:* É!

*Jairo:* ... é conseguir conciliar.

*Entrevistador:* Entendo.

*Marta:* Mas é assim, a... a minha sogra, eu converso muito com a Catarina, né? E ela me conta tudo que ela sabe, então, eu tenho bastante informação...

*Entrevistador :* Sim ...

*Marta:* ...a respeito do judaísmo e até do catolicismo. Ela me ensina uma porção de coisas, que nem... imaginava, mas como ela é uma estudiosa, ela gosta, então eu aprendo um monte de coisa legal com ela. É muito legal. Eu tenho uma irmã também que trabalha há oito anos numa escola judaica.

*Entrevistador:* Ah, trabalha.

*Marta:* E a minha irmã fala que falta pouco para ela se converter. Ela gosta tanto, ela adora, ela adora!

*Entrevistador:* Entendo.

*Marta:* Sempre que tem as festas, as datas especiais na casa da minha sogra, sempre a minha irmã é convidada. Ela adora, ela curte “pra caramba” e... então, sei lá... e é isso, né? Essa minha irmã, ela, quando conheceu o marido, ele era divorciado, ele é divorciado, e aí, houve uma série de motivos que não podia casar na igreja. E aí, minha mãe ficou atrás de um padre que pudesse fazer o casamento, tal, e aí a gente... minha mãe... apresentaram um padre para minha mãe e o cara só falava em preço, em pagamento, não sei o quê, e a minha irmã chegou à conclusão de que ela não queria. Ela falou “não, eu não quero um padre que... sabe? só fala em dinheiro...” Era super caro... aí, ela convidou o Jairo pra fazer a cerimônia e os dois são católicos, a minha irmã e meu cunhado...

*Entrevistador :* O Jairo oficiou a cerimônia?

*Marta:* ... e foi super lindo! Porque você vê, meus pais, em nenhum momento se opuseram e a minha irmã é mais nova, tava casando né? E... nunca tinha...

*Entrevistador :* Casado antes.

*Marta:* Sim, casado e a cerimônia religiosa foi linda, e o Jairo fez a cerimônia....

*Jairo:* Sozinho!

*Entrevistador :* Sozinho.

*Marta:* ...sozinho...

*Jairo:* Um judeu fazer a cerimônia católica...

*Marta:* É, e aí todo o pessoal da escola em que a minha irmã trabalha, a maioria das professoras, diretora, são todas judias, ficaram, assim, de boca aberta de ver que lindo que... Então isso é muito legal, né?!

*Entrevistador :* A admiração?

*Marta:* Admiração...ficou todo mundo super admirado. Todos perguntando para a noiva: mas... e o seu pai, a sua mãe, católicos, não se incomodaram? Ela falou: “não, ninguém”

*Jairo:* É, que você vê que a família dela também tem essa abertura, né?

*Marta:* Também...

*Entrevistador :* É, estou percebendo.

*Jairo:* É, porque se não tivesse, com certeza, talvez, a nossa relação não ia ser tão legal.

*Marta:* E isso admira as pessoas, né?

*Entrevistador :* As pessoas se admiram?

*Marta:* As pessoas não acreditam... imagina!... né?... Foi muito legal!!

*Jairo:* É, pra mim foi uma honra, assim... enorme...

*Marta:* Foi muito emocionante...!

*Jairo:* Mas no começo eu não queria, porque eu falava: “pô” não tem a ver...

*Marta:* É, não tem a ver.

*Jairo:* O quê tem a ver um judeu ir lá pra...?

*Marta:* Então, mas encontrar uma bênção de Deus, né?...

*Jairo:* É...

*Marta:* E a minha irmã achava que ninguém, um padre, desconhecido, que queria cobrar, não sei quanto... “pô”, será que ele vai fazer com fé, com dedicação? Então, vamos chamar o meu cunhado que eu tenho certeza que vai invocar uma bênção maravilhosa...

Neste momento a esposa vai buscar café e biscoitinhos na cozinha, em seguida serve a todos.

A filha do casal entra na sala para se despedir e dar boa noite.

*Jairo:* Essa aqui é minha filha é corintiana e meu filho torce contra o Corinthians, então

*Entrevistador :* Torce contra o Corinthians?

*Jairo:* É, qualquer coisa menos Corinthians.

*Marta:* Eu nem sei como é que está esse bolinho, a minha secretária fez hoje. Olha, que bom que ela fez! Porque eu não tenha outras coisinhas pra oferecer.

*Entrevistador :* Ah, eu vou experimentar.

*Marta:* Então experimenta!

*Jairo:* Olha, eu experimentei antes achando que era um suflê de frango, pra você ter uma idéia!



- Marta:* Ah, Jairo...
- Jairo:* Verdade...Eu vou botar um caldinho aqui, pra ver como é que vai ficar.
- Marta:* Ah... eu sei que é bom isso, quando a gente consegue se entender...
- Entrevistador :* É bom, se entender.
- Marta:* Porque eu fico imaginando, um casal de religiões diferentes, se não se entende na religião, ah, não vai se entender em nada, né?
- Entrevistador :* Vocês acreditam que seja assim.
- Jairo:* É, é um problema muito sério isso.
- Entrevistador :* É um aspecto da vida, não é? Então...
- Marta:* E assim, com os filhos também... A minha sogra, quando a gente resolveu batizar as crianças, ela morria de medo...
- Jairo:* umas histórias, né, Marta? Ela contou o outro dia.
- Entrevistador :* Que história?
- Jairo:* umas histórias... de um menino que era judeu...
- Marta:* ... e tinha uma babá católica. E os pais do menino precisaram fazer uma viagem, e o menino ficou com a babá. E a babá começou a levar o menino pra igreja. E quando na igreja os padres, bispos, descobriram que o menino era judeu, batizaram o menino e tiraram da família e mandaram para um mosteiro. Então, a Catarina ficou apavorada, até que ela foi conversar com o padre Humberto, que é quem fazia os casamentos inter-religiosos e fez o nosso casamento. Aí, o padre Humberto disse: “Catarina... pelo amor de Deus, quê que é isso? Então... sabe, Catarina, pelo amor de Deus, desencana, não tem nada a ver e tal. Ele deu várias explicações e aí, ficou tudo resolvido. Assim, problemas, assim, graças a Deus, a gente nunca...
- Entrevistador :* Então, surgiu uma dificuldade aí.
- Jairo:* Não é um problema, assim, foi resolvido...
- Marta:* Graças a Deus, né? Na boa.
- Entrevistador :* Surgiu alguma outra dificuldade que deu uma...
- Marta:* Na época da circuncisão, quando o Mauricinho nasceu, eu não sou judia, então eu não estava acostumada... A criança tem que ser novinha, recém-nascida pra fazer a circuncisão e, na verdade, normalmente, eles costumam fazer com um rabino, em casa...
- Entrevistador :* Sim.
- Marta:* ... que corta o “pipizinho” lá em casa. Nós, ainda, nem isso fizemos, a gente levou numa clínica, num urologista judeu, que,
- Jairo:* Até era aqui no Pacaembu, né, Marta?

*Marta:* É, ele depois, ele fez uma oração lá, o que era de praxe, tal, porque se chama *bris* isso...

*Entrevistador :* Sim.

*Marta:* ... quando o menino é bebê, normalmente, é durante a festa. Então, tem uma festa, o menino é circuncidado e aí é o *bris*. E o Mauricinho fez antes da festa, então...Não. Ou fez...? Fez antes. Ou fez depois? Sabe que eu nem lembro?

*Jairo:* É, também não lembro.

*Marta:* Acho que foi antes da festa. Ele tinha acho que treze dias, que ele nasceu de oito meses.

*Jairo:* Prematuro.

*Marta:* Prematuro. Então a gente teve que esperar um pouquinho pra fazer...

*Jairo:* É, e essa espera ehm...

*Marta:* Pra mim foi difícil...

*Jairo:* ...tem até acho que o oitavo dia que as terminações nervosas ainda não estão ligadas.

*Entrevistador :* Ah, sim?

*Jairo:* Por isso que tem esses oito dias, passou do oitavo dia já começa a ser perigoso fazer, porque a criança já vai sentir.

*Marta:* É.

*Jairo:* Por isso que foi feito na clínica, porque tinha passado o prazo.

*Marta:* É.

*Jairo:* Mas...

*Marta:* Mesmo porque a gente teve uma experiência não muito legal com um rabino que foi indicado pra Catarina e ela nos indicou. E o rabino apareceu na minha casa, assim, já querendo ver meu filho, já foi tirando a... e eu fiquei assustadíssima, o Jairo não estava em casa.

*Jairo:* É, eu não aceito isso aí.

*Marta:* É eu fiquei assustada.

*Jairo:* O cara foi mal, o cara fez tudo errado...

*Marta:* É, é, foi mal.

*Jairo:* ... não tinha jeito pra coisa.

*Marta:* E eu fiquei meia traumatizada, né? Aí... Mas tudo... quando a gente se entende, é nesse ponto que eu quero chegar, tudo dá certo, né?

*Entrevistador :* Vocês conversaram e se apoiaram mutuamente.

- Jairo:* É.
- Entrevistador :* As coisas caminham tranquilamente, aí...
- Marta:* É, mas é não é fácil, né? porque...
- Jairo:* Talvez, o quê assustou mais ela foi a minha mãe.
- Entrevistador :* A sua mãe?
- Jairo:* Porque a minha mãe tomou partido, mas, naturalmente ela ia tomar partido, assim como a mãe dela também tomou.
- Entrevistador :* Partido de quem?
- Jairo:* Talvez na hora ela não, não fez por mal. De fazer o *bris*. Foi meio um choque assim, porque... Mas o que importou foi isso, tipo, a gente ignorou a minha mãe e a mãe dela e... vamos... Se tu imagina: eu com a Marta, e minha mãe vem encher minha paciência, e eu vou dar razão pra minha mãe. Pronto, já “tô” brigando com ela. Então... é nesse aspecto que a gente coloca.
- Marta:* É.
- Jairo:* ... vamos tratar do que a gente...
- Marta:* Por isso que eu falo, nós estávamos bem de acordo um com o outro, né?
- Entrevistador :* Entendo.
- Marta:* Quer dizer, o Jairo não tomou partido da mãe e foi contra mim, sabe? E eu também, eu também... não... se meus pais se intrometessem nesse momento, eu também não deixaria, sabe? “Não, o filho é nosso, então nós é que temos que resolver”.
- Entrevistador :* Então, o casal é que toma a decisão em conjunto.
- Marta:* Mas, graças a Deus, nada disso... sabe?
- Jairo:* Não, não foi adiante também, foi só um...
- Marta:* Não, não, foi tudo um... tudo dez...
- Jairo:* Ah, mas também a minha mãe e sua mãe entenderam isso, né?
- Marta:* Ah, lógico! Entenderam, sem problema nenhum.
- Jairo:* A gente não tem um problema...
- Marta:* Não tem... é, nós não temos assim...
- Jairo:* Pra te falar: “Ah, já aconteceu...”
- Marta:* De...em questão das religiões, graças a Deus...
- Entrevistador :* Sem problemas.
- Marta:* ...não temos problemas.
- Jairo:* Nunca aconteceu nada.
- Marta:* Não!

- Entrevistador* : E quando aparece alguma questão...
- Marta*: A gente está sempre falando sobre isso.
- Entrevistador* : Em relação aos seus filhos...
- Marta*: Mas isso com a gente foi bem resolvido...
- Jairo*: É.
- Marta*: ...porque a gente não...
- Jairo*: Aliás, o que a gente decidiu, a maioria dos casais, hoje, decide.
- Entrevistador* : O que decidiram?
- Jairo*: Que é: deixa as crianças crescerem...
- Marta*: As crianças crescem e escolhem, né? A gente mostra os dois caminhos e...
- Entrevistador* : Os filhos vão decidir quando puderem discernir. É assim?
- Jairo*: Sim, só mostramos os caminhos. É isso. A gente está vendo, a maioria está pensando desse jeito.
- Marta*: Eu acho, eu acho que o mais importante na vida da gente é ter uma fé, né?
- Jairo*: É, a fé é fundamental.
- Marta*: Uma fé religiosa, crer em alguma coisa, isso é super importante. Eu acho que sem isso...
- Jairo*: É, ainda mais no mundo que a gente está vivendo aí, que...
- Marta*: ... a coisa não anda, né?
- Jairo*: ...está louco, né? Esse mundo que a gente vive, a fé e a família tendem a ser as únicas coisas que vão dar suporte às pessoas, porque está uma coisa tão, tão alucinante aí, tão errática, né?...
- Entrevistador* : Entendo.
- Jairo*: Ah “pô”, onde que eu vou buscar um papo? Se não é na família, é na religião porque... não vai... na rua você não vai encontrar mais nada.
- Entrevistador* : Vocês entendem que o suporte para a vida de uma pessoa está na família e/ou na religião.
- Jairo*: Como já não está encontrando, né?
- Marta*: É.
- Jairo*: E aí quando a gente conta: “ah, meus filhos se converteram...” as pessoas ficam super admiradas, a gente percebe isso, né? Mas mudando um pouco, o que eu acho é que os problemas surgem no tempo de namoro. Acho que você deveria pesquisar casais que estão namorando. É aí que aparecem os problemas, é quando estão se conhecendo. Quando se casam já sabem tudo. A Marta talvez, talvez pelo tempo de convivência que a

gente teve, ela... ela já casou assim também, já, com... não descobriu muita coisa da religião depois que casou comigo porque foram onze anos de namoro, também, né? “pô”... se ela não conhecer...

*Marta:* O quê, mas o quê? Da sua religião?

*Jairo:* É. Depois... você já casou comigo sabendo.

*Marta:* Não, mas eu me interessei, eu conversei... você não vê como eu conversei com a sua mãe?

*Jairo:* Sim... eu estou dizendo que quando você casou comigo, você já convivia comigo... comigo como judeu...

*Marta:* Ah, sim!

*Entrevistador :* Não foi surpresa.

*Marta:* Não.

*Jairo:* Não, não.

*Marta:* E, e uma coisa legal, a minha sogra... Meu sogro era uma pessoa maravilhosa. Eu tive esse prazer de conviver, né?

*Entrevistador :* O que exatamente foi prazeroso?

*Marta:* Eu convivi pouco com ele, uns dois anos e pouco, tal, mas, mas foi muito legal.

*Jairo:* É, meu pai era um cara... muito carismático.

*Marta:* E eu sabia que ele gostava muito de mim.

*Jairo:* E, isso já é pretensão sua. (risos)

*Marta:* Não é, porque ele falava que... a gente ficava nessas... brigava... separava, voltava, brigava e ele... ele sempre falava pra mim: “eu tenho certeza que o Jairo gosta muito de você, você gosta muito dele, vocês vão acabar juntos”.

*Jairo:* É, ele quis ser político com você.

*Marta:* Mentiroso! Mas o meu sogro era maravilhoso...

*Jairo:* É, é... ele era um cara inesquecível

*Marta:* E contava, assim, sabe? Tinha uma espiritualidade à flor da pele, sabe?

*Jairo:* Era uma pessoa que não tinha inimigo, né, Marta?

*Marta:* Todo mundo gostava...

*Jairo:* Todo mundo. Se você conhecesse, ele tinha um carisma, se você o conhecesse num dia, você não ia esquecer pro resto da vida.

*Marta:* É.

*Jairo:* Ele era radicalmente contra uma pessoa ter que se converter por conveniência, quando se casa.

*Marta:* Será, será que só por conveniência? De repente...

*Jairo:* Pra agradar, é conveniência.

*Marta:* “Eu gosto muito de você... não tem outro jeito ...” (ensaia frases como montando um pequeno teatro)

*Jairo:* Então! Pronto!

*Marta:* “... O quê que eu vou fazer?”

*Jairo:* Ué, conveniência...!

*Marta:* É...

*Jairo:* O quê que vai fazer? Você pode casar no civil... você vê como é fácil resolver o problema.

*Entrevistador :* Uma alternativa.

*Jairo:* Agora, a solução religiosa pra a coisa, ela não é tão simples, quer dizer... Então, esse formato de casamento inter-religioso como foi o nosso, veio de encontro a essa necessidade...

*Marta:* É.

*Jairo:* ...que, volto a dizer, a gente enxerga que a vida, ela tem que ser uma vida de opção. E é só isso, quer dizer, não adianta “ahh, conveniência”. Conveniência vai acabar dando errado em alguma coisa. Pode até ser que na conveniência acabe dando certo, como já aconteceu. Já soube de casos, que a pessoa, por conveniência, se converteu e acabou que... “pô”, acabou se interessando. Aliás, do Antônio é um caso típico, né?

*Marta:* É.

*Jairo:* Que a Verônica se converteu e acabou que ela ficou mais religiosa que... mais do que ele não, porque ele também acabou que é muito religioso. Mas ela se tornou uma judia bem mais judia do que a maioria das judias que eu conheço. E isso é normal acontecer, porque, normalmente, judeu... ele já nasce judeu... a cultura religiosa dele, vamos dizer que ele leva de uma maneira mais “light” do que alguém que está se transformando pra um judeu...

*Entrevistador :* Entendo.

*Jairo:* ... que vai ter que aprender a história a fundo... e isso com certeza, porque eu... eu, como judeu, meu grau de... de conhecimento é bem limitado. Às vezes a pessoa vem falar hebraico comigo, “pô”, como se... tem muito disso, dessa mistura de hebraico com... com judeu, que... Aliás, isso é uma confusão constante, até hoje, o cara acha que

você ser judeu ehm... você nasceu em Israel, número um. Aí, eu falo, bom, então, você é católico apostólico romano, você nasceu em Roma, né? “Não!” Ué, então eu também não nasci em Israel, “pô”, então. Aí, depois, acha que você é judeu, acham que você tem que falar hebraico. “Pô”, não falo, não sei e não quero falar, né? Daí terceiro, o fato de ser judeu, você tem que ir pra Israel porque está escrito não sei onde. Eu, se for, vou, se não for, não vou, porque não tenho... não tenho nenhum desejo disso. Se eu for, é porque eu estou... estou indo fazer uma viagem pela Europa e, de repente... nunca fui, mas não vou dizer que não iria. Mas também não tenho vontade nenhuma de ir. Então tem coisas que se colocam para um judeu, que não têm nada a ver. Ou, pelo menos, na minha ótica não tem nada a ver, sei lá. Porque, “pô”, o quê que eu vou falar? Vou falar pelos outros? Não.

*Entrevistador :* Que desafios vocês encontraram na educação dos filhos.? E, como solucionaram?

*Jairo:* É, o desafio da educação, vem mais dos avôs. E isso é uma coisa superável. E a gente não é bom entrevistado pra falar das superações de divergências religiosas porque, na verdade...

*Marta:* A gente não teve.

*Jairo:* ... não teve. E não tem. E espero que nunca venha a ter.

*Entrevistador :* Me parece que isso é em virtude de uma postura, né? que vem antes...

*Jairo:* É.

*Entrevistador :* Então, já...

*Jairo:* Já entramos... “nós já tava” em velocidade de Cruzeiro quando...

*Entrevistador :* Isso...

*Jairo:* É, é. Mas... eu... eu “tô” entendendo o que você... mas eu, eu não falo pelos outros e, da minha parte, não tenho, não tenho...

*Entrevistador :* Que outros?

*Jairo:* Hm.

*Entrevistador :* Estou perguntando se ...

*Jairo:* Não.

*Entrevistador :* ... a experiência de vocês de superar as dificuldades já está apoiada na postura das famílias, sua e dele, que são bem abertas...

*Marta:* Eu procuro minha sogra. Quando eu brigo com o Jairo...

*Jairo:* ãh?

*Marta:* ... eu, sempre, ou liga, ou quando eu encontro, eu falo. E ela me ajuda muito.

*Entrevistador* : Como ela te ajuda?

*Marta*: Porque ela fala que a minha relação com o Jairo é muito parecida com a relação dela e do meu sogro, porque o Jairo é igualzinho ao pai. Eu não sou igual à minha sogra, mas o Jairo é parecido...

*Jairo*: Não, você é igual ao seu pai também.

*Marta*: O Jairo é muito parecido com o pai dele, então, minha sogra que... normalmente, é ela que me ajuda, que me aconselha. Que dá exemplos do que ela passou, então, sabe? E serve muito, né? Ajuda muito.

*Entrevistador* : Entendo.

*Marta*: A minha mãe é uma pessoa mais fechada, sabe? A minha mãe não é uma pessoa assim... A minha sogra é mais aberta, eu tenho... meu pai é muito aberto, posso escancarar com ele que... conversar sobre qualquer coisa. Então, eu, a gente nunca, graças a Deus, assim, os problemas que a gente teve, fora assim de religião, sempre eu converso com a minha sogra...

*Jairo*: Olha, o que eu tenho pra te falar, antes já te contei a história de antes de conhecer a Marta, que isso foi... não vou dizer que foi trauma porque, eu sou difícil de ter algum trauma, eu meio que deleteo e... mas foi uma coisa marcante...

*Entrevistador* : Entendo.

*Jairo*: ... porque até então, eu... eu, não vou dizer que eu via preconceito, mas eu via uma restrição do judeu para com o católico.

*Entrevistador* : Como?

*Jairo*: Na minha fase de adolescente. Isso eu vi, eu convivia. Eu não fui freqüentador de Hebraica, de nada disso, mas eu tinha amigos judeus. E assim, muito mais católicos do que judeus, mas tinha amigos judeus, sempre tive...

*Marta*: Os judeus é que se...

*Jairo*: É, os meus amigos...

*Marta*: ... eles se afastaram...

*Jairo*: ... eles eram fechados, assim. E por criação, não por opção também, viu? Porque você via que não era... não era a vontade do cara, o cara já foi moldado pra ser daquele jeito meio não...

*Entrevistador* : Como?

*Jairo*: ... tipo, não é não se misturam também, que é uma coisa radical, não é isso. Ehm... principalmente no aspecto namoro, tal, de envolvimento emocional. E... eu sempre reparei isso. E eu fui sofrer isso ao contrário, quando fiquei com essa pessoa, com essa...



com essa minha ex-namorada, ex-noiva, sei lá. Que isso aí pra mim foi um choque, assim, apesar de não ter sido um trauma, foi um choque. Porque eu falava, “pô”, que eu saiba isso é ao contrário, não é pra mim. Eu sou judeu, quê que é, né? Por quê que eu...? Então, na época, até que fiquei questionando: “ ‘pô’ ”, ‘peraf’, será que... como é que funciona isso aí?” Aí depois foi que eu falei “pô”, os caras são ignorantes. Porque também não sabem nem justificar isso aí. Mas o fato é que foi... foi... meu relacionamento foi pro vinagre e acabou. Quer dizer, foi um fato ehm... marcante. Quando, na verdade, eu achava que eu era imune a isso, porque eu falava: “ ‘pô’”, eu não tenho isso contra ninguém, quer dizer, eu não vou usar disso contra ninguém e não vai ser usado contra mim”. Ledo engano, né? Porque..., mas também... mas foi a única coisa assim que eu lembro que não sei se essa... essa minha experiência, ela está, seguramente, uns 25 anos desatualizada... 25 não, tenho 26 com você, uns quase 30 anos desatualizada, mas foi... foi, porque era uma coisa assim... E eu estranhava meus amigos com isso aí. Hoje, eu não vou dizer de conviver com adolescente nem nada, não sei como é que é...Eles convivem bem, né, Marta?

*Marta:* É.

*Jairo:* ... mas eu não vejo mais, é, quer dizer, por isso que eu “tô” falando. A coisa “tá” ficando menos... agora, menos ehm... radical, mas se você pegar as famílias tradicionais judaicas... hmmm! Não tem como escapar disso, não tem como escapar. A gente até brinca em casa que meu irmão mais velho foi o último a casar, e casou com uma judia.

*Marta:* É.

*Jairo:* Mas casou com uma judia que conheceu num casamento inter-religioso.

*Marta:* Da prima dela.

*Jairo:* ...da prima dela, mas...

*Marta:* Que estava casando com um católico.

*Jairo:* Com um católico. Que... que... foi uma coincidência porque nunca a gente buscou saber “de quê religião você é?”

*Marta:* Escolher entre essa ou aquela, é...

*Jairo:* Nada a ver, nada a ver. Mas eu... eu sinto assim, que eu não sou o exemplo certo da sua pesquisa.

*Entrevistador:* Não, não se preocupe com isso. Porque, como eu falei, eu não estou procurando um modelo ou melhor, eu estou procurando conhecer as experiências das pessoas.

*Jairo:* Hum.

*Entrevistador :* Então, de vocês é uma, de outro casal é outra.

*Jairo:* Sim.

*Entrevistador :* Cada um vai ter uma experiência diferente.

*Jairo:* Ahh, é.

*Entrevistador :* Mas a minha pesquisa mesmo é entender vários tipos de experiência.

*Marta:* Uhum.

*Jairo:* Olha, você está saindo daqui conhecendo quê que é um casamento inter-religioso...

## **APÊNDICE B – Declarações**

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, ..... abaixo assinado, declaro que fui suficientemente esclarecido acerca dos objetivos e procedimentos da pesquisa visando a pesquisa do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, UMESP, sob a responsabilidade do Prof. Dr. James Reaves Farris, com o título "**Casamentos Inter-religiosos : desafios de conviver com diferentes tradições religiosas e o de orientar os filhos para formação espiritual.**", conforme se segue: que, ao responder ao questionário, não serei submetido a desconforto ou risco que comprometa minha integridade física e moral; que posso me recusar a participar da pesquisa, não respondendo ao questionário, sem que sofra qualquer tipo de penalização; que as minhas respostas dadas no questionário serão mantidas sob sigilo, de forma a não permitir minha identificação e garantir minha privacidade; que os resultados serão publicados; que minha participação é voluntária e não será remunerada. Diante do exposto, manifesto minha concordância em participar da pesquisa e com a publicação dos resultados. Para isso, assino em duas vias de igual teor, das quais uma via será por mim retida.

---

São Paulo,            de abril de 2009.

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – (CEP – UMESP)****DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR**

Eu, Christina Takatsu Winnischofer, pesquisador responsável pela pesquisa denominada "**Casamentos Inter-religiosos: desafios de conviver com diferentes tradições religiosas e o de orientar os filhos para formação espiritual.**", declaro que:

- Assumo o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados para se atingir os objetivos previstos na pesquisa;
- os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade da Universidade Metodista de São Paulo;
- os resultados da pesquisa serão tornados públicos em periódicos científicos ou em encontros, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa, não havendo qualquer acordo;
- o CEP-Umesp será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa, por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da interrupção da pesquisa; assumo o compromisso de suspender a pesquisa imediatamente ao perceber possível risco ou dano, conseqüente à mesma, a qualquer um dos sujeitos participantes, que não tenha sido previsto no termo de livre consentimento.

São Bernardo do Campo, 20 de janeiro de 2009.

Christina Takatsu Winnischofer

CPF: 129.644.018-45

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)